

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA**

**ANA CRISTINA CESAR LÊ DRUMMOND**

**Sílvia Maria Fernandes Cipullo**

**Florianópolis, agosto, 1994.**

**Sílvia Maria Fernandes Cipullo**

**Ana Cristina Cesar lê Drummond**

**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária - da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração em Literatura Brasileira.**

**Orientação : Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Lúcia de Barros Camargo**

**Florianópolis, agosto, 1994.**

**ANA CRISTINA CESAR LÊ DRUMMOND**

**SÍLVIA MARIA FERNANDES CIPULLO**

Esta dissertação foi julgada para a obtenção do título

**MESTRE EM LETRAS**

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira/Teoria Literária da  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

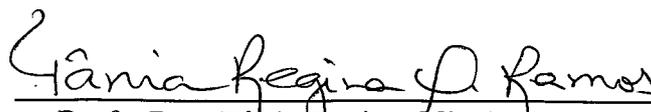
**Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo**  
**ORIENTADORA**

  
**Prof. Dr. Walter Carlos Costa**  
**COORDENADOR DO CURSO**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
**Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo**  
**PRESIDENTE**

  
**Profa. Dra. Vilma Arêas**

  
**Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos**

---

**Profa. Dra. Rita de Cassia Barbosa**

## **Dedicatória**

**Ao Roberto, meu amor**

**À minha filha adorada, Roberta Maria**

**À minha Mãe querida**

**Ao meu Pai (in memoriam)**

**À minha inesquecível amiga, Nenê (in memoriam)**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e sobretudo, a Deus, Suprema Verdade, por me iluminar e mostrar o caminho.

Agradeço especialmente à orientadora e amiga Prof. Maria Lúcia Camargo, que, durante toda a pesquisa, incentivou-me e muito contribuiu com sua competência e figura humana para que eu chegasse até aqui.

À querida amiga Clarmi Régis, que em todos os momentos se fez presente com sua amizade, seu carinho e sua ajuda.

Ao Prof. Luis Conte, pela ajuda que me deu em algumas dificuldades.

À amiga Maria Cecília Pessoa, que me deu suporte emocional e psicológico durante este trabalho.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pela concessão da bolsa de Mestrado que permitiu a oportunidade de desenvolver este trabalho.

## RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho é a marginália de Ana Cristina Cesar contida num exemplar do livro Reunião de Carlos Drummond de Andrade.

Além de trazer a público um material manuscrito inédito, através da transcrição da marginália, pretende-se fazer uma reflexão crítica, enfocando a leitura como elemento produtor e tentando depreender conceitos de poesia, poema e poeta oriundos dessas anotações.

Portanto, a essência desta análise é saber como Ana Cristina Cesar, lê Carlos Drummond de Andrade, o poeta consagrado.

## SUMARY

The subject of this dissertation is the Ana Cristina Cesar's marginal notes present in a Carlos Drummond de Andrade's exemplar of the book Reunião.

Besides introducing to the public this inedit manuscrit material there is the intention to do a critical reflexion focalizing reading as generator element trying to conclude concepts of poetry, poem and poet resulting from these notes.

Therefore, the essence of this analysis is to know how Ana Cristina Cesar reads the consagrated poet Carlos Drummond de Andrade.

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>01</b>
<b>II. - Algumas Reflexões Teóricas .....</b>	<b>09</b>
<b>III. - Rastreamento de uma Leitura .....</b>	<b>18</b>
<b>IV. - Algumas Conclusões.....</b>	<b>48</b>
<b>V. - Transcrição.....</b>	<b>59</b>
<b>Alguma Poesia .....</b>	<b>62</b>
<b>Brejo das Almas .....</b>	<b>68</b>
<b>Sentimento do Mundo.....</b>	<b>71</b>
<b>José.....</b>	<b>75</b>
<b>A Rosa do Povo.....</b>	<b>80</b>
<b>Novos Poemas .....</b>	<b>103</b>
<b>Claro Enigma .....</b>	<b>108</b>
<b>Fazendeiro do Ar.....</b>	<b>125</b>
<b>A Vida Passada a Limpo .....</b>	<b>133</b>
<b>Lição de Coisas.....</b>	<b>139</b>
<b>4 Poemas .....</b>	<b>147</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>152</b>

**ANA CRISTINA CESAR LÊ DRUMMOND**

A leitura é condutora do desejo de escrever.  
... e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito.

R. Barthes

## 1 - INTRODUÇÃO

Poeta que se destaca na "geração anos 70", Ana Cristina Cesar produziu um tipo de poesia fortemente marcada por um tom subjetivo, íntimo, aparentemente confessional, mas paradoxalmente construída a partir de intensa relação intertextual. Ana Cristina procede a uma forte releitura da tradição literária, especialmente da poesia brasileira moderna, efetivando escolhas, exercendo a crítica e realizando uma poesia em que muitas vozes falam <sup>1</sup>, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Baudelaire, Drummond, entre outros. Como diz Flora Süssekind, em Ana Cristina Cesar "a subjetividade é antes de tudo literária" <sup>2</sup>. Literária em sentido pleno : construída esteticamente e construída de literatura.

---

<sup>1</sup> Cf. CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Atrás dos olhos pardos : uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar. São Paulo : USP, 1990 (tese de doutorado), especialmente o capítulo "Vampiragem".

<sup>2</sup> Flora Süssekind., Literatura e vida literária : polêmicas, diários e retratos. p. 78.

Se a poesia de Ana Cristina se constrói, quase explicitamente, a partir da leitura de outros poetas, a pesquisa de pistas sobre as leituras efetivamente realizadas pela poeta podem ajudar na compreensão tanto da poesia produzida, como nas relações que se estabelecem entre as várias gerações de poetas, abrindo caminho para a reflexão sobre as teias que se tecem na história literária contemporânea.

Assim, o objeto de estudo desse trabalho são as "anotações à margem" que Ana Cristina Cesar fez a um exemplar da 1ª edição de Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, editado pela José Olympio, em 1969, exemplar este, presente da poeta a sua mãe, posteriormente, retomado por ela para suas anotações<sup>3</sup>. Através desta marginália é possível saber, por exemplo, como Ana Cristina Cesar leu Carlos Drummond de Andrade, ou seja, como uma poeta dos anos 70 leu um poeta consagrado. É possível constatar um diálogo.

Pretende-se, pois, por meio desta marginália, contribuir para possíveis reflexões sobre a poesia brasileira contemporânea, trazendo a público um material manuscrito inédito. Além disso, pretende-se fazer uma reflexão crítica sobre alguns elementos que contribuem para a formação da poeta Ana Cristina, enfocando a leitura como elemento produtivo da poesia, através de uma leitura das anotações de Ana Cristina Cesar. Na medida do possível, busca-se, também, depreender os conceitos de poesia e de poema, sua postura quanto à linguagem, à palavra, ao poeta e ao tempo, estabelecendo relações com Drummond quanto a esses mesmos conceitos.

Mas como Ana Cristina Cesar lê Drummond? E por que Drummond?

Talvez, como diz Maria Lúcia Camargo em "Atrás dos Olhos Pardos"<sup>4</sup>, haja em Ana Cristina Cesar uma busca da palavra de mulher na relação com os modelos masculinos, entre eles um modelo específico: Drummond.

Embora outros poetas, como Bandeira e Baudelaire, estejam muito mais presentes na poesia de Ana Cristina, ao longo de sua obra poética Ana Cristina Cesar estabelece com Drummond uma relação de amor, de inveja e, às vezes, de ódio. É Ana Cristina quem diz no livro A teus pés, no poema "Conversa de Senhoras":

.....

---

<sup>3</sup> Estas informações foram prestadas por Maria Luíza Cesar, que, gentilmente, nos deu acesso a esse material, propiciando esta pesquisa.

<sup>4</sup> Cf. nota 1.

"Escritor não existe mais  
Mas também não precisa virar deus."  
(p. 19)

Enfatizando que não há mais o gênio isolado, nem obra-prima singular, a poeta toca aqui, veementemente, na "aura do autor" e em sua perda. Mas, ainda no mesmo poema, escolhe :

"Não sei dizer, fiquei com o gauche "

É como se Ana Cristina se apropriasse do disfarce do eu na personagem torta de Drummond, isto é, o sujeito lírico da poeta calça "luvas de pelica".

Em "E elas leram ..." , Maria Lúcia Camargo observa que, na poesia de Ana Cristina, há "três poemas que explicitam a sua leitura de Drummond e traçam a trajetória de seu jogo amoroso" <sup>5</sup> .São eles :

"Lá onde cruza com a modernidade, e meu pensamento passa como um raio, a pedra no caminho é o time que você tira de campo." <sup>6</sup>

Embora o poema "No meio do Caminho" não tenha recebido nenhuma notação de Ana Cristina no volume de que trata este trabalho, pode-se observar, na seqüência dos três poemas, que "a pedra continua em campo, continua no caminho" <sup>7</sup> , como se lê no poema abaixo:

"pedra lume  
pedra lume  
pedra  
esta pedra no meio do  
caminho  
ele já não disse tudo,  
então? "

(Inéditos e Dispersos, p.191)

---

<sup>5</sup> in Travessia nº 21, Florianópolis, Editora da UFSC, 2º semestre, 1990, p. 160-171.

<sup>6</sup> "Inéditos e Dispersos", p.152.

<sup>7</sup> CAMARGO, M. L. "E elas leram..." , op. cit., p.166.

Pode-se dizer, assim, que o silêncio de Ana Cristina Cesar em relação a alguns poemas, ou seja, as não-marcas, também são um momento de linguagem, pois, segundo Sartre, o "silêncio é um momento da linguagem "calar-se não é ficar mudo, é recusar-se a falar, logo, ainda é falar"<sup>8</sup>.

Nas marcas que se podem ler nesse trabalho, nota-se uma constante preocupação e busca, (por parte de Ana Cristina Cesar), quanto à poesia, ao fazer poético, à aura do autor, à literatura.

Em sua preocupação de perseguir as "definições" de poesia e de poema, parece que Ana Cristina Cesar busca uma definição para a poesia de seu tempo e para a sua própria poesia. Busca, para poder dizer, depois, que "ele já não disse tudo, então ? "

No entanto, se, como diz Foucault : "na medida em que aquele transcreve suas leituras, apropria-se delas e as faz sua verdade", pode-se dizer que as anotações - marcas e não-marcas - que Ana Cristina traça às margens dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, lhe permitiram chegar à conciliação dos três versos iniciais de outro poema :

"Volto pra você.  
Sempre estive aqui,  
nunca me afastei do ouro de Itabira."

(Inéditos e Dispersos, p.197).

Voltar a poetas famosos, como no caso Drummond, seria o modo de a poeta reinventá-los, inová-los, pois em toda sua trajetória, tanto poética como ensaística, destaca-se a constante preocupação em precisar a diferença entre o inédito e o novo, sendo que o novo é o "reinventado".<sup>9</sup>

Convém enfatizar que o material a ser analisado neste trabalho não é a obra de Drummond, e sim a leitura que Ana Cristina Cesar fez dele, através de suas anotações marginais. Trata-se, primordialmente, de um trabalho de transcrição dos manuscritos, com algumas reflexões sobre eles.

---

<sup>8</sup> SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura ? Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo; Ática, 1989, p. 22.

<sup>9</sup> Em seus ensaios a poeta deixa claro que o trabalho revolucionário de um escritor se dá a nível de linguagem e reforça que esse trabalho não pode prescindir da manipulação inevitável da tradição literária. Posição diferente da poesia chamada marginal, onde o poético que é visado não é poético de linguagem e sim um poético vivido.

Para ler este texto de Ana Cristina Cesar, poeta dos anos 70, é necessário vê-la como leitora de Drummond, poeta consagrado, e refletir também sobre a leitura propriamente dita.

Para esse empreendimento, foi necessário desenvolver o trabalho em duas direções : de um lado, a pesquisa propriamente dita - a transcrição dos manuscritos, com o correspondente estabelecimento de metodologia e convenções; de outro, a leitura das anotações, da obra poética dos dois poetas envolvidos (Ana Cristina / Drummond), de textos sobre estas obras e, ainda, de textos que teorizam sobre a problemática da leitura em relação com a escritura.

Com o objetivo de facilitar a leitura dessa marginália, é necessário que se faça, primeiramente, uma descrição, mesmo que sucinta, desse material.

Ana Cristina Cesar utilizou-se, em suas anotações, de vários tipos de marcas, as quais podemos agrupar em : grifos, sinais nos títulos dos livros ou dos poemas, pontos de interrogação e exclamação, setas, chaves, colchetes, parênteses, traços verticais, paralelos e anotações escritas compostas de palavras, frases, ou, até mesmo, fragmentos.

Convém registrar que há , dentro do exemplar trabalhado, quatro folhas soltas, manuscritas, contendo anotações mais densas. A primeira delas é sobre o poema "Mãos Dadas", do livro Sentimento do Mundo ; a segunda é sobre o poema "Fragilidade", do livro A Rosa do Povo ; a terceira é sobre "Conclusão", do livro Fazendeiro do Ar , e a quarta "A Palavra e a Terra", do livro Lição de Coisas.

A poeta coloca também, em todas as páginas ímpares no alto e à esquerda, as iniciais dos nomes dos livros a que pertencem os poemas, exceção feita a 4 Poemas. Tais abreviaturas, que também passo a usar neste trabalho, são : AP (Alguma Poesia); BA ( Brejo das Almas ); SM ( Sentimento do Mundo ); RP ( A Rosa do Povo ); CE ( Claro Enigma ); FA ( Fazendeiro do Ar ); AVPL ( A Vida Passada a Limpo ); LC ( Lição de Coisas ).

Com a finalidade de uniformizar o trabalho de transcrição e fazer com que a leitura da marginália seja a mais fidedigna<sup>10</sup> possível, foram adotadas algumas convenções, e estabelecidos certos critérios.

Primeiramente, decidi-me pelo recurso de diferenciação tipográfica optando por três tipos de letras : caixa alta e negrito para os títulos dos poemas que mereceram algum tipo de anotação; caixa alta sem negrito para os não assinalados e itálico para as anotações marginais de Ana Cristina Cesar.

---

<sup>10</sup> Cf. "Convenções".

Na transcrição, a folha foi dividida em três partes; à esquerda ficam as numerações das páginas<sup>11</sup>, seguidas dos versos de Carlos Drummond de Andrade; no meio, as convenções estabelecidas e, à direita da folha, em itálico, as anotações de Ana Cristina Cesar. Entretanto, com o alinhamento dos versos de Drummond à esquerda, em alguns poemas foi desrespeitada a diagramação original, por uma questão de espaço, para a transcrição da marginália.

Faço também o seguinte esclarecimento : devido à falta de recursos técnicos, não foi possível transcrever certos sinais como, por exemplo, o retângulo, o quadrado e o círculo que circundam palavras e versos. As palavras, os versos e as estrofes destacadas por esses sinais estão apontadas na transcrição pelo duplo sublinhado, seguidos dos símbolos entre parênteses, ao lado, a indicação numérica dos versos a que eles se referem.; quando um verso estiver ligado com a preposição a isto quer dizer que um verso liga a outro; em contrapartida, quando estiver ligado a um hífen, significa que engloba textos. EX.: v.15 a 25 → liga, 15-23 → engloba todos.

Outro ponto a ser esclarecido são as anotações na parte superior de folha ou rodapé, anotações estas que, às vezes, vêm acompanhadas de versos e, outras vezes, não estão relacionadas a eles e sim ao todo do poema.

No tocante às setas utilizadas por Ana Cristina Cesar, vemos que, em alguns casos, a seta, além de decodificar vocabulário, tem a função de ligar um verso ou uma palavra a uma determinada anotação, constituindo-se, uma boa parte das vezes, anotações metalingüísticas. Por isso, resolvi repetir essa mesma palavra entre colchetes na coluna das anotações, a fim de evidenciar a referência da anotação.

Quanto aos traços, chaves, parênteses, colchetes utilizados pela poeta, que indicam tanto divisão do poema, como também fazem referência a um verso ou a uma estrofe, optei pela convenção "(...)", seguida da marcação dos versos.

Chamo atenção, também, para o fato de que numerei todos os versos dos poemas, excluindo-se três: "O Enigma", "Quintana's Bar" e "A um Hotel em Demolição", pois são poemas total ou parcialmente em prosa.. Essa numeração dos versos visa a ajudar o leitor a, mesmo usando outras edições da obra de Drummond, ser capaz de reconstituir, com bastante proximidade, a localização das anotações.

---

<sup>11</sup> Para evitar a redundância de numeração das páginas, optei por não repetir páginas iguais.

Assim, relacionei na transcrição todos os poemas assinalados e os não-assinalados, mantendo-me fiel à acentuação gráfica do original, não atualizada, do mesmo modo que foram respeitadas e reproduzidas as abreviaturas utilizadas por Ana Cristina Cesar.

Quanto à transcrição das anotações existentes nas folhas de rosto, as necessárias mudanças na convenção estão explicitadas no local.

Em vista das características do trabalho desenvolvido, o que se lerá apresenta, na parte II, algumas questões teóricas sobre a leitura; na parte III, um "Rastreamento" , livro a livro, de aspectos que julguei mais importantes nas anotações; na parte IV, uma tentativa de extrair conclusões para, finalmente, na parte V, apresentar a marginália devidamente transcrita.

## *II. - Algumas Reflexões Teóricas*

**"Interrogar a minha própria leitura é tentar captar a forma de todas as leituras."**

**Roland Barthes**

Para analisar a marginália de Ana Cristina Cesar contida no livro Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, é necessário talvez buscar o sentido etimológico de marginália: "Anotações à margem de um livro " ou "Feito ou elaborado à margem de algum assunto".

Essa marginália, objeto deste estudo, abarca tanto o sentido etimológico, porque são anotações de Ana Cristina Cesar à margem do livro Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, como também o sentido de marginal, pois não está inserido nos ditames dos gêneros literários: não é ensaio - é um texto que fica às bordas de ...

Neste sentido, uma possível abordagem desse texto seria considerá-lo como um gênero novo, embora possa ser considerado por muitos críticos como um "gênero menor".

Para Rubione <sup>1</sup>, se todo texto pressupõe uma norma, em toda transgressão emerge a lei como garantia de legitimidade.

E é nesse movimento de aceitação e rejeição, de incorporação e superação que alguns explicam a aparição de gêneros novos.

Vemos então que as fronteiras do que é literário e não-literário são flutuantes, variando historicamente, o que vem enfatizar a definição de Josefina Ludmer <sup>2</sup> de que gênero é sempre um debate social.

Ainda segundo Rubione <sup>3</sup>, os conjuntos de obras aparentemente polimorfos apresentam muitas denominações, como, gêneros menores, gêneros vulgares, contraliteraturas, espécies menores, literaturas marginais, paraliteraturas, subliteraturas. Dentro dessas denominações estão a autobiografia, a reportagem, as memórias, os prólogos, os diários de viagem, as historinhas, as fotonovelas, os folhetins, as piadas, a literatura rosa, gótica, de cordel, policial, a novela negra, os cadernos de notas, etc.

Com esses dados, esse autor quer indicar que qualquer gênero, qualquer forma, pode aspirar a residir na instituição literária e que os gêneros são "menores" ou "maiores" desde um lugar, em algum nível de si mesmo e em relação a outras obras e a outra cultura. Podem, portanto, ser literatura marginal em um ponto e oficiais em outro.

Para abreviar, gênero menor (em que podem ser inclusas as anotações marginais) é um conceito móvel que se define, cada vez, por seu uso e pelo tipo de oposição. Portanto, a denominação gêneros menores para as "anotações marginais" é discutível, podendo-se encarar o seu estudo através de três formas:

- teorizar uma análise profunda deles, tendo em vista suas especificidades.
- observar suas possíveis relações com a literatura maior; ou, ainda,
- considerar a vinculação com outras séries culturais ou históricas.

---

<sup>1</sup> RUBIONE, Alfredo V.E. "Reflexiones sobre una trayectoria marginal : los generos menores", in Lecturas Críticas, Revista de Investigación y teoría literárias, nº 2, Argentina, Júlio de 1984, p. 35-45.

<sup>2</sup> LUDMER, Josefina. "Un genero es sempre un debate social", in Lecturas Críticas, Revista de Investigación y teoría Literárias, Argentina, nº 2, Julho de 1984, p.46-51.

<sup>3</sup> op.cit.

Poder-se-ia dizer que as anotações marginais de Ana Cristina César tomam uma série de pontos-chaves dos poemas de Drummond e os recontextualizam, dando-lhes novas interpretações.

Crê-se, assim, que tais anotações estão mais próximas da 2ª forma, isto é, em relação com a literatura maior, no caso, Drummond, ficando evidente que todo objeto é estudável em múltiplos ângulos, dependendo do que se estuda e da estratégia adotada no trabalho.

Outro ponto também muito importante nesse tipo de texto é a questão do leitor. Ana Cristina Cesar, com as anotações marginais no livro Reunião, de Drummond, mostra-se uma leitora de Drummond. Para o empreendimento desta viagem leitura-escritura, além de intuição e sensibilidade, são necessários subsídios teóricos sobre o texto, sobre o leitor e sobre a própria leitura. Como diz Barthes <sup>4</sup>, o leitor é o lugar onde se encontra uma multiplicidade de escrituras, oriundas de várias culturas, e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia ou em contestação.

Usualmente, o ato de ler está relacionado com a escrita, e o leitor, com o decodificador da letra.

Contrariando esse conceito, Roland Barthes <sup>5</sup> enfatiza a leitura como "travessia", como aquela que sobredifica, não decifra, mas a que produz; aquela que amontoa linguagens, que se deixa infinita e incansavelmente atravessar por elas.

É preciso, pois, para analisar esse texto "fragmentado", ver Ana Cristina Cesar como leitora e focar a leitura propriamente dita, tendo em vista que o aprendizado da leitura é solitário, embora se desenvolva e se desencadeie na convivência com os outros e com o mundo. A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, a leitura desta implicando a continuidade da leitura daquele.

Sartre <sup>6</sup> diz que o objeto literário é um estranho pião que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir, é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar. Ler implica prever, esperar.

---

<sup>4</sup> BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. Trad. de Mário Laranjeira, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 70.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 51.

<sup>6</sup> SARTRE, Jean Paul. "Por que escrever ? op. cit., p.35.

Segundo Barthes ,

"propor o sistema de leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpreta-lo livremente, e, principalmente, e muito radicalmente que não é verdade objetiva ou subjetiva de leitura, mas apenas verdade lúdica e o jogo deve ser entendido não como diversão, mas como trabalho"<sup>7</sup>.

Essa noção de trabalho também é vista para alguns teóricos do grupo Tel-Quel na concepção de texto: "O texto é totalidade concreta, vista ao mesmo tempo como produto decifrável e trabalho transportador", e para Barthes, "O texto se faz, se trabalha através de um perpétuo entrelaçamento, e perdido nesse tecido, nessa textura, o sujeito se faz e se desfaz como uma aranha", <sup>8</sup> enfatizando que o texto só se prova num trabalho, numa produção.

Para Júlia Kristeva <sup>9</sup> o texto é uma "intertextualidade"; é observação e transformação de uma multiplicidade de outros textos. Intertextualidade, como uma rede de convenções, não só com outros textos, mas também, de conexões internas, é diálogo com outros textos e também consigo mesmo. A autora afirma, ainda, em vários de seus estudos, que o texto literário é apenas um tipo de prática significante, ou seja, um processo de produção de sentidos, que não deve ser visto, portanto, como uma estrutura já feita, mas como uma estruturação, um objeto que produz e transforma o sentido antes que esteja pronto. De modo que o texto, enquanto prática significante, é fundado por uma escritura operadora de sentido, emergindo do processo de produção textual, processo que deve levar em conta, ainda, as relações entre a existência e o texto, entre essas duas formas de intertextualidade e a escritura geral no jogo em que elas se articulam.

Pode-se dizer também que na área da leitura não há um processo da compreensão de texto escrito, mas que há vários processos de leitura, sempre ativos, tantos quantos forem os objetivos do leitor, muitas vezes estes últimos determinados pelos tipos ou formas de textos.

Voltando a Barthes <sup>10</sup>, aprendemos que o texto não pode ser entendido como objeto computável, pois não é um produto acabado que traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo. Uma das atividades do leitor, fortemente determinada pelos seus objetivos e expectativas, é a formulação de hipóteses de leitura. O leitor constrói e não apenas recebe um significado global para

---

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. op. cit., p. 42.

<sup>8</sup> Idem, ibidem.

<sup>9</sup> KRISTEVA, Júlia. "Le contexte pressupposé", in *Du langage poétique*, Paris, Seuil, 1970, p.337-358.

<sup>10</sup> BARTHES, Roland. op. cit., p. 72.

o texto. Ele procura pistas formais, antecipa estas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões. As anotações de Ana Cristina são exemplos dessas afirmações.

Outras colocações sobre o texto especificamente literário procuram delimitá-lo através de três postulados fundamentais<sup>11</sup> :

- a linguagem poética é a única infinidade do código.
- o texto literário é diálogo: escritura leitura.
- o texto literário é uma rede de conexões.

Por infinidade do código, devemos entender que a fala no texto literário está submetida às normas da língua, mas opera uma liberdade, segundo as condições que ela mesma cria, à medida que se produz. Assim, o texto literário só é legível numa abertura para a infinidade do código recriado (e, ao mesmo tempo, adequado a um sistema complementar de códigos), cada vez, por uma escritura e por uma leitura.

O texto literário como diálogo escritura-leitura é muito enfatizado pelo grupo Tel-Quel. Ler aparece como um ato de escritura, e escrever revela-se como um ato de leitura, de tal sorte que ler e escrever não são senão momentos simultâneos de uma mesma produção. Assim a leitura deve ser considerada como escritura que transforma o texto e permite ler um outro texto, de tal forma que a superfície do texto torna-se o produto de um espaço de "n" dimensões.

Considerar o texto como rede de "conexões " deve-se à relação que todo texto entretém com outros enunciados, com outros textos, formando com esses uma superfície.

Com relação à definição de Júlia Kristeva de que o texto é intertextualidade, podemos relacionar a afirmação de Barthes sobre o texto como "tecido de citações". Ainda Barthes : "texto é plural, realiza o próprio plural do sentido. O plural prende-se não à ambigüidade dos conteúdos, mas à pluralidade esterográfica dos significantes que o tecem" <sup>12</sup> . "O texto é dilatário, o seu campo é

---

<sup>11</sup> Ver, especialmente, as formulações do grupo Tel-Quel, a que estavam ligados Roland Barthes e Júlia Kristeva.

<sup>12</sup> BARTHES, Roland. op.cit., p.69

o do significante"<sup>13</sup>. Pode-se perceber, através de várias definições de Barthes sobre o texto, que ele prioriza o significante, fazendo uma resistência à interpretação.

Portanto, ao lermos a marginália de Ana Cristina Cesar no livro Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, nota-se que a leitura foi um produto consumido e devolvido em produção, onde a cadeia dos desejos começa a desenvolver-se e cada leitura vale pela escritura que ela gera, até o infinito, ainda citando Barthes.

Sartre<sup>14</sup> também enfatiza que a operação de escrever implica a de ler, como seu correlato dialético, e esses dois atos necessitam de dois agentes distintos.

A afirmação de Barthes<sup>15</sup> de que a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem, enfatiza a idéia de que o autor entra na sua própria morte quando a escritura começa<sup>16</sup>. Curiosa ou sintomaticamente, Ana Cristina apõe ao poema "Os Últimos Dias" (RP) uma longa anotação barthesiana.

Esta afirmação de Barthes puxa outra definição de texto como espaço de dimensões múltiplas onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original. Definição mais do que adequada à própria obra poética de Ana Cristina.

Com essas afirmações, Barthes ratifica que o texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram em diálogo umas com as outras, em paródia, em contestação; porém esse lugar onde essa multiplicidade se reúne não é o autor e sim o leitor. O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem. E quando nasce o leitor, o autor morre.

Portanto, ler a marginália de Ana Cristina Cesar no livro Reunião, de Drummond aparece como um ato de escritura, e escrever sobre o texto de Ana Cristina Cesar revela-se como um ato de minha leitura, de tal modo que a leitura que eu faço deve ser considerada como escritura que transforma o texto e permite ler um outro texto da mesma maneira que a superfície do texto torna-se um espaço de "n" dimensões.

Michel Picard<sup>17</sup>, em seu texto "A leitura como um jogo", enfatiza o movimento da leitura, a sua vivacidade. Para ele, ler é fazer. Dedicando-se ao jogo, o leitor pretende ultrapassar o escritor para uma compreensão mais completa,

---

<sup>13</sup> idem, ibidem, p.50

<sup>14</sup> SARTRE, Jean Paul. escrever- ler → para que escrever? correlativo, p. 37

<sup>15</sup> Cf. BARTHES, Roland. "A morte do autor", op. cit, p. 65

<sup>16</sup> Cf. "O Grau Zero da Escritura", onde Barthes discute o conceito de escritura.

<sup>17</sup> PICARD, Michel. "La lecture comme jeu", Poétique n° 58, Paris, Seuil, 1984, p. 253-263.

acabada e custosa de seu texto, apropriando-se do objeto e reformulando-o, triunfando, mas dentro do "pai" morto. Picard, afirma, ainda, que escrever é apelar ao leitor para que este faça passar a existência objetiva, o desvendamento que empreende por meio da linguagem.

Portanto, também para Picard, escritura e leitura são as duas faces de um mesmo fato histórico e a liberdade à qual o escrito nos incita.

Michel Foucault <sup>18</sup>, em "La escritura de si", também salienta que não se deve dissociar leitura e escritura e que esses dois processos tratam de unificar fragmentos heterogêneos, mediante sua subjetivação no exercício da escritura pessoal. Diz também que o caderno de notas está regido por dois princípios que poderíamos chamar de a verdade local da sentença e seu valor circunstancial de uso.

Cabem aqui, ainda, algumas reflexões mesmo que superficiais, sobre alguns pontos trazidos pela crítica genética <sup>19</sup>. E por que crítica genética?

As pesquisas genéticas, até o momento, estão concentradas no estudo do manuscrito literário, e embora a marginália de Ana Cristina Cesar não tenha propriamente o estatuto de texto literário, não deixa de ser um manuscrito, isto é, "escrito à mão", constituindo-se uma oposição ao impresso, segundo Lapacherie <sup>20</sup>.

Já para Noël <sup>21</sup>, o manuscrito, mais que escrito à mão, é enfatizado pelo fato de ter saído da mão do escritor; tem o valor de testamento, atesta uma paternidade. Ele é um documento fetiche, é o fragmento de uma intimidade.

Esses dados permitem dizer que o texto de Ana Cristina Cesar está mais próximo do rascunho <sup>22</sup>, segundo Noël. É como se a poeta fosse o artífice, ou seja, as suas marcas, além de quebrarem na página o seu anonimato, num fragmento

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. "La escritura de si". Abrahan, Tomás (org.). Los Senderos de Foucault, Buenos Aires, Ediciéns, Nueva Visión, 1989, p. 175-189.

<sup>19</sup> Ciência nova que através dos estudos dos manuscritos de uma certa obra investiga o processo criativo artístico a partir de sua fabricação a partir de sua gênese. Nos últimos tempos, a concepção de "manuscritos" mudou radicalmente. Antes era um objeto precioso de coleção, conservado nas bibliotecas públicas ou particulares, como prova de autenticidade da obra. Sem perder esse valor de bem simbólico, o objeto manuscrito foi dotado de valor cultural, tornou-se material para apreensão com o intuito científico. Ele desabrocha para ser explorado a partir de sua potencialidade.

<sup>20</sup> LAPACHERIE, Jean Gérard. "Ecriture et lecture du calligramme". *Poétique*, 50, 1982, Seuil SARTRE, Jean Paul. op.cit. p. 37.

<sup>21</sup> NÔEL, Jean Bellemín. "Reproduire le manuscrit, present los brauillons, etablir un avant-texte". *Littérature* n°28, Dezembro de 1977, p. 3-18.

<sup>22</sup> NÔEL, estabelece diferenças entre manuscritos, rascunho e pré-texto.

Manuscrito → escrito pela mão do escritor, tem valor histórico,

Rascunho → possui o aspecto inacabado, carrega o testemunho de um labor, mostra-nos mais o artífice que conhece a rude penas as tentativas, os transe da realização da escrita...

pré-texto → reconstrução do que precedeu o texto.

de sua intimidade física e gestual, passam também a incorporar um objeto além dos textos de Drummond, a sua escritura. Trata-se, portanto, de uma pesquisa baseada nas marcas "em processo".

Assim, analisando as anotações de Ana Cristina Cesar sinto-me próxima ao geneticista que reintegra todas as notas marginais preservadas e conservadas no livro Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, na medida em que as retiro do livro de Drummond, rastreio-as passo a passo, livro a livro, e retornando-as à vida através de minha escritura.

Valéry escreveu sobre o valor do processo de criação o seguinte: "E por que não conceber como uma obra de arte a execução de uma obra de arte?"

Parafraseando Valery : E por que não conceber como um tratado de crítica literária a marginália de Ana Cristina Cesar, poeta dos anos 70, contida no livro de Drummond, poeta consagrado, como uma forma de repensar a sua própria geração?

Pode-se dizer que as anotações marginais de Ana Cristina Cesar são fontes de informações metalingüísticas. É a poeta em diálogo consigo mesma, refletindo sobre o fazer poético, sobre a poesia. Assim, encontra-se nesse único texto uma pluralidade de textos entre si. Essas marcas ou fragmentos são transformados em um grande texto.

Portanto, cada marca de Ana Cristina Cesar nos livros de Drummond é um fragmento desse todo que é o texto e não perde a sua força e valor quando isolado, se sua relação com o todo não deixar de ser feita. Os aparentes fragmentos se cruzam e formam um único objeto, e, ao mesmo tempo, um objeto único.

Nada mais interessante do que examinar as marcas e não marcas da poeta que revelam toda a sua busca na concepção de poesia e de poema. Busca que se vai revelando, por exemplo, em palavras assinaladas nos poemas, às vezes estrofes, sinais gráficos, etc. As marcas e não-marcas de Ana Cristina Cesar no livro de Drummond deixam transparecer caminhos e descaminhos, num convívio simultâneo e harmônico, conduzindo o pesquisador, no caso eu, em direção ao meu texto, à minha escritura.

Desse modo, leitor e autor interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

No entanto, o material está exposto no livro a diferentes olhares, que podem revelar outros ângulos de análise, ou, ainda, o material está exposto a novos instrumentos analíticos associados a diferentes interesses exploratórios que oferecerão também interpretações inéditas. Convém, porém, lembrar que o texto de Ana Cristina Cesar é produto de leitura e não tem forma elaborada.

Em suma, como diz Sartre <sup>23</sup>, o leitor tem consciência de desvendar e ao mesmo tempo de criar; de desvendar criando, de criar pelo desvendamento.

---

<sup>23</sup> SARTRE, Jean Paul. op. cit. p. 37.

### *III. - Rastreamento de uma Leitura*

"O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um corpo (...) - como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade."

Michel Foucault

Ao abrimos o exemplar de Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, pertencente à família Cesar, deparamo-nos com muitas anotações de Ana Cristina nas páginas de rosto. São anotações que versam sobre a noite, o enigma, o poema/rosa, a cidade, a esperança, a juventude, a maturidade, a poesia, o amor/corpo, o escuro e a morte, questões estas largamente debatidas no transcorrer dos livros.

Do conjunto <sup>1</sup> dos livros de Reunião, temos o maior número de anotações centradas em José, A Rosa do Povo, Novos Poemas e Claro Enigma, com as seguintes porcentagens de poemas anotados : José ( 91,66 %), A Rosa do Povo

---

<sup>1</sup> Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, contém 10 (dez) livros de poesia a saber : Alguma Poesia, Brejo das Almas, Sentimento do Mundo, José, A Rosa do Povo, Novos Poemas, Claro Enigma, Fazendeiro do Ar, A Vida Passada a Limpo, Lição de Coisas, 4Poemas.

(92,72 %), Novos Poemas (100 %) e Claro Enigma (80,85 %). Seguindo , Brejo das Almas (73,07 %), Fazendeiro do Ar (57,69%), Sentimento do Mundo e Lição de Coisas, (ambos com 55,55 %), A Vida passada a Limpo (54,54%), Quatro Poemas (25 %) e Alguma Poesia (18,36%)

Através destes dados, pode-se perceber que os livros com o menor número de anotações foram Alguma Poesia e Quatro Poemas , em contrapartida aos outros livros que foram bastante anotados.

Quanto aos poemas com maior densidade de anotações, temos o seguinte quadro, seguindo a ordem dos livros :

"A Noite Dissolve os Homens" p.57 (SM)

"Nosso Tempo" p. 82 (RP)

"Como um Presente" p.117 (RP)

"Mãos Dadas" (Folha Solta) (SM)

"Os Últimos Dias" p.142 (RP)

"Remissão" p.164 (CE)

"Contemplação no Banco" p.169 (CE)

"A Máquina do Mundo" p.197 (CE)

"Conclusão" (Folha Solta ) (FA)

"Escada" p.219 (FA)

"Elegia" p.212 (FA)

"Canto Órfico" p.213 (FA)

"Nudez" p.219 (AVPL)

"A Palavra e a Terra" p. 246 (LC)

Buscando analisar estas marcas de Ana Cristina Cesar, considero necessário fazer um breve apanhado sobre alguns elementos que a crítica aponta sobre a obra de Drummond.

Alguma Poesia, primeiro livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado em 1930, passada a fase mais contestadora do modernismo, cuja poesia se caracterizava pelo tom agressivo e circunstancial. O poeta encontra clima para incorporar, na sua poesia, as liberdades conquistadas nesse período, como um verso livre, rima não obrigatória, inclusão da fala coloquial brasileira e os retratos do cotidiano.

Em Brejo das Almas, publicado em 1934, podemos assinalar as seguintes características : o eu que estava escamoteado aparece mais abertamente, há a perda da esperança, as perspectivas pessoais -família e terra natal - se intensificam, a vida torna-se mais sutil, há a diferença de relação entre o eu e o mundo, e surge a incerteza estética que começa a despontar no fazer poético.

Sentimento do Mundo (1940) inaugurou nova etapa na poética drummondiana. Este livro leva a marca de consciência literária do final dos anos 30, sensibilizada pelas tensões e conflitos do período da pré-guerra. Aqui, o eu do poeta percebe que não é maior que o mundo e que é um eu impotente, incapaz de entrar em relação e dialogar. Não aparece mais o individualismo, é mais importante a consciência da realidade social. O eu isolado deixa de ser a sede de vivência poética. O órgão sensível da poesia-acontecimento não é mais a instância individualista do coração, é a consciência individual do sofrimento. Em suma, uma nova poética do vívido.

Já José (1942) foi uma etapa decisiva na obra drummondiana, pois rompe com a evolução coroada por Sentimento do Mundo , ruptura não só nos temas, que muitas vezes prolongam os anteriores, como também a predominância dos versos curtos, sabor de linguagem coloquial. As preocupações básicas do poeta são a consciência do ser no mundo e o questionamento da existência humana. O eu poético de Drummond se esconde através da persona José, e a obra reflete a preocupação da luta com as palavras.

A Rosa do Povo (1945), obra chave dentro da poética drummondiana, traz ao lirismo de Drummond uma escala temática mais ampla, como as vicissitudes do eu, a cena familiar , a lira erótica, o canto engajado, o drama do cotidiano, a pintura da história, a poesia sobre a poesia e o poema filosófico.

Em Novos Poemas (1948), a preocupação de Drummond é com a estética formal e a ausência quase absoluta da poesia do cotidiano e da história.

Em Claro Enigma (1951), o poeta questiona sua trajetória até aqui quanto ao fazer poético numa escavação da consciência humana sobre a situação do eu poético: há uma negação aberta e franca da poesia participante da época dos anos 40; o aprimoramento formal é retomado; o clássico soneto reaparece; poemas carregados de busca existencial do eu poético.

Em A Vida Passada a Limpo (1959), Drummond parece fazer as pazes com seu "rascunho" existencial e poético, e, em Lição de Coisas (1962), o poeta chega ao ponto máximo de sua invenção poética, atingindo sua linguagem um alto grau de síntese.

Dentre a vasta fortuna crítica sobre a poesia de Drummond, e considerando que meu objeto de estudo são apenas as anotações de Ana Cristina Cesar, tomo como referencial para a obra do poeta o estudo de José Guilherme Merquior<sup>2</sup>, Verso Universo em Drummond. Embora muitos críticos tenham sido consultados para subsidiar tanto este apanhado, como o processo de leitura das anotações<sup>3</sup>, o destaque para a obra de Merquior se deve ao fato de ter sido esta a norteadora da divisão e do agrupamento preliminar das próprias anotações, uma vez que trata especificamente do conjunto de livros que compõem Reunião.

Merquior propõe-se a esboçar uma interpretação global da poesia de Drummond até Lição de Coisas, mediante uma leitura analítica mais aprofundada desses livros. Para tanto, faz a divisão de seus estudos em quatro capítulos, que agrupam os livros de Drummond, propondo, com essa estrutura, um tipo de organização da obra drummondiana, que não deixa de ser cronológica.

No capítulo I - "Da Vida Besta ao Sentimento do Mundo", (1925 - 1940), Merquior, denominando-os como "o primeiro lirismo de Drummond", engloba os seguintes livros: Alguma Poesia, Brejo das Almas e Sentimento do Mundo. O capítulo II - "O meio-dia de Escrita", (1941 - 1945), apresenta o chamado "segundo lirismo de Drummond", abarcando os livros José e A Rosa do Povo. O capítulo III - "Verso Universo do Fazendeiro do Ar", (1946 - 1958), reúne o que Merquior denomina "quarteto metafísico", composto de Novos Poemas, Claro Enigma, Fazendeiro do Ar e A Vida Passada a Limpo. Finalmente o IV e último capítulo, dedicado exclusivamente a Lição de Coisas, denomina-se "O Último Lirismo de Drummond", (1962 - 1968).

Merquior busca ler a poesia de Drummond no nível da organização verbal, na ênfase à significação sociológica e na tentativa de colocar o lirismo de Drummond em relação à literatura ocidental, tanto do ponto de vista da técnica, quanto das questões ideológicas.

Num primeiro rastreamento, comparando-se a intensidade de anotações por livro e as leituras da crítica a respeito da poesia de Drummond até Lição de Coisas, é facilmente verificável que é a partir do "II lirismo", ou de José - "etapa decisiva" - que as marcas, grifos e notas marginais se intensificam, chegando ao ápice com Novos Poemas, em que todos os poemas recebem algum tipo de marca. Provavelmente não por acaso, as anotações privilegiam os livros centrais - literalmente centrais - de Reunião, apontando para uma leitura atenta às

<sup>2</sup> MERQUIOR, José Guilherme. Verso Universo em Drummond. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

<sup>3</sup> Cf. bibliografia

transformações, rupturas e problemáticas principais da obra de Drummond detectadas pela crítica.

Por outro lado, é oportuno lembrar - contextualizando as anotações de Ana Cristina a essa obra - que podemos estar percorrendo notas de estudo de uma aplicada poeta aprendiz, provavelmente datadas no início da década de 70. É o período em que Ana Cristina cursava licenciatura em Letras (Português-Literatura) na PUC do Rio de Janeiro, isto é, de 1971 (ano de ingresso) a 1975 (ano de sua licenciatura).

Curiosamente, a obra póstuma Inéditos e Dispersos<sup>4</sup> registra, neste período, uma única série de onze poemas, datados de outubro de 1972. São poemas que, tratando de uma "gatografia"<sup>5</sup>, trabalham intensamente não apenas a relação intertextual, mas em especial a poesia como produto da releitura da tradição, praticada em sete poemas da série, todos "d'après Jorge de Lima/ Invenção de Orfeu".

Esta contextualização exige que o rastreamento da marginália não ignore essa dupla dimensão : de um lado, temos uma aluna de literatura que estuda detalhadamente um "poeta-oficial" e, de outro, notas de uma poeta que se alimenta de outros poetas para poder escrever, constituindo, em última instância, seu próprio eu poético. Ou, como ensina Foucault, traçando uma escritura de si.

Passemos agora a um rastreamento mais miúdo, livro a livro, das anotações de leitura que Ana Cristina Cesar faz às margens dos poemas de Drummond.

## *ALGUMA POESIA*

No primeiro livro, Alguma Poesia, como veremos a seguir, Ana Cristina Cesar começa a levantar questões sobre a poesia e, num crescendo, vai intensificando-as nos livros posteriores. O primeiro poema assinalado em Alguma Poesia é "Poema que Aconteceu", onde a poeta enfatiza as negativas através dos grifos nos seguintes versos:

---

<sup>4</sup> CESAR, Ana Cristina. Inéditos e Dispersos, São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>5</sup> Cf. CAMARGO, M. L. B. Atrás dos Olhos Pardos, já citado.

"nenhum desejo ...  
nenhum problema ...  
.....  
domingo sem fim, nem começo  
.....  
não sabe"

Além dos grifos dos versos acima citados, este poema contém anotações como : acaso, inconsciente, negação do conteúdo semântico <sup>6</sup> , deixando, assim, entrever uma de suas preocupações, isto é, que a poesia não precisa de um referencial, ela acontece, ela faz-se nas palavras.

Em seguida, essas mesmas anotações reaparecem no título do metapoema "Poesia" (não por acaso o que recebe mais anotações neste livro), acrescidas da distinção entre poesia e poema, onde a poeta coloca que poesia é experiência e poema é materialidade, produto. Os versos grifados de "O Sobrevivente" reforçam essa idéia .

Reforçando esta distinção entre poesia e poema, a poeta faz referência a uma "teoria explícita" do surrealismo <sup>7</sup> , detectando as relações entre o que o poema "Poesia" expressa e princípios estéticos surrealistas : "surrealismo : a poesia é uma experiência vivencial irrecuperável (no nível semântico)".

Outra observação e articulação que se pode fazer a respeito das marcas de "Poema que Aconteceu" a "Poesia " é que no primeiro o grifo está no verso : "a mão que escreve este poema" e no segundo está "a pena não quer escrever", mostrando, talvez, a ambigüidade do poeta que quer e não quer, ou também o processo consciente ( que escreve) e inconsciente (que não quer escrever) da criação.

Se observarmos também o primeiro verso do "Poema do Jornal" onde se lê "o fato ainda não acabou de acontecer", com o nome do primeiro poema assinalado por Ana Cristina Cesar; "Poema que Aconteceu", percebe-se uma referência metafórica ao poema.

---

<sup>6</sup> Essa questão da negação do conteúdo semântico aparecerá nos livros posteriores, sob diversas formas: cantar X não-cantar; impossibilidade de comunicação; como escrita dissipação do real, desvinculação entre poesia e referencialidade.

<sup>7</sup> "O Surrealismo não é um novo ou fácil meio de expressão" (...) " O Surrealismo não é uma forma poética é um grito do espírito que se volta sobre si próprio é a liberdade de expressão do inconsciente." FORTINI, Franco. O Movimento Surrealista Tradução de Antônio Ramos, Editorial Presença - Lisboa, 1965, p. 12.

Ainda em "Poema do Jornal", Ana Cristina Cesar faz uma anotação colagem <sup>8</sup>, referindo-se ao título do poema. Como se sabe, o termo Colagem sobrepõe sentidos, é polissêmico. Pode-se depreender, com isso, que o poema se faz como uma colagem de textos, como o jornal, ou ainda como possibilidade de que o jornal se transforme em poema, mimetizando a técnica cubista de Picasso e Braque, que traziam para o quadro o jornal. Assim, ela vê o jornal e a colagem como uma manifestação de vida dentro do literário e detecta as relações entre os movimentos vanguardistas europeus e a realização poética de Drummond nesta etapa poética.

Reportando-nos ao tema "Jornal", associado à questão da ficcionalidade, temos também as marcas de "Sweet Home".

"Ora afinal a vida é um bruto romance  
e nós vivemos folhetins sem o saber."

Desse modo, se relacionarmos as marcas nos três poemas acima citados - "Poema que Aconteceu", "Poema do Jornal", "Sweet Home" - podemos depreender algumas das questões que norteiam a leitura de Ana Cristina Cesar na obra de Drummond, como a preocupação com a poesia, as especificidades do fazer poético e a vinculação entre vida e arte.

Finalizando, temos no poema "Explicação" quase uma síntese das questões já levantadas anteriormente e também a relação entre o sujeito e o objeto, a idéia do canto, a experiência do novo, a nostalgia do passado e a questão da província X metrópole.

O que nos chama a atenção em Alguma Poesia é que alguns poemas antológicos muito citados, e que tradicionalmente exemplificam a obra do poeta Drummond, não trazem nenhuma marca que os destaque. São eles: "No meio do Caminho", "Quadrilha" e "Poema de Sete Faces". Talvez por constituírem lugar-comum para a crítica, talvez pelo fato de a poeta estar preocupada em perseguir outras questões, o fato é que esses poemas inaugurais não foram escolhidos nesta marginalia. No entanto, como já mencionado na Introdução a este trabalho, "a pedra no caminho" ou o "gauche" são trazidos para dentro dos poemas de Ana Cristina

---

<sup>8</sup> Colagem - técnica de arte contemporânea que foi interpretada de muitas maneiras. Uma das mais expressivas foi a visão do poeta Apollinaire, que encarava a aplicação de selos de correio, pano, papel de parede, envelopes e outros materiais na tela, em meio a cores e figuras, como uma maneira de introduzir na obra um elemento de humanidade.

Saem das anotações da leitora-crítica para integrar os versos da leitora-poeta<sup>9</sup>.

## *BREJO DAS ALMAS*

No livro Brejo das Almas<sup>10</sup> Ana Cristina Cesar, através de suas marcas, continua sua reflexão sobre a poesia, no que diz respeito à negação do conteúdo semântico, sob outra forma : o silêncio como espaço configurador da construção poética, podendo-se verificar principalmente nas marcas de "Segredo" e "Convite Triste".

Em "Segredo", é enfatizado o problema da incomunicabilidade, tanto no plano da existência quanto no da criação. A legitimidade da poesia é bruscamente quebrada, como se o poeta descobrisse que os temas não importam em si mesmos. Já em "Convite Triste", temos realçada a superioridade da poesia como dimensão do real e da vida humana sobre o poema enquanto obra, como se lê nas marcas dos seguintes versos :

"Vamos fazer um poema ou qualquer outra besteira".

Esta questão talvez esteja também na primeira anotação marginal do livro Brejo das Almas<sup>11</sup>, nos seguintes termos :

"desejo irrealizado (zável)"

Nota-se, assim, que a anotação tem conotação de dúvida ou (o que não foi realizado) ou ainda (o que nunca será realizado).

---

<sup>9</sup> Cf. a Conclusão.

<sup>10</sup> Brejo das Almas é o segundo livro de Reunião, contendo vinte e seis poemas e apenas nove assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>11</sup> Drummond faz uma explicação do título Brejo das Almas e chega à conclusão que atualmente nada significa.

Articulando, ainda, com a questão de poesia e do poema, Ana Cristina Cesar, neste livro, em alguns poemas, destaca o aspecto formal dos poemas, como em : "O Amor Bate na Aorta", "Sombra das Moças em Flor". Nestes dois poemas a poeta chama a atenção para o uso dos clichês nos versos :

"O Amor Bate na Aorta/ O amor bate na porta", e também para o jogo palavra puxa palavra.

Em "há um cego querendo pegar um braço", o clichê está subentendido : o amor é cego. Ana Cristina Cesar, de uma certa forma , ao destacar os clichês tão bem utilizados por Drummond, deixa transparecer não só sua preocupação, com a construção do poema, mas aponta para a reutilização criativa do já gasto pelo uso corrente.

Além disso, Ana Cristina Cesar, em "Necrológio dos Desiludidos do Amor", articula as marcas de leitura de "O Amor Bate na Aorta" e "Sombra das Moças em Flor", remetendo um ao outro, estabelecendo uma busca de relações intertextuais<sup>12</sup>.

Com isso, podemos dizer que a leitura de Ana Cristina Cesar faz estabelecer uma trajetória entre poemas, através das referências aos outros poemas, isto é, interrelacionando-os, toca na questão da apropriação, estratégia poética da autora.

Há ainda outras observações que devem ser levadas em conta com relação às anotações que Ana Cristina Cesar faz nos poemas "Necrológio dos Desiludidos do Amor", "O Procurador do Amor" e "Sombra das Moças em Flor". ↵  
Em "Necrológio dos Desiludidos do Amor" e "O Procurador do Amor", Ana Cristina Cesar, nas suas anotações, destaca as oposições entre gozo/remorso, paixões/caixões, ilusão/desilusão.

Talvez, além de enfatizar a ausência de extratos sentimentais da linguagem poética, queira também revelar o lado patético do amor, destacando desta forma o tema da inquietude transposta para o domínio estético, onde o assunto amor parece nulo como fonte de poesia.

---

<sup>12</sup> Cf. as anotações transcritas.

## SENTIMENTO DO MUNDO

No livro seguinte, Sentimento do Mundo<sup>13</sup>, Ana Cristina Cesar retoma e aprofunda a questão da matéria do poema, marcando em primeiro lugar "Congresso Internacional do Medo". Nesse poema, a poeta destaca apenas o primeiro verso :

"Provisòriamente não cantaremos o amor."

Como se vê, a poeta grifa apenas a palavra "Provisòriamente", fazendo talvez uma referência ao tempo presente, em sua fugacidade. Mas, em seguida, contrapõe não cantar X cantar, e apresenta o medo como matéria do canto, como "tema do tempo presente".

Nessa contraposição, remete ainda ao poema "Nudez"<sup>14</sup>, onde se lêem as seguintes anotações :

não cantarei	X	não cantaremos
amores		o amor

Se em "não cantarei " o eu, explícito através da primeira pessoa, afirma não haver temas para a poesia, ou seja, há uma anulação do que cantar, em "não cantaremos", a existência de temas propícios à poesia é mantida. Destacando-se o canto, a metáfora da poesia, mais uma vez Ana Cristina Cesar aborda, de uma maneira aprofundada, a desvinculação entre poesia e referencialidade.

Na mesma linha, temos as anotações ao poema "Maos Dadas" p. 55, que, além de trazer algumas marcas no livro, merece por parte da poeta uma série de anotações em uma folha à parte<sup>15</sup>. Como se pode ler nessas notas, a poeta distingue o que constitui, para o Drummond de Sentimento do Mundo, "a matéria do poema : o tempo presente ".

Tratando do tempo presente, o poema está, aqui, preso à referencialidade e aos "temas" contemporâneos : o mundo em guerra, a desumanização e o capitalismo, dentre outros. A oposição, aqui, está entre o não-

<sup>13</sup> Sentimento do Mundo, terceiro livro de Reunião de Carlos Drummond de Andrade, com vinte e sete poemas e quinze assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>14</sup> O poema "Nudez" está no livro A Vida Passada a Limpo, p. 219.

<sup>15</sup> Esta folha solta contendo anotações sobre o poema "Mãos Dadas" encontra-se no final da transcrição do livro Reunião.

cantar X cantar. Se a matéria do canto é o presente, o passado e o futuro situam-se no campo do não cantar. Sob o signo do presente, o poema é arma, instrumento de luta. Mas, ao remeter, também em "Maos Dadas", ao poema "Nudez", Ana Cristina reitera a importância dada à mudança, na obra de Drummond, quanto à própria matéria poética : deixa de ser o tempo presente e passa a ser o nada.

De uma maneira geral, estas anotações e as relações intratextuais que a poeta realiza com os poemas : "Nosso Tempo" <sup>16</sup> p. 82, "A Noite Dissolve os Homens"<sup>17</sup> p. 57, "A Flor e a Náusea" <sup>18</sup> p. 78, "Congresso Internacional do Medo" <sup>19</sup> p. 49, entretecem uma forte urdidura a respeito de questões já tratadas anteriormente, juntamente com as novas questões levantadas a partir desse poema, como a colocação do poeta como homem social, a linguagem como expressão de uma problemática social, a crença no futuro veiculada à questão de utopia, a inclusão do poema como arma para a destruição do capitalismo.

No tocante à posição do poeta como homem social, relacionada à questão das ilhas, as marcas de "Brinde ao Juízo Final", "Ode no Cinquentenário do Poeta Brasileiro", "Mundo Grande" e "Elegia 1938" reforçam-nas notadamente. Ana Cristina Cesar destaca "Os sobreviventes" em Brinde ao Juízo Final , referindo-se ao poeta do tempo presente, aquele que não habitará as ilhas ("Ode ao Cinquentenário do Poeta Brasileiro" e "Mundo Grande") pois o exílio representado pelas ilhas e pela utopia o levará ao isolamento total, e que só a integração e solidariedade com seus semelhantes a partir da própria realidade será a verdadeira vida.

Vale registrar ainda em Sentimento do Mundo dois poemas assinalados discretamente pela poeta e que destoam do conjunto das colocações acima. São eles : "Sentimento do Mundo " p. 45., onde a poeta grifa : " morto meu desejo, morto e o último poema, "Noturno a Janela do Apartamento", em que além dos grifos nos versos, há uma anotação que enfatiza a noite como uma conotação da morte.

---

<sup>16</sup> "Nosso Tempo" está no nível A Rosa do Povo.

<sup>17</sup> " A Noite Dissolve os Homens" está no livro Sentimento do Mundo.

<sup>18</sup> " A Flor e a Náusea" está no livro A Rosa do Povo.

<sup>19</sup> " Congresso Internacional do Medo" está no livro Sentimento do Mundo.

## JOSE

É interessante notar que a anotação "Noite", no último poema - "Noturno à Janela da Apartamento" - do livro Sentimento do Mundo, também está no título do livro José<sup>20</sup>, estabelecendo entre ambos uma ligação.

Logo em seguida a poeta destaca os seguintes versos de "A Bruxa" p. 63 :

"mas se tento comunicar-me  
o que há é apenas noite  
e uma espantosa solidão"

Isto é, a noite impede a comunicação, porque traz o medo e a solidão. A solidão é ainda mais acentuada com as marcas do poema "O Boi" no seguinte verso :

"Ó solidão do boi no campo."

Assim, Ana Cristina Cesar relaciona a impossibilidade de comunicação à noite e à solidão. Embora tratada anteriormente, agora acrescida das palavras noite e solidão, temos também, de uma certa forma relacionada à questão da incomunicabilidade a negação da saudade, que é a fala do poeta romântico e também uma negação do passado nas marcas do poema "Edifício Esplendor", nos seguintes versos:

"Óh que saudades não tenho  
de minha casa paterna  
.....  
talvez mas, não me lembro"

É interessante notar que Ana Cristina Cesar, com as marcas de negação do passado, dá ênfase automaticamente ao paradoxo do passado no tempo presente, através da citação paródica. Isso pode ser comprovado nas marcas do poema : "A Mao Suja" e "Viagem na Família" onde a poeta destaca a palavra mao nos seguintes versos :

---

<sup>20</sup> José livro contido em Reunião, com doze poemas, onze assinalados por Ana Cristina Cesar.

"Minha mão está suja  
outra mão virá  
( A Mão Suja)

"movia sua mão pálida  
A mão que eu não quis beijar"  
(Viagem na Família)

Nota-se que nos versos do poema "A Mão Suja", de certo modo é o presente que escreve e que também anula a utopia. Em contrapartida, nas marcas dos versos do poema "Viagem na Família", transparece o passado fluindo no presente e o conflito filho versus pai; a família aparecendo como grupo e tradição.

Entretanto, contrapondo-se às poucas anotações dos poemas citados anteriormente, temos no poema o " O Lutador" o mais marcado do livro José. Pode-se dizer que no poema "O Lutador" a poeta, através das marcas, registra a tensão entre a palavra e a experiência, dando um enfoque especial para as palavras.

A poeta destaca veementemente e claramente o "desejo", expresso no poema, de possuir e encantar as palavras, apesar de elas serem alimento e, ao mesmo tempo, inimigo do poeta. Essa questão das palavras em estado de dicionário é retomada nas anotações do poema "Palavras no Mar" p. 64, cujo enfoque é dado à palavra "encanto", mas que poderia ser a qualquer outra, deixando claro o valor absoluto da palavra e seu destino relativo. Vale a pena, também, mencionar e chamar a atenção para os versos assinalados do poema "José". São eles:

"Você que faz versos  
.....  
está sem discurso  
.....  
E agora José ?  
sua doce palavra."

Transcritos os versos, poder-se-ia dizer que Ana Cristina Cesar constrói uma outra estrofe, e retoma a questão do verso sem um discurso; a luta do

poeta e a questão da matéria do poema, pois faz versos mas está sem discurso e a possibilidade de leitura através de sua doce palavra.

Mais uma vez, Ana Cristina Cesar, fugindo às questões sempre enfatizadas nos livros anteriores, como a questão da poesia e do fazer poético, insere outras anotações que sugerem a morte, como nas marcas de "Os Rostos Imóveis" e "Noturno Oprimido".

### *A ROSA DO POVO E NOVOS POEMAS*

Devido à coincidência das questões levantadas por Ana Cristina Cesar nos livros A Rosa do Povo <sup>21</sup> e Novos Poemas <sup>22</sup>, far-se-á a tentativa de inter-relacioná-los. As marcas de ambos os livros tratam da questão de apropriação e do cantar X não-cantar, embutidos nesta questão a poesia, sua matéria, a função, o silêncio, a escritura como perda, a dissipação do real, representação e madureza.

Em A Rosa do Povo logo no primeiro poema, "Consideração do Poema", além dos grifos, Ana Cristina Cesar faz a seguinte anotação : aceitar a solidariedade da citação ( falsa ou verdadeira)", tocando assim na questão da apropriação. Reafirma-se, portanto, que a poeta aceita que o poema seja feito de citações. É como se os poemas dos outros se incorporassem aos de Drummond e aos da própria Ana Cristina, estabelecendo uma forte relação intertextual, a poesia ficando como uma reescritura de outros poetas, sem a angústia da influência. Prova disso está no poeminha que ela construiu :

"te sinto"

"te converso"

"te escrevo".

(Como um Presente p.117)

Na mesma linha, temos as marcas do poema "Aliança" p.160, onde Ana Cristina Cesar também constrói outro poeminha:

---

<sup>21</sup> A Rosa do Povo, quinto livro contido em Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, possui 55 poemas, dos quais 51 estão assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>22</sup> Novos Poemas, contém doze poemas e todos assinalados por Ana Cristina Cesar.

"Deitado componho"  
"desisto, levanto"  
"percorro"  
Achei volto".

Nesse mesmo livro, Novos Poemas, há outra referência à problemática da citação, através do destaque que Ana Cristina Cesar dá à palavra "vozes", no poema "Estâncias", isto é, ao poeta que é o hospedeiro de todas as vozes. No que se refere ao canto "poesia" que de uma certa forma está vinculado à questão do cantar. Temos as marcas nos seguintes poemas : "Procura da Poesia" p.76

"Nosso Tempo" p.82  
"Resíduo" p.102  
"Noite na Repartição" p.107  
"Mário de Andrade Desce aos Infernos" p.145  
"Canto ao Homem do Povo Charlie Chaplin" p.147

Em "Procura da Poesia" p. 76, as marcas, além de tratarem da matéria do poema, dão enfoque também ao trabalho profundo com a linguagem, através das palavras. Buscam, ainda, detectar o processo de feitura do poema, depreendendo que este exige maturação (paciência), para, logo em seguida, passar para sua inscrição.

Essa mesma questão, envolvendo o trabalho com as palavras, também está nas marcas de "Noite na Repartição" p.107

"Pensa na doçura das palavras. Pensa na dureza das palavras.  
Pensa no mundo das palavras".

E também em "Canção Amiga" p.154, do livro Novos Poemas, onde Ana Cristina Cesar apreende a preocupação de Drummond com as palavras, ao reavaliar sua obra, seja através da aprendizagem de novas palavras como também no burilamento de outras:

"Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas."

Dentro dessa temática do canto, Ana Cristina Cesar marca os vários tipos de cantares, em "Consideração do Poema" p.75, nos seguintes versos:

"secretas, duras. Ei aí meu canto  
o povo, meu poema, te atravessa."

Em "Nosso Tempo" p.82, com o canto engajado, que conseguiria destruir o capitalismo. Em "Mário de Andrade Desce aos Infernos" p.145 e "Canto ao Homem do povo Charlie Chaplin" p.147, a crença no canto de Mário de Andrade, canto anunciado de poesia que anuncia e cuja penetração se deu de forma singular na vida, na arte e na linguagem do povo brasileiro. Canto anunciador de esperança e de comunicação. Em "Canto do Homem do Povo Charlie Chaplin", o canto é o da recuperação das palavras e da criação de novas; é também o da esperança. Outra anotação que podemos considerar, e que diz respeito ao canto, é a do poema "América" : "A mão escreveu tanto e não sabe cantar".

Já em "Notícias de Espanha", p.158 do livro Novos Poemas, Ana Cristina Cesar faz a seguinte anotação : "e um canto é nada", como se respondesse à pergunta de Drummond feita no verso : "e que vale um canto? aqui, é como se Drummond disse uma receita que a verdadeira poesia, ou canto devesse nascer dos sentimentos populares, " Com isso talvez queira significar a dúvida quanto à validade do canto contemplativo e, conseqüentemente, do poema se propondo à função de arma, isto é, função revolucionária e, portanto, utópica. Essa questão sobre a função do poema como arma foi também destacada pela poeta nos poemas : "A Flor e a Náusea" p.78, "Nosso Tempo" p.82, "Com o Russo em Berlim" p.137.

Com relação à utopia , Ana Cristina Cesar marca nos versos de "O Elefante" p.105 e "nuvens", alusões a um mundo mais poético, numa esperança do novo, e acentua, em outros poemas, através da anotação marginal "cidade", relacionada à esperança do futuro, à utopia, como em "Cidade Prevista ", p.130, e em "Notícias", p.125.

"Vejo-te no escuro, cidade enigmática" (cidade utopia) <sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Aqui apesar do escuro o poeta ainda consegue ver esta cidade e em "América" p.126 e " Carta a Stalingrado" p. 130, para a dúvida.

"Como fazer uma cidade? Com que elementos tecê-la ? Quantos jogos terá? " ( cidade a construir).

"Telegrama de Moscou" p.132

"A grande cidade de amanhã erguerá a sua ordem"

"mas viveremos" p.132

"Pedra por pedra, reconstruiremos a cidade".

Assim, a cidade/utopia surge como a possibilidade de comunicação, ao mesmo tempo que é a expressão do território de homens livres, e a possibilidade do canto. No poema "A Federico Garcia Lorca" esta questão de utopia é retomada sob a forma de poesia como esperança ("A poesia anuncia o amanhã").

A respeito da questão da representação, temos as marcas de Ana Cristina Cesar que tratam da escrita como dissipação do real, como no poema "Ontem", p.92, nos seguintes versos :

.....  
"não reteve forma  
.....  
escrevo, dissipo".

Isto é, a partir do momento em que se escreve algo ou alguma coisa, o real se escoia.

Essa questão é reforçada através sobre uma folha solta sobre o poema "Fragilidade" p.92, onde enfaticamente a poeta marca essa separação entre poesia enquanto arma e a escritura como perda. A essa anotação remetemos imediatamente a Barthes, à escritura como destruição de toda voz, de toda a origem.

24

Em " Vida Menor", p.93, as marcas enfatizam essa mesma questão da poesia como perda; a fuga do real; a questão do exílio e a desnecessidade do canto , a metalinguagem da supremacia da vida sobre o canto. É como se essa visão/perda se acompanhasse da percepção da depuração pela qual os poemas começam a passar. Estão ainda nesta caminhada as marcas nos poemas : "Movimento da Espada" p.96 e "Assalto" p.97.

---

<sup>24</sup> BARTHES, Roland. " A Morte do Autor". op. cit.

Uma reflexão aprofundada desta questão da representação se desdobra nas marcas de "Como um Presente", poema densamente anotado por Ana Cristina Cesar. Primeiramente, a poeta grifa os negativos de vários versos, como forma de registrar uma ausência ou seja, a não presença, a representação, aquilo que é e não é no poema, tocando assim na "problemática paradoxal da escritura : o ser - não ser". Coloca ainda que a transformação só é possível com a afirmação de ausência e conseqüentemente afirmação do poema. A poeta retoma através de suas marcas, a questão "do segredo" : haver ou não haver segredo, e Ana Cristina Cesar constrói, como já vimos, uma estrofezinha com palavras do poema de Drummond, com relação à afirmação de ausência do objeto.

"te sinto"

"te converso"

"te escrevo".

Faz ainda relações intertextuais com os poemas "Retrato de Família", p. 117, e "Convívio", p. 190, para reforçar que o "retrato não reflete o real" e que vive somente no poeta.

Em relação à mesma questão temos as marcas no poema "Retrato de Família" p.117, "Morte no Avião" p.112 e "Rola Mundo" p.91. Em "Retrato de Família" p.117 a poeta procura ressaltar que o retrato é uma representação de uma existência na construção artística e o que realmente importa é a construção que o poeta faz e não o fato.

Essa impossibilidade de dizer o mundo encerra o silêncio do poema que se apresenta sob forma de enigma, marcas de "Carrego Comigo", idéia esta reforçada durante todo o poema, repleto de antíteses de dúvidas e de conjunção se, e também na relação das marcas de dois poemas : "O Medo " e "Anoitecer", onde a poeta, no primeiro, escreve a anotação "escuro" e, no segundo, "medo", enfatizando que a noite impede a comunicação porque traz consigo o medo e a solidão.

Essas oposições claro X escuro aparecem também em "Nosso Tempo" <sup>25</sup> p. 82, poema intensamente anotado por Ana Cristina Cesar. Assim o escuro, que pode significar a morte, o fascismo se contrapõe ao claro (à luz, à vida, à libertação), ou seja o claro e o escuro surgem como um pólo negativo e positivo de uma mesma corrente.

---

<sup>25</sup> Poema que abarca as várias questões apontadas por Ana Cristina Cesar como: a questão do canto, do tempo, do enigma, do claro X escuro, do poeta e suas armas, da utopia.

Em "Composição", do livro Novos Poemas, Ana Cristina Cesar, ao retomar a questão da interpretação X experiência, de uma certa forma aborda o problema do enigma, que, está fortemente acentuado nas marcas de "O Enigma", cuja ênfase está em que a poesia não recupera as coisas e o poema se ausenta para dar o lugar à experiência, no quadro da demolição do vivido. O ser não é senão um enigma.

Essas considerações sobre elementos abordados anteriormente levam a pensar a relação do poema com a questão "da madureza", à questão do poeta, principalmente nos poemas: "Idade madura" p.121, cujas marcas e relações "intertextuais" com os poemas "Versos à Boca da Noite" p.123 e a "A Ingaia Ciência" (CE) p.165, chamam a atenção para uma atitude mais completa do poeta maduro, isto é, a aceitação de tudo acompanhado de uma sede de recomeçar e um olhar mais agudo. Pode-se dizer que as anotações apontam também para a dúvida, para a ambigüidade e até mesmo para a contradição, valores que estão na raiz da própria criação poética, e o conflito que acentua o objeto poético entre a abertura e o fechamento do discurso. A poeta decodifica o desejo de composição do poeta, onde não é mais eu, nem tu, mas coisas, mudando assim a perspectiva do eu lírico.

Finalmente são interessantes também as anotações longas no poema "Os Últimos Dias", onde a poeta aponta a "morte" como tema e não como condição ou experiência de poesia. A vida é contemplada da perspectiva da morte; é a expressão do pressentimento da consciência de ser - para - a morte. Neste poema, a poeta faz a primeira alusão a "estátua", no verso:

.....  
"meu peito, ficar parado em frente a esta estátua; é um torso"

Articulando-o com o poema "Aliança", p.160, do livro Novos Poemas, onde a palavra "estátua" remete a questão da separação do sujeito/obra e da luta do sujeito ao construí-la, e passando pela questão do tempo, (sem esquecer-se de relacioná-lo a "o tempo é a minha matéria"), da dissolução como a "futura morte do ser", Ana Cristina faz as longas "considerações barthesianas" a que me referi no capítulo anterior. Nesta anotação, a poeta não apenas "destaca", "relaciona", "interpreta", mas se contrapõe ao próprio poema, faz-lhe reparos na esteira das concepções de Barthes: "Ao falar de sua morte (futura), o sujeito do poema não se dá por morto, não considera a morte que o texto lhe impõe." Teria Ana Cristina lido Barthes nessa época?

## CLARO ENIGMA

Em Claro Enigma, no decorrer da amostragem e discussão das marcas, nota-se que Ana Cristina Cesar vai perceber a mudança de perspectiva de Drummond no tocante à necessidade de exprimir o que é atual e premente, como vimos em A Rosa do Povo. Tanto é que Drummond escolhe uma frase do poeta francês Paul Valery como epígrafe de Claro Enigma, a epígrafe é a seguinte: "Les événements m'ennuient", numa forma de anunciar que o poeta começa a despedir-se da temática social e política, em favor de temas ditos "filosóficos".

O título "Entre Lobo e Cão" anuncia os poemas da primeira parte do livro, que se abre com "Dissolução" p.164. Aqui Ana Cristina Cesar aborda a questão da dissipação, onde enfatiza o elemento que não se dissolve, a palavra, classificada como "transitiva e não desprezada"<sup>26</sup>, e lê em "alma" a "poesia ou palavra", e em "corpo" o "poema ou silêncio".

Em seguida, Ana Cristina Cesar faz anotações a nos três sonetos subsequentes: "Remissão" p.164, "A Ingaia Ciência" e "Legado" p.165, que de uma certa forma estão relacionados, pois são ligados ao tempo, à poesia e à maturidade. Concomitantemente à percepção da chegada da "idade madura", Ana Cristina registra o desaparecimento, da referencialidade do tempo presente, com seus sentimentos e acontecimentos, como motivação para o poema, ou para o próprio "ato de escrever".

Assim, temos nas marcas de "Remissão" p.164 e "Legado" p.165, novamente, a valorização da palavra e também o tempo com fator que implacavelmente desgasta os sentimentos e acontecimentos. Além dessas anotações, a poeta também faz relações intratextuais com dois poemas, "Idade madura" p.121 e "Versos a Boca da Noite"<sup>27</sup> p.123, que enfatizam o olhar maduro.

No tocante à problematização da idade madura, Ana Cristina Cesar em "A Ingaia Ciência" p.165, faz um levantamento temático através das relações intratextuais com os poemas: "Rua da Madrugada" p.121, "Versos à Boca da Noite" p. 123, "Os Últimos Dias:" p.140, "No Exemplar de um Velho Livro"<sup>28</sup> p.202.

<sup>26</sup> Nesse poema, a poeta faz relações intratextuais com "Canto do Homem do povo Charles Chaplin" p. 147 e "Mário de Andrade desce aos Infernos" p. 145, ambos do livro A Rosa do Povo. Nestas marcas a poeta ratifica a importância da palavra que supera a morte e também pode ser reinventada e atualizada.

<sup>27</sup> Estes poemas estão no livro A Rosa do Povo e já foram alvo das marcas de Ana Cristina Cesar.

<sup>28</sup> Este poema pertence ao livro Fazendeiro do Ar.

Entrelaçando estas informações, podemos depreender alguns pontos que caracterizam esta madureza como: a fusão dos motivos de morte e criação como constituição da obra, a incerteza estética vinda na forma de dúvida, procura ou debate, a insatisfação consigo mesmo, a nostalgia de um outro que não pode ser, a poesia indagando sobre o problema da poesia.

Outra questão muito marcada por Ana Cristina Cesar no livro Claro Enigma é agora a questão do paradoxo que aparece nos seguintes poemas: “Ser” p.168, “Cantiga de Enganar” p. 173, “Os Bens e o Sangue” p. 186, “Canto Negro” p.185, “Campo de Flores” p. 187.

No poema “Ser” p. 168, Ana Cristina Cesar reitera através de suas anotações e grifos, a dúvida drummondiana, “o filho é e não é”, nos versos:

.....  
“ao mesmo tempo saiba ser não ser  
claro enigma se deixa transparecer”.

A poeta enfatiza ainda mais essa posição com a relação intratextual de “Oficina Irritada” P. 170, pois trata-se de um problema ambíguo: o poema é filho e o poeta é pai, no entanto o poema faz-se por si mesmo, isto é, filho sem pai. Deste modo podemos articular esta questão do poema com a reescritura ou reinvenção. Em “Amar” p. 174, Ana Cristina Cesar novamente constrói outro poeminha:

“falta que ama  
amar a falta  
amar é falta  
amar a ausência - vaso sem flor, chão vazio”.

Temos então que através do grifo na palavra vazio no verso: “um vaso sem flor, um chão vazio”, a poeta reinventa.

Quanto à questão do poema como filho, pode-se fazer a relação com as marcas do poema “Contemplação no Banco” p. 169, onde a poeta coloca o poema como filho e também como escultura de ar, portanto, um paradoxo. Diz Ana Cristina: “paradoxo da escritura: escultura pressupoe escultor, ar dissolve a escultura e o escultor”.

Em “Cantiga de Enganar” p. 173, Ana Crisitina Cesar destaca outros paradoxox, na oposição “mundo X palavra”:

"o mundo não vale a pena,  
mas a pena não existe.

.....  
Façamos meu bem, de conta  
mas a conta não existe.

.....  
Meu bem sejamos fortíssimos  
mas a força não existe".

Através deles Ana Cristina Cesar tenta detectar a contraposição do mundo e das palavras, do real e do sonho, retomando mais uma vez a idéia de que o ato de escrever dissipa o real <sup>29</sup> . Chama de fazer de conta (que é o paradoxo) o uso das palavras , que ao mesmo tempo requer lucidez e inconsciência. A poeta ainda faz relação intratextual como o poema "Nudez" , onde o verso é apenas um arabesco, reiterando assim a idéia de que escrever é dissipar o real, tantas vezes destacado em livros anteriores.

A poesia como paradoxo está anotada, também no poema "Os Bens e o Sangue", VIII, p.190 nos versos :

.....  
"O poeta de uma poesia que se junta e se expande  
à maneira de um lago de pés e resíduos letais".

Novamente é reinterada a poesia como paradoxo, pois ao mesmo tempo que se esconde, se mostra poesia que se nutre tanto do passado como do presente.

Nas marcas do poema "Campo de Flores" p.178, o paradoxo é ratificado como figura do poema e o poema como lugar do paradoxo. São eles : Deus e o Diabo, sou/não sou, prazer/dor, amar/calar.

Entretanto, é em "A Máquina do Mundo", poema densamente anotado pela poeta, que todas as questões tratadas neste livro aparecem numa forma mais aprofundada. Primeiramente, os grifos e anotações dão o tom da paisagem : fecho de tarde, chumbo, formas pretas, escuridão e treva espessa numa forma de

---

<sup>29</sup> Esta questão apareceu nos livros anteriores, e está também nos versos de "Convívio" p. 190.

entrever o discurso entre o viajante e a natureza num regime de analogias: a lentidão do viajante e a escuridão da natureza. A poeta destaca a neutralidade do sujeito, a luta interior do poeta, a representação, da própria representação até a aceitação da palavra poética na sua paradoxal verdade. Mais uma vez realça o paradoxo e a ambigüidade do ser.

E ao final de "Relógio do Rosário" p.200, último poema de Claro Enigma, Ana Cristina traça uma espécie de síntese do pensamento de Drummond: "enterro da busca metafísica. Superação do desejo de encontrar a total explicação da vida. O poeta não mais deseja ver desvanecida a escuridão".

Finalmente a poeta marca também poemas que tratam do amor e da morte, por exemplo : em "Notícias Amorosas" p.174, Ana Cristina Cesar faz um verso como que sintetizando a mensagem do poema : amor é procura, é ausência.

Em "Tarde de Maio" p.175, "Morte das Casas de Ouro Preto" p.184, são enfatizadas as imagens da morte.

## **FABRIL DO AR**

Em Fazendeiro do Ar<sup>30</sup>, o que chama a atenção são três poemas exaustivamente marcados : "Escada" p. 210, "Elegia" p.212, "Canto Orfíco" p.213. Em "Escada" p.210, excetuando-se as duas marcas "de dicionário" com relação às palavras espora e ceva, pode-se dizer que as outras marcas sintetizam a temática da destruição, relacionada com o amor .A poeta chama a atenção para o paradoxo amor e perda, articulando com a interrogação<sup>31</sup> incessante dos paradoxos existenciais comuns à concepção de amor segundo Drummond.

Através das relações intratextuais (p. 248 e p. 166), parece que a poeta busca resposta para as perguntas; ou seja, o amor com todo esse sentimento de destruição e transitoriedade, pode-se compreendê-lo através de seus contrários. A poeta destaca também os versos que descrevem os elementos antitéticos do amor, comparando a realidade e a imaginação, o real e o irreal.

---

<sup>30</sup> Fazendeiro do Ar, oitavo livro contido em Reunião, com vinte e quatro poemas e quatorze assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>31</sup> Esse tema das perguntas será melhor desenvolvido no capítulo de conclusão.

Percebe-se nessas marcas um confronto entre o amor : como foi experimentado ontem e o que resta hoje.

Já em "Elegia" p. 212, a poeta utiliza-se primeiramente do conceito de poesia barroca, dado por C. J. Saraiva, talvez como forma de continuar a abordagem do paradoxo, enfatizando que a poesia é um jogo criado pelos poetas ao confundir o sentido próprio e o figurado das palavras.

Em seguida Ana Cristina Cesar retira destas estrofes seus pontos principais : o sujeito se desmonta e vira planície, a indagação e a independência do sujeito, a decepção do sujeito, o sujeito no paradoxo do jogo de dizer sem falar sobre. Pode-se perceber que em quase todas as estrofes assinaladas a um enfoque para a perda, isto é, a poesia é colocada como o ganho que se segue a todas as perdas.

No entanto, em "Canto Orfíco" p.213, as marcas chamam a atenção para anulação do paradoxo e conseqüentemente para a questão do verso como possibilidade de integração e não como depuração : enfatiza que o poeta é o agregador dos fragmentos e que o conhecimento do mundo é inerente ao ser. Enfim a poesia é considerada como instrumento pelo qual o homem se escuta e ressoa através dos tempos.

As marcas dos outros poemas considerados podem ser uma continuação mais apuradas das questões já tratadas em outros livros como, por exemplo, a questão da matéria do poema e a do não cantar, que estão presentes em "Conclusão" p.204, em que além das marcas a poeta faz também anotações em uma folha solta, retomando o mote de que o real se escoia, de que a poesia não trata dos acontecimentos e fazendo uma distinção entre poesia e não poesia. Percebe-se ainda o desejo do silêncio, da não palavra e novamente a busca da utopia, que está além das palavras.

Articulando as marcas deste poemas "Conclusão" p.204 com as marcas de "Brinde no Banquete das Musas" p.203, pode-se dizer que a poeta decodifica uma definição de poesia : poesia como morte secreta, para mais uma vez enfatizar que a poesia não recupera e a escritura é perda, ou seja, que a escrita só afirma o real através de sua negação radical. Poesia é memória que se inscreve no preciso momento da perda, reintegrando a essência do poeta.

Ana Cristina Cesar retoma também através de suas marcas, a questão do tempo nos poemas "A Distribuição do Tempo" p.204, onde o tempo do poeta é um minuto de esperança, e em "Eterno" p.208, em que a poeta chama a atenção para o instante, o efêmero.

Vale registrar também as marcas dos poemas "Estrambote Melancólico" p.209 e "O Enterrado Vivo" p.205, que possuem as mesmas anotações : ausência do ser. Pode-se dizer que novamente o tema da morte aparece em suas marcas.

## *A VIDA PASSADA A LIMPO*

Em A Vida Passada a Limpo <sup>32</sup> temos poucas anotações, e dentre elas muitas "de dicionário" como : mear, polido, jóia, esperteza, lascas.

No entanto, é no poema "Nudez" p.219, mais assinalado pela poeta e que ainda traz uma folha solta <sup>33</sup> com anotações, que vamos encontrar a negação e a dúvida quanto à transmissão do sujeito no poema; a estranheza frente à dispersão do ser na representação e a transformação; o sujeito não se reconhece no texto. Observa-se que neste poema, a maioria das questões levantadas por Ana Cristina Cesar, está presente. A poeta chama a atenção para a paródia "não cantarei amores"; para a questão do tempo, só que aqui o tempo é o nada. Quanto ao tempo quanto mais o poeta investe contra o nada, mais o constrói. O nada torna-se uma presença transfiguradora do ser.

Percebe-se, através das anotações da poeta, toda a sua preocupação com a poesia. Poesia como experiência; poesia que está além das palavras; poesia morte secreta.

Os grifos do "Poema Orelha" p.219 convergem para a poesia como experiência e onde o vivido vira letra no jogo e na confissão embricados no poema.

.....

"são notícias humanas

.....

que nem distingo eu mesmo

o vivido e o inventado".

---

<sup>32</sup> A Vida Passada a Limpo é o nono livro contido em Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, com 32 poemas e 12 assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>33</sup> Verificar a transcrição da folha solta.

Nessa linha, temos nas marcas de Tríptico de Sônia Maria do Recife p. 224 a questão da escritura como perda e também a procura de um verso diferente para significar o real.

.....

"preciso de outro verso bem diferente

.....

para significar a moça".

Já nas marcas do poema "Ciência" p.226, poema de especulação filosófica-existencial, aparece, além da questão do real, a do olhar maduro frente ao mundo.

Nesta questão da madureza temos os grifos no poema "Ciclo" p.223 que enfatiza talvez, a perda da espontaneidade com a chegada da maturidade e do olhar maduro, deixando assim "Eternas as Crianças decepadas".

Interligadas à questão acima temos a do tempo, mais uma vez anotada por Ana Cristina Cesar. A poeta no decorrer do poema "Ar" p.221, vai intercalando as anotações presente e passado para grifar a última estrofe que enfatiza o tempo embalsamado. Deixa com isso a questão : a memória pode vencer a juventude ? Já em "A um Hotel em Demolição" p.240, o hotel aparece como a própria negação do tempo.

Ana Cristina Cesar neste livro retoma a questão da morte agora interligada aos versos de "A Vida Passada a Limpo" p.223, "essa alvura de morte lembra amor" e também nos grifos do poema "Especulações em torno da Palavra Homem" p.226, principalmente os que fazem especulação filosófica sobre a morte.

Com referência ao amor, temos nas marcas do poema "Véspera" p.236 a mesma idéia de algo impreciso, de uma certa procura, de algo quase inatingível!

.....

"Nem tu sabes, amor, que te aproximas  
a passo de veludo. És tão secreto,  
reticente e ardiloso, que semelhas  
uma casa fugindo ao arquiteto".

E nas marcas e anotações do poema "Sonetos do Pássaro" p.223, essa idéia de algo fugidio está enfatizado pelas anotações da poeta.

## LIÇÃO DE COISAS

O livro Lição de Coisas <sup>34</sup> é composto por 33 poemas, que se colocam sob 9 rubricas temáticas (origem, memória, ato, lavra, companhia, cidade, ser, mundo e palavra), ressaltando-se que somente na rubrica "Lavra" a poeta assinalou todos os poemas.

Logo no primeiro poema, Ana Cristina Cesar chama a atenção para a palavra como texto e não apenas como signo verbal. Através dos grifos e das anotações, mostra num crescendo a palavra independente do sujeito, como por exemplo, no verso: "É a palavra, um ser/esquecido de quem o criou;"

Também a anulação da oposição mundo X palavra é anotada no verso "para incluir-se no semblante do mundo".

E a fundação do espaço da palavra a palavra terra, isto é, a palavra pode viver sem o homem, mas o homem não pode viver sem ela. A palavra é a origem e o eco do homem sobre a terra. O encontro da palavra é, portanto, um reencontro com a terra e com algo além da palavra, pois o nome é bem mais do que nome, é o além-da-coisa.

Essa idéia de domínio do universo através das palavras, as marcas do poema "Memória" reforçam-na, como também as marcas no poema "Aniversário", deixando claro que o fato de o poeta possuir o dom de lidar com as palavras faz com que a poesia seja memória e também o próprio presente.

Observa-se também neste livro que as outras marcas refletem e enfatizam os questionamentos e indagações filosóficas <sup>35</sup> da poeta no tocante ao amor (por exemplo, no poema "Destrução p.258) :

".....

Dois amantes que são ? Dois inimigos."

Aqui Ana Cristina Cesar considera uma pergunta com resposta, isto é, como paradoxo. Temos o amor e ódio, sentimentos contraditórios. Nessa mesma rubrica "Lavra", nos poemas "Mineração de Outro", e "Amar"-Amaro" a poeta

---

<sup>34</sup> Lição de Coisas, livro contido em Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, composto por 33 poemas onde 18 estão assinalados por Ana Cristina Cesar.

<sup>35</sup> Esta questão das perguntas será desenvolvida no capítulo de "Conclusão".

acentua o que ela chama de perguntas sem respostas. Essas anotações da poeta prendem-se não só a um esforço em talvez compreender o amor por seus contrários, mas captar os aspectos contingentes da vida; talvez queira acentuar que não há receitas prontas para o amor e nas anotações dos versos em "Amar-Amaro" enfatiza a imprevisibilidade do amor.

Quanto aos dois poemas narrativos, "O Padre e a Moça" e "Os 2 Vigários", as marcas chamam a atenção para a questão de Deus e seus desígnios e da religião principalmente católica.

É interessante verificar que Ana Cristina Cesar faz apenas uma anotação a respeito do poema "Isto é Aquilo", poema este muito debatido e bastante analisado.

A poeta apenas destaca, com essa anotação, que a forma é conteúdo e o conteúdo é forma.

O último livro de Reunião é 4 Poemas, composto por 4 poemas, onde apenas "Intimação" é grifado e possui anotação.

Novamente Ana Cristina Cesar destaca as perguntas dos versos :

.....  
"Em nome de que lei?  
Acaso lei sem nome ?"

Esse rastreamento da leitura da Ana Cristina Cesar na obra Reunião de Carlos Drummond de Andrade, nos permite a obtenção de certos dados para chegarmos a algumas conclusões.

O que podemos atestar imediatamente, após essa leitura da marginalia, é que as questões são sempre as mesmas desde Alguma Poesia até Lição de Coisas. O que permite a leitura da poeta é a sua preocupação com a poesia, Ana Cristina Cesar é uma estudiosa de Drummond.

Assim temos que, nos primeiros livros, Ana Cristina anuncia as questões e nos livros posteriores ela as aprofunda.

Se tomarmos livro por livro, poderemos traçar um painel do que mais chamou a atenção da poeta.

Em Alguma Poesia por exemplo : Ana Cristina Cesar anula as questões da negação do conteúdo semântico, a distinção entre poesia e poema, do

que cantar. Em Brejo das Almas, a ênfase é dada para o não-cantar sob a forma de segredo, e sobre a construção do poema; em Sentimento do Mundo e José, novamente a questão cantar X não cantar e a construção do poema através das palavras; em A Rosa do Povo e Novos Poemas, estas questões são aprofundadas, a escrita surge como dissipação e a maturidade. Em Claro Enigma, a questão da dissipação de escrita é enfatizada e ressalta-se o paradoxo. Em Fazendeiro do Ar o paradoxo é retomado com definição de poesia. Em A Vida Passada a Limpo volta a questão do não-cantar e a do tempo (maturidade). Em Lição de Coisas ressalta os questionamentos de ordem existencial.

Contrastando com todas essas marcas, que aparecem em quase todos, os livros Ana Cristina Cesar marca poemas que fazem referência à morte, fugindo assim à sua preocupação maior : a poesia.

Vale registrar as anotações das páginas de rosto que contêm sinais significativos, como por exemplo em uma das anotações : Cartas marcadas (baralhar bem antes de ler).

De fato todas as questões levantadas e ressaltadas por Ana Cristina Cesar não obedecem a uma ordem cronológica, pois a partir de qualquer uma as reflexões podem ser efetuadas.

Outra anotação digna de nota é a seguinte :

calar → não-palavra na possibilidade da palavra

silenciar → impossibilidade, incapacidade de dizer sobre o objeto

Temos assim a distinção que a poeta estabelece entre calar e silenciar, distinção esta que toca profundamente na questão da comunicação e do silêncio da poesia, isto é, o poeta diz a respeito do silêncio através da palavra, isto é, a poesia concretamente concebida, é palavra, se faz com palavras.

No que diz respeito ao silenciar, pode-se dizer que Ana Cristina Cesar se refere à questão da representação, ou seja, o silêncio é a impossibilidade de representar.

Enfim os extremos dessas anotações são : a vida e a morte. A vida com seu claro e escuro e a morte com a única certeza.

A poeta então entretece a poesia como enigma, com possibilidade do canto; com a reflexão sobre a atividade criadora e a busca de construção de um mundo novo; a poesia como reintegração da essência do poeta; o poeta maduro compreendendo a efemeridade do tempo e o auto-conhecimento decorrente do passado, e da certeza da morte.

## IV. - ALGUMAS CONCLUSÕES

Toda seleção, toda escolha, pressupõe um julgamento de valor; toda leitura é penetrada de desejo, de impulso.

A análise dos grifos, fragmentos explícitos ou metafóricos, nos permite talvez dizer que a leitura de Ana Cristina Cesar é criação dirigida <sup>1</sup>, isto é, ela tem um modelo (Drummond) e o reinventa. Ou, ainda, podemos dizer que Ana Cristina Cesar comporta as características do leitor ideal crítico <sup>2</sup>.

E o que Ana Cristina Cesar destacou nos poemas de Drummond? E por que Drummond?

Como se pôde ler na marginália, a poeta persegue um conceito de poesia e de como construí-la. Poder-se-ia dizer que é como se Ana Cristina Cesar esboçasse um ensaio crítico teórico sobre poesia, poema, poeta e escritura. Ou, indo além, ensaiasse caminhos de sua própria poesia.

Observa-se que este texto que chamamos "Teórico- crítico" de Ana Cristina Cesar passa a incorporar um objeto para além dos textos de Drummond, a sua escritura.

Detectamos, através da marginália, poesia como uma experiência irrecuperável no nível semântico, onde o real se escoa, é o ser- não ser, problemática paradoxal da escritura. Nas marcas vê-se a ênfase que a poeta dá ao empreendimento: ela reinventa a poesia cada vez mais, tanto através dos elementos novos como o dos desgastados. Observa a invenção, destaca o uso de clichês. Dentro dessa perspectiva estão o canto e todos os cantares e a matéria do poema.

Nas anotações de Ana Cristina Cesar fica bem clara também a postura da poeta em relação à ligação da poesia com a linguagem, através da palavra. Como diz Otávio Paz <sup>3</sup> "A Palavra é o próprio Homem", ou ainda, "cada

---

<sup>1</sup> SARTRE, Jean Paul. op. cit.

<sup>2</sup> Denominação usada por Didier Coste ao estabelecer três tipos de leitor: Leitor virtual, leitor ideal (autoral e crítico) e leitor intensional. O leitor ideal pode ser autoral e crítico. Leitor ideal crítico é aquele que projeta uma recepção (a do crítico) em uma outra recepção (a do leitor comum).

<sup>3</sup> PAZ, Otávio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. 2ª ed.. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1984, p. 41.

palavra esconde uma certa carga metafórica disposta a explodir tão logo se toca na mola secreta; a força criadora da palavra reside, porém, no homem que a pronuncia".

Assim, a palavra tanto pode ser alimento para o poeta como também motivo de luta. A palavra tem caráter transitório e é preciso tirá-la do dicionário e infligir-lhe significados múltiplos, ou dar-lhes nova roupagem, decorrendo assim a definição de poesia; poesia: palavra.

Através dos grifos, frases, fragmentos, vislumbra-se também poesia como o claro, a aurora, a crença, o paradoxo, o enigma. Enigma porque é uma projeção do próprio homem, que transfere para o enigma todas as suas contradições.

Assim, a prática dessa experiência irrecuperável que sai do poeta é o poema, que às vezes pode ser uma arma; uma utopia; o anúncio da manhã; o silêncio; uma escultura de ar; o desejo; o sonho; o não-real que se contrapõe à realidade; o elemento perverso que dificulta a interpretação.

O poema que, às vezes, é visto também como o lugar do paradoxo, onde se encontram juntos a lucidez e o abandono. Ele é o filho sem pai, que se faz por si mesmo, constituindo-se o paradoxo da escritura; ele é e não é.

Temos, então, o poeta definido através da antítese: lutador e estátua. Lutador porque trava uma verdadeira batalha com a palavra para a construção do poema e a estátua porque mantém-se íntegro nela. Ele não se serve das palavras, é seu servidor. Sua função não é revelar ou interpretar o mundo objetivo ou subjetivo, mas aceitar o desafio da palavra, desvendando suas virtualidades.

Através desses dados, poder-se-ia desprender os seguintes conceitos sobre ❶ poesia, ❷ poema, ❸ poeta e ❹ escritura :

❶ Poesia "experiência irrecuperável" (AP)

Poesia "solar". "A noite Dissolve os Homens". (SM)

Poesia ou "palavra". "Dissolução". p. 164 (CE)

Poesia : paradoxo. "Os Bens e o Sangue". p. ?? (CE)

Poesia : "elide sujeito e objeto", "Convívio". p. 190 (CE)

Poesia : além de nós. "Nudez". p.219 (AVPL)

Poesia : enigma.

❷ Poema = Materialidade, prática, produto. (AP)

Poema = arma = destruição do capitalismo, anúncio da utopia.

"Nosso Tempo". p. 82 (RP)

Poema = Rosa - "Anúncio da Rosa". p. 98 (RP)

Poema : anuncia a manhã. "A Federico Garcia Lorca". p.158. (??)

Poema ou silêncio - "Dissolução". p. 164 (CE)

Poema = flor, escultura de ar, abstrata, "Contemplação no Banco".  
p.169 (CE)

Poema : filho → é filho sem pai. "Ser". p.168. (CE)

Poema : faz-se por si mesmo.

Poema : objeto de ar, "Contemplação no Banco". p.169 (CE)

Poema : sai do poeta. "Indicações". p.138 (RP)

❸ Poeta : homem e estátua. "Aliança" p. 160 (NP)

Poeta : pai, "Ser" p. 168 (CE)

Anúncio do poeta : rosa. "Mário de Andrade Desce aos Infernos" p.  
145. (RP)

Poeta : amador de decepção. "Nudez". p. 219 (AVPL)

❹ A problemática paradoxal da escrita = ser = não-ser. "Como um  
Presente". p. 117 (RP)

→ no verso o real se escoia. "Conclusão". p.204 (FA)

→ Escultura de ar - paradoxo da escritura. "Contemplação no  
Banco". p.169 (CE)

Se observarmos atentamente essas definições, notamos que a maioria delas foi retirada do livro Claro Enigma, onde uma das importantes características dessa fase de Drummond é a atitude de questionamento da trajetória do poeta até aqui, do seu fazer poético, o que vem enfatizar a preocupação de Ana Cristina Cesar sobre essa questão.

Do livro A Rosa do Povo, a poeta retirou vários conceitos referentes à inquietação da poeta com relação à poesia como campo de pesquisa, como preocupação metapoética; poesia enquanto palavra e também a preocupação social.

Não faltaram também as preocupações com a lírica existencial que levam a poeta a marcar poemas de introspecção, como também em Fazendeiro do

Ar, a atitude de questionamento de sua trajetória quanto ao fazer poético. Esses elementos permitem colocar o texto-marginália de Ana Cristina Cesar como isento de sentimentalismo, onde a poeta não se deixa transparecer, ficando à esquelha, à distância, resguardando-se em suas colocações.

É a poeta ausente-presente, presente pela sua lucidez e ausente como leitora sentimental. Ela é leitora racional, literária. Como diz Flora Süssekind<sup>4</sup> o "sujeito lírico veste luvas".

Podemos dizer ainda que a leitura que Ana Cristina Cesar faz do livro Reunião de Carlos Drummond de Andrade é uma leitura repleta de associações intratextuais e de intertextualidades. De associações intratextuais que nos remetem a outro poema de Carlos Drummond de Andrade de épocas iguais ou diferentes do poema analisado. Fornece-nos assim uma visão mais completa e rica da poesia Drummondiana e da intertextualidade, porque nos leva a outros textos de outras épocas e de outros poetas, havendo também um grande enriquecimento.

Temos exemplos de leitura intratextual e intertextual nos poemas "Procura da Poesia" p. 76 e "Rola Mundo" p. 91, ambos pertencentes ao livro A Rosa do Povo.

Em "Procura da Poesia", a poeta, através de suas marcas, talvez queira dar um destaque especial para a questão da redinamização da linguagem por intermédio das palavras. Como diz Otávio Paz<sup>5</sup>, a palavra é um símbolo que emite símbolos. Neste poema, Ana Cristina Cesar, em uma das anotações, relaciona-o com o poema "O escritório"<sup>6</sup>.

Ao fazer relação intratextual com o poema "Escritório", a poeta parece enfatizar a questão da representação, pois o escritório é o lugar onde os objetos estão edificados como objetos de conhecimento e de uso. Objetos como por exemplo o dicionário, que no momento em que é surpreendido pelo olhar humano, metamorfoseia-se em palavras (as palavras coisas). Poderíamos também dizer que a poeta faz uma analogia do poeta como o velho (que é o pai), isto é, a tarefa do poeta é salvar as palavras dos grilhões que os condicionamentos históricos-sociais lhes tem imposto, enquanto no "Escritório" o pai é o dono dele, tem a posse das coisas.

---

<sup>4</sup> SÜSSEKIND, Flora. op. cit.

<sup>5</sup> PAZ, Otávio. idem.

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova Reunião: 19 livros de Poesia. Vol. 2º, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1983.

Em resumo a escolha do poema "Escritório" visa enfatizar que as palavras não devam ficar paralisadas no dicionário, como no verso "torna o dicionário livro único" , e sim dinamiza a linguagem, explorando-a, tentando recuperar-lhe a vitalidade própria do signo linguístico.

Já no Poema "Rola Mundo", temos um exemplo de intertextualidade, pois Ana Cristina Cesar relaciona-o com os versos de João Cabral de Melo Neto.

"Por fim a realidade,  
prima e tão violenta  
que ao tentar apreendê-la  
toda imagem rebenta <sup>7</sup>".

Se para a poeta a literatura é reinvenção, exemplos disso temos nos poemas "Aliança" p.160 e "Amar" p.174 (CE), onde a poeta constrói poeminhas gerados pela leitura, ou seja, ela lê Drummond de uma maneira nova, acatando sua palavra e ao mesmo tempo dessacralizando-o. Ana Cristina Cesar se vale do passado como um modo de pensar o presente, olha para o passado mas também vê o presente.

Ela distingue a sua própria voz, ouvindo as outras vozes do passado e do presente. A poeta exercita a prática do verso, mas não seu compromisso com a linguagem poética tradicional <sup>8</sup> como ela mesma diz nos versos :

"Me nutro das tetas dos poetas pensando no meu seio ".

Ana Cristina Cesar explicita, assim, o processo construtivo do poema, que passa ostensivamente pelo trabalho sobre outras obras : seu texto fica como constatação da impossibilidade do absolutamente original. O novo será o modo de desenhar a própria palavra tecida na própria palavra alheia, novo é o modo de ler <sup>9</sup>.

Parece que o modo de superar a ansiedade da influência é a elaboração estética das mesmas , superação que não se dá sem novas angústias e

---

<sup>7</sup> Este poema está contido no livro Uma Faca só Lâmina. (ou serventia das idéias fixas), 1985, p.199.

<sup>8</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Atrás dos Olhos Pardos. Uma Leitura da Poesia de Ana Cristina César, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Tese de Doutorado), 1990.

<sup>9</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros . Idem.

tensões, pois Ana Cristina Cesar ama seus modelos, adere-se a eles, mas dessacraliza-os.

Como já disse, na construção de sua obra foi possível detectar a presença forte de vários poetas como Baudelaire, Bandeira, Drummond, Adélia Prado, além de outros.

Reflexos dessa presença de Drummond temos em vários poemas:

### Ana Cristina Cesar

### Carlos Drummond de Andrade

"Conversa de Senhoras " <sup>10</sup>	→	Poema de Sete Faces
"Pedra Lume " <sup>11</sup>	→	No Meio do Caminho
"O Enigma" <sup>12</sup>	→	O Enigma
"Volto pra Você" <sup>13</sup>	→	Confissão do Itabirano

A poeta pretende, através de sua palavra, preencher o vazio de sua geração, permitindo pensar o período em questão, não pelo que foi feito, pela identidade como sua geração, mas especialmente pelas diferenças <sup>14</sup>.

Convém também destacar do livro Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, as marcas, grifos e anotações, nos quais Ana Cristina Cesar enfatiza veementemente as perguntas.

Essas "perguntas" já foram alvo de inquietação da poeta nas anotações marginais feitas no poema "Cinzas", contido no livro Coração Disparado de Adélia Prado <sup>15</sup>.

A anotação é a seguinte : "muito bom embora ainda sinta que é Drummondiano, bem escrito", tipo "perfeito", sem as belas imperfeições de Adélia. Implico com as perguntas, mas isto é bom " <sup>16</sup>.

---

<sup>10</sup> A Teus Pés p.19

<sup>11</sup> Inéditos e Dispersos . p.191

<sup>12</sup> *idem*, p.88-89.

<sup>13</sup> *idem*, p.197.

<sup>14</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros, *op. cit.*

<sup>15</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *idem*.

<sup>16</sup> Em sua tese Mária Lúcia de Barros Camargo, esclarece que o livro Reunião não é o único da biblioteca particular da poeta com anotações margiais, há também Bagagens e Coração Disparado, ambos de Adélia Prado, cujas anotações remetem freqüentemente à Drummond, além de outras associações com Manuel Bandeira e Murilo Mendes.

Poder-se-ia dizer que no livro Reunião de Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina Cesar marca as primeiras perguntas em alguns livros, indo num crescente até culminar com a concentração delas no livro Lição de Coisas.

Elas iniciam-se no livro Brejo das Almas, no poema "Hino Nacional" <sup>17</sup>, com a seguinte pergunta: "Onde é o Brasil?", seguida da relação intratextual com o poema "A Palavra e a Terra" <sup>18</sup> do livro Lição de Coisas onde se encontra a anotação "Onde é o Brasil?" Como se pode observar, as duas perguntas não têm igual valor: na primeira, o artigo teve como efeito lançar sobre a representação, mais visualidade e mais familiaridade, enquanto que na segunda há alusão mais à idéia que formamos do objeto, no caso (Brasil), à qualidade que lhe atribuímos, envolvendo-o de certa distância. Assim é como se Ana Cristina Cesar, ao destacar essa pergunta, buscasse situar o indivíduo dentro do Brasil, e no universo, por meio da palavra. A palavra passa a ser um espaço da mesma maneira que é a terra. Aqui talvez ela queira ressaltar que o poeta apodera-se do mundo através das palavras.

Em Sentimento do Mundo surge outra pergunta, no poema "A Noite Dissolve os Homens" <sup>19</sup>, se aquela situação de guerra vai durar muito tempo ou extinguir-se?

No poema "Os Rostos Imóveis" <sup>20</sup>, do livro José, a poeta, em várias estrofes, coloca um ponto de interrogação como se questionasse a vida, a morte, e a intemporalidade.

Em "II São Francisco de Assis" <sup>21</sup>, através da relação intratextual com o poema "Como um Presente" <sup>22</sup>, pertencente ao livro A Rosa do Povo, Ana Cristina Cesar deixa entrever o conflito do filho versus pai. Creio que a poeta, ao estabelecer a relação entre os dois poemas por meio de perguntas, realçou a figura do pai: em "II São Francisco de Assis" o pai é Deus e em "Como um Presente" o pai é dono da vida e da morte de seus descendentes. Assim a poeta se debate com a questão dos desgastes do tempo e de sua crença ou não em Deus.

Já nos poemas "Escada" <sup>23</sup>, do livro Fazendeiro da Ar, e "Nudez" <sup>24</sup>, do livro A Vida Passada A Limpo, surge outra pergunta: "O que resta?"

---

<sup>17</sup> "Hino Nacional" (BA) p. 36.

<sup>18</sup> "A Palavra e a Terra" (LC) p. 247.

<sup>19</sup> "A Noite Dissolve os Homens" (SM) p.57

<sup>20</sup> "Os Rostos Imóveis" (J) p. 68

<sup>21</sup> "II São Francisco de Assis" (CE) p.182

<sup>22</sup> "Como um Presente" (ARP) p. 117

<sup>23</sup> "Escada" (FA) p.210

<sup>24</sup> "Nudez" (AVPL) p.219

aparecendo este mesmo conflito no poema "Memória" <sup>25</sup> com a pergunta : "Como compor um homem do que restou?" a qual ela relaciona com outro poema "Perguntas em Forma de Cavalho Marinho ?" <sup>26</sup> do livro Claro Enigma.

Com estas perguntas e com estas relações intratextuais a poeta talvez queria realçar o conflito que se expressa através de imagens bilaterais : ganho - perda, seres- coisas, real- irreal, revelando assim o dualismo contínuo e seus novos ângulos.

Estabelece com a pergunta o confronto entre o amor tal como foi experimentado ontem e aquilo que resta hoje e com a pergunta : "O que resta ?" enfatiza os elementos antitéticos do amor : a realidade e a imagem, o ideal e o real. Não satisfeita, a poeta quer saber como compor um homem do que restou, relacionando com o poema "Perguntas em Forma de Cavalho Marinho", poema não anotado por ela, mas que sugere a resposta : o mistério do tempo.

No poema "Elegia " <sup>27</sup>, do livro Fazendeiro do Ar , a pergunta "Vai durar mil anos ou extinguir-se na cor do galo ?", toca na questão do tempo de duração da vida, da questão de Deus e da nossa procedência.

É no entanto em Lição de Coisas que as perguntas e indagações já anotadas pela poeta em outros livros, explodem. Encontram-se como que compilados os questionamentos sobre Deus, Deus e sua justiça, sobre o pecado, o amor, a morte, cotidiano é o poema.

Nos poemas : "O Padre e a Moça" <sup>28</sup> e "Os Dois Vigários" <sup>29</sup> estão presentes as indagações a respeito dos critérios da justiça e dos desígnios de Deus e a questão do pecado em "Vi Nascer um Deus" <sup>30</sup> , a existência de Deus. Quanto as indagações referentes ao amor e seus desencontros e como sentimento contraditório, estas estão contidas nas perguntas dos poemas : "Amar-Amaro" <sup>31</sup> , "O Padre e a Moça", "Os dois Vigários", "Mineração do Outro" <sup>32</sup> e "Destruição"<sup>33</sup>.

Em "Mário Longínquo" e "Carlito" temos a idéia com a anotação da poeta (perg/respost) de passado como espaço longínquo. Refere-se a imagem do amigo morto agora percebida à distância do tempo.

---

<sup>25</sup> "Memória" (LC) p.248

<sup>26</sup> "Perguntas em Forma de Cavalho Marinho" (CE) p.166

<sup>27</sup> "Elegia" (FA) p.212

<sup>28</sup> "O Padre e a Moça" (LC) p.250

<sup>29</sup> "Os Dois Vigários" (LC) p.257

<sup>30</sup> "Vi Nascer um Deus" (LC) p.270

<sup>31</sup> "Amar-Amaro" (LC) p. 259

<sup>32</sup> "Mineração do Outro" (LC) p. 259

<sup>33</sup> " Destruição "(LC) p.258

No tocante aos questionamentos sobre o poema , Ana Cristina Cesar em "Caça Noturna" <sup>34</sup> , faz um diálogo de perguntas e respostas no próprio poema. As perguntas seriam : "Os sons gigantes e os gemidos" e a resposta : o poema, ou seja, a vida pergunta e o poema responde , ou ainda, o poema como resposta da vida.

As indagações sobre a morte estão nos poemas "O Retrato de Malsim" <sup>35</sup> , onde a poeta questiona onde está a morte, em "Para Sempre" <sup>36</sup> , a morte das mães, e em "Science Fiction" <sup>37</sup> , onde aborda o instinto da morte.

Quanto às perguntas dos poemas "Canto do Rio em Sol" <sup>38</sup> e "O Pombo Correio" <sup>39</sup> estas referem-se ao cotidiano, à cidade grande.

Segundo Haroldo de Campos <sup>40</sup> , no livro Lição de Coisas, de Drummond, há consideração do poema como objeto, a resolução última de tudo, emoção, paisagem, ser, revolta na suprema instância de coisa-palavra, onde Drummond reassume sua constante dialética mais autêntica, fazendo concomitantemente, poesia e reflexão crítica, poesia de participação ou poesia-poesia e poesia-para.

Destaco essa colocação de Haroldo Campos com o intuito de chamar a atenção para as perguntas apontadas por Ana Cristina Cesar, no livro Lição de Coisas.

Pode-se arriscar a dizer que através dessas indagações da poeta e das relações que ela estabeleceu com outros poemas, o poema foi analisado como objeto único, exclusivo e independente e que ele só passa a ser compreendido na medida de sua relação com outros textos.

O texto que Ana Cristina Cesar escreveu foi, portanto, produto de leitura, produto híbrido e inventivo que pode indicar novos caminhos.

Vemos que Ana Cristina Cesar aproximou-se dos questionamentos, em Lição de Coisas, que lhe diziam respeito, para os quais ela desejava resposta, aos quais tinha dúvida. Diríamos que a poeta, no decorrer de suas indagações, construiu um texto-leitura, como forma de abrir-se e percorrer criticamente questões religiosas, existenciais e filosóficas sobre a vida e a morte que afligiam-na e deixavam-na irrequieta.

---

<sup>34</sup> "Caça Noturna"(LC) p.265

<sup>35</sup> "O Retrato de Malsim" (LC) p.268

<sup>36</sup> "Para Sempre"(LC) p.269

<sup>37</sup> "Science Fiction" (LC) p.268

<sup>38</sup> "Canto do Rio em Sol" (LC) p. 266

<sup>39</sup> "O Pombo Correio" (LC) p. 264

<sup>40</sup> CAMPOS, Haroldo de. Metalinguagem e outras metas. São Paulo, Perspectiva, 1992.

Em suma a poeta endossou, com sua postura, o que diz-se Proust<sup>41</sup> sobre a leitura : .

"Leitura consiste para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo".

Contrastando com as colocações "teóricas " sobre poemas, poesia, poeta, escritura, temos também discretas anotações e grifos que tratam sobre a morte, marcas que talvez abarquem aspectos autobiográficos de Ana Cristina Cesar as quais produziriam outro estudo.

Essas marcas estão nos poemas "Coração Numeroso", "Necrológio dos Desiludidos do Amor", "Desfile", "Os Rostos Imóveis", "Os Últimos Dias", "Noite das Casas de Ouro Preto", "Convívio", "Morte do Leiteiro", "Morte do Avião", "Evocação Mariana", "Estampas de Vila Rica", "Cemitérios", "Especulação em torno da Palavra Homem", "Aniversário ", "Os Dois Vigários" e "O Retrato Malsim" .

A morte aparece como tema e não como condição (experiência do poema). Ela é enfatizada, através da constatação das avarias do desgaste físico do homem, das imagens que o indivíduo tem da morte, da morte física do autor, morte progressiva das cidades, das idéias de destruição, temática da viagem, da imaginação de uma possível morte e da angústia do ser diante do tempo.

Para completar a nossa investigação, é necessário focalizar de um modo geral as não-marcas de Ana Cristina Cesar.

É interessante notar que Ana Cristina Cesar não assinalou os poemas antológicos de Drummond e também aqueles em que Drummond faz referência à sua terra natal, às cidades mineiras, aos costumes e personagens mineiros, as festas chamadas cristãs, aos poemas que criticam o parnasianismo, etc.

Portanto esta é apenas uma hipótese de leitura da marginália de Ana Cristina Cesar, contida no livro Reunião de Carlos Drummond de Andrade, podendo haver muitas outras. Esta, como se viu, analisou a leitura da poeta de uma maneira geral, retirando dos dez livros de Drummond apenas as posturas mais enfatizadas por Ana Cristina Cesar quanto à poesia, e ao fazer poético. Nestes termos, verifica-se a importância de outras análises mais aprofundadas.

---

<sup>41</sup> PROUST, Marcel. Sobre a Literatura. Tradução de Carlos Vogt, 2ª ed., Campinas, Rentes, 1991.

Em suma : a marginália não foi esgotada. Abriu-se apenas uma janela à espera de outros olhos, ou, como diz Sartre, "A leitura se compõe de uma quantidade de hipóteses de sonhos seguidos de despertar, de esperanças e decepções, onde os leitores estão sempre adiante da frase que lêem, num futuro apenas provável, que em parte se desmorona e em parte se consolida, à medida que a leitura progredir, um futuro que recua de uma página a outra e forma o horizonte móvel do objeto literário" .<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> SARTRE, Jean Paul .idem.

## Convenções

**XT** = título assinalado com um X

**Duplo XT** = título assinalado com dois XX

**Triplo XT** = título assinalado com três XXX

**#** = (nada assinalado)

**VS** = verso sublinhado

**AS** = anotações na parte superior da folha

**AT** = anotações ao título

**AD** = anotações à direita do poema

**AE** = anotações à esquerda do poema

**AR** = anotações de rodapé

**(ST)** = seta

**XV** = verso assinalado com X

**PD** = palavra destacada

**FS** = frase sublinhada (texto em prosa)

**APP** = anotações das primeiras páginas

**APPR** = anotações das primeiras páginas dentro de um retângulo

**APPC** = anotações das primeiras páginas dentro de chaves

**APPO** = anotações das primeiras páginas dentro de colchetes

Esclareço que para as anotações das primeiras páginas do livro foi modificada a ordem da tabela para a transcrição das mesmas. Para tanto, a ordem será a seguinte : anotações de Ana Cristina César à esquerda; seguida dos poemas de Drummond e suas respectivas páginas e à direita a convenção estabelecida.

ANOTAÇÕES	POEMAS	CONVENÇÕES
<i>O Verso não atinge o essencial - p. 92</i>	VIDA MENOR p. 93	APP
<i>e nada resta mesmo do que escreves te forçou ao exílio das palavras senão contentamento de escrever</i>	ASSALTO p.97	APP
<i>Noite - 202, 1</i>		APP
<i>juventude, madureza - FA 202,2 / FA 204,1</i>		APP
<i>cidade - FA 203,2</i>		APP
<i>amor, corpo - FA 203,3/</i>		APP
<i>esperança - FA 204,3 /</i>		APP
<i>esquerdo - FA 207/310</i>		APP
<i>morte - FA 206,3</i>		APP
<i><u>Cartas Marcadas</u> (baralhar bem antes de ler)</i>	(#)	APP
<i>calar → não-palavra na possibili // da palavra silenciar → impossibili // de dizer, incapaci // de dizer sobre o obj.</i>		APP APP
<i>noite            X            aurora fascismo                       libertação</i>	A NOITE DISSOLVE OS HOMENS p.57 NOSSO TEMPO p.83	APPR
	"É mal dos enigmas não se decifram a si próprios. Carecem de argúcia alheia, que os liberte de sua confusão amaldiçoada; E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas." (162)                    226	APP

ANOTAÇÕES	POEMAS	CONVENÇÕES
<p><i>rosa/ poema - p.98</i>  <i>rubro couraçado/ palavra/ canto/ rosa p.134</i>  <i>rosa/ aurora/ utopia - p.133 p.107 p.57</i></p> <p><i>stalingrado</i>  <i>cidade/ utopia - p.133, p.132, p.130(p.128) p.126</i>  <i>cidade atroz - p.138.</i></p> <p><i>esperança - p.90, p.88, p.61.</i>  <i>distribuir a solidão - p.129, p.126</i></p> <p><i>noite impedindo a comunicação - p.63</i>  <i>noite/ medo - p.81-p.82</i>  <i>noite/ dia - América p.126, p.57, p.60</i>  <i>noite / farol - p.62</i></p> <p><i>nitidez/ confusão - p.124</i>  <i>claro/ escuro →</i></p> <p><i>não quero palavras - p.121</i></p>		<p><i>APP</i></p> <p><i>APPC</i></p> <p><i>APP</i></p> <p><i>APP</i></p> <p><i>APP</i></p> <p><i>APP</i></p>

## ALGUMA POESIA

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
p.03. POEMA DE SETE FACES	(#)	
INFÂNCIA	(#)	
p.04. CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO	(#)	
p.05. TAMBÉM JÁ FUI BRASILEIRO	(#)	
CONSTRUÇÃO	(#)	
p.06. TOADA DO AMOR	(#)	
EUROPA, FRANÇA E BAHIA	(#)	
p.07. LANTERNA MÁGICA	(#)	
I - BELO HORIZONTE	(#)	
II - SABARÁ	(#)	
p.08. III - CAETÊ	(#)	
p.09. IV - ITABIRA	(#)	
V - SÃO JOÃO DEL REI	(#)	
VI - NOVA FRIBURGO	(#)	
VII - RIO DE JANEIRO	(#)	
p.10. VIII - BAHIA	(#)	
A RUA DIFERENTE	(#)	
LAGOA	(#)	
CANTIGA DE VIÚVO	(#)	
p.11. O QUE FIZERAM DO NATAL	(#)	
POLÍTICA LITERÁRIA	(#)	
SENTIMENTAL	(#)	
p.12. NO MEIO DO CAMINHO	(#)	
IGREJA	(#)	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES									
<p>p.13. <b>POEMA QUE ACONTECEU</b></p> <p><u>Nenhum desejo</u> neste domingo (V1)  <u>nenhum</u> problema nesta vida (V2)  o mundo parou de repente (V3)  os homens ficaram calados (V4)  domingo sem fim <u>nem</u> comêço. (V5)  .....  <u>não sabe</u> que está escrevendo (V7)  .....  <u>nem</u> ligasse. (V9)</p> <p>ESPERTEZA</p> <p>POLÍTICA</p>	<p>(AT)</p> <p>(V/S) 1,2,5,7,9</p> <p>(...) (AE) 3-5</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p>	<p><i>acaso / inconsciente negação do conteúdo semântico</i></p> <p><i>recuo da linguagem</i></p>									
<p>p.14. <b>POEMA DO JORNAL</b></p> <p><u>o fato ainda não acabou de acontecer</u> (V1)  .....  <u>A pena escreve.</u> (V8)</p> <p>SWEET HOME</p> <p>.....  <u>Ora afinal a vida é um bruto romance</u> (V6)  <u>e nós vivemos folhetins sem o saber.</u> (V7)</p> <p>NOTA SOCIAL</p>	<p>(AE)</p> <p>(VS) 1,8</p> <p>(VS) 6,7</p> <p>(#)</p>	<p><i>Colagem</i></p>									
<p>p.15. <b>CORAÇÃO NUMEROSO</b></p> <p>.....  <u>Meus paralíticos sonhos desgosto de viver</u> (V9)  <u>(a vida para mim é vontade de morrer)</u> (V10)</p>	<p>(XT)</p> <p>(VS) 9,10</p>										
<p>p.16. <b>POESIA</b></p> <p>.....  que a pena <u>não quer escrever.</u> (V2)  .....</p>	<p>(AT)</p> <p>(AE)</p> <p>(V/S) 2</p>	<p><i>Negação do conteúdo semântico ( teoria implícita )</i></p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="text-align: center;">Poema</td> <td style="text-align: center;">X</td> <td style="text-align: center;">Poesia</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">↓</td> <td></td> <td style="text-align: center;">↓</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">materiali// prática , produto</td> <td></td> <td style="text-align: center;">experiência</td> </tr> </table>	Poema	X	Poesia	↓		↓	materiali// prática , produto		experiência
Poema	X	Poesia									
↓		↓									
materiali// prática , produto		experiência									

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>e não quer sair.</u> (V6)  Mas a poesia dêste momento (V7)  inunda minha vida inteira. (V8)</p>	<p>(VS) 6  (ST) 7</p>	<p><i>teoria explicita  surrealismo : a poesia é uma  experiência vivencial irrecu-  perável (no nível semântico)</i></p>
<p>FESTA NO BREJO</p>	<p>(#)</p>	
<p><b>JARDIM DA PRAÇA DA LIBERDADE</b></p>		
<p>.....  <u>Bonito demais. Sem humanidade.</u> (V12)  <u>Literário demais.</u> (V13)</p>	<p>(VS) 12,13</p>	
<p>p.17.CIDADEZINHA QUALQUER</p>	<p>(#)</p>	
<p><b>FUGA</b></p>	<p>(XT)</p>	
<p>p.18.SINAL DE APITO</p>	<p>(#)</p>	
<p>p.19.PAPAI NOEL ÀS AVESSAS</p>	<p>(#)</p>	
<p><b>QUADRILHA</b></p>	<p>(#)</p>	
<p>p.20.FAMÍLIA</p>	<p>(#)</p>	
<p><b>O SOBREVIVENTE</b></p>		
<p><u>Impossível compor um poema a essa altura da</u>  [evolução da humanidade. (V1)</p>	<p>(V/S) 1,2</p>	
<p><u>Impossível escrever um poema - uma linha que seja -</u>  [de verdadeira poesia. (V2)</p>		
<p>O último trovador morreu em 1914. (V3)</p>	<p>(...) 3,4</p>	
<p>Tinha um nome de que ninguém se lembra mais. (V4)</p>		
<p>Há máquinas terrivelmente complicadas para as</p>	<p>(...) 5-12</p>	
<p>[necessidades mais simples. (V5)</p>		
<p>Se quer fumar um charuto aperte um botão. (V6)</p>		
<p>Paletós abotoam-se por eletricidade. (V7)</p>		
<p>Amor se faz pelo sem-fio. (V8)</p>		
<p>Não precisa estômago para digestão. (V9)</p>		
<p>Um sábio declarou a <i>O Jornal</i> que ainda falta (V10)</p>		
<p>muito para atingirmos um nível razoável de (V11)</p>		
<p>cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto. (V12)</p>		



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>Para louvar a Deus como para aliviar o peito, (V5)  queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e  [trabalhos (V6)  é que faço meu verso. E meu verso me agrada. (V7)</p> <p>Meu verso me agrada sempre... (V8)  <u>Ele</u> às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar  [uma cambalhota, (V9)  mas não é para o público, é para mim mesmo essa  [cambalhota. (V10)</p> <p><u>Eu</u> bem me entendo. (V11)  Não sou alegre. Sou até muito triste. (V12)  A culpa é da sombra das bananeiras de meu país,  [esta sombra mole, preguiçosa. (V13)  Há dias em que ando na rua de olhos baixos (V14)  para que ninguém desconfie, ninguém perceba (V15)  que passei a noite inteira chorando. (V16)  Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson, (V17)  de repente ouço a voz de uma <u>viola</u>... (V18)  saio desanimado. (V19)  Ah, ser filho de fazendeiro! (V20)  À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer  [córrego vagabundo, (V21)  é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de. (V22)  E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.  [(V23)</p> <p>Aquela casa de <u>nove andares</u> comerciais (V24)  é muito interessante. (V25)  A <u>casa colonial</u> da fazenda também era ... (V26)  No elevador penso na roça, (V27)  na roça penso no elevador. (V28)</p> <p>Quem me fêz assim foi minha gente e minha  [terra (V29)  e eu gosto bem de ter nascido com essa tara. (V30)  Para mim, de tôdas as burrices a maior é suspirar pela  [Europa. (V31)  <u>A Europa</u> é uma cidade muito velha onde só fazem  [caso de dinheiro (V32)  e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam  [a perna na gente. (V33)  O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de</p>	<p>(AE)  (PD) 9</p> <p>(PD) 11  (...) 11-30</p> <p>(PD) 18  (AE)</p> <p>(AE)</p> <p>(PD) 24  (V/S) 26</p> <p>(PD) 32  (...) 31-38</p>	<p><i>Verso</i></p> <p><i>divisão</i></p> <p><i>Velho / novo :  Antropofagia, tropicália</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: right;">[farrapos. (V34)]</p> <p><u>Aqui</u> ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha  <span style="float: right;">[só, (V35)]</span>  lê o seu jornal, mete a língua no govêrno, (V36)  queixa-se da vida (a vida está tão cara) (V37)  e no fim dá certo. (V38)</p> <p><u>Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que</u>  <span style="float: right;">[entortou. (V39)]</span>  <u>Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?</u>  <span style="float: right;">[(V40)]</span></p> <p>p.28.ROMARIA</p> <p>p.29.POEMA DA PURIFICAÇÃO</p>	<p>(PD) 35</p> <p>(VS) 39,40</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p>	

## BREJO DAS ALMAS

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<b>BREJO DAS ALMAS</b>	(AT)	<i>desejo irrealizado(zável)</i>
p.30.AURORA ..... <u>tudo era irreparável.</u> (V5)	(VS) 5	
p.31.REGISTRO CIVIL  BOCA	(XT)  (#)	
<b>SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA</b> .....	(XT)	
<u>não sei se estou sofrendo</u> (V9) <u>ou se é alguém que se diverte</u> (V10)	(VS) 9,10	
p.32.SOL DE VIDRO  UM HOMEM E SEU CARNAVAL <u>Pobre poesia.</u> (V9)	(XT)   (VS) 9	
p.33.O AMOR BATE NA AORTA .....	(AT)	<i>Usar os clichês</i>
Cardíaco e melancólico, (V14) .....	(ST) 14	41
<u>e desejos já maduros.</u> (V18)	(VS) 18 (ST) 18	42
GRANDE HOMEM, PEQUENO SOLDADO	(#)	
p.34.O PASSARINHO DELA  POEMA PATÉTICO	(#)  (XT)	
p.35.O VÔO SOBRE AS IGREJAS	(AT)	?
p.36.HINO NACIONAL .....	(AE)	<i>"Onde é o Brasil ?" 247</i>
<u>Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os</u> <u>[_brasileiros?]</u> (V36)	(VS) 36	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
p.37.NAMORADAS MINEIRAS	( # )	
EM FACE DOS ÚLTIMOS [ACONTECIMENTOS	( # )	
p.38.O PROCURADOR DO AMOR		
..... <u>Mas onde seio para minha sêde?</u> (V13)	(VS) 13	
p.39.GIRASSOL	(XT)	
COISA MISERÁVEL	(XT)	
CONVITE TRISTE		
..... <u>Vamos fazer um poema</u> (V5) <u>ou qualquer outra besteira.</u> (V6)	(VS) 5,6	
p.40.NÃO SE MATE	( # )	
CANÇÃO PARA NINAR MULHER	( # )	
p.41.SEGRÊDO	(XT)	
<u>A poesia é incomunicável.</u> (V1)	(VS) 1	
NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DO [AMOR	(Tripla XT) (AT)	<i>Elogio fúnebre oposições, negações gozo / remorso paixões / caixões ilusão / desilusão</i>
..... As amadas torcem-se de gozo. (V4) Oh quanta matéria para os jornais. (V5)	( ... ) 4-9	
Desiludidos mas fotografados, (V6) escreveram cartas explicativas, (V7) tomaram tôdas as providências (V8) para o remorso das amadas. (V9)		
..... seja no claro céu ou turvo inferno. (V12)	(AD) 12	<i>decassilabo clássico</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>Os médicos estão fazendo a autópsia (V13)  dos desiludidos que se mataram. (V14)  Que grandes corações eles possuíam. (V15)  Visceras imensas, tripas sentimentais (V16)  <u>e um estômago cheio de poesia...</u> (V17)</p>	<p>(AD) 13,14  (...) (AE)  13-17  (VS) 17</p>	<p><i>o médico é o analista do amor: literal,, "cardíaco e melancólico" 33</i></p>
<p>.....  (paixões de primeira e de segunda classe). (V21)</p>	<p>(AD) 21</p>	<p><i>ilusão: não há paixões mas caixões</i></p>
<p><b>p.42.SOMBRA DAS MÔÇAS EM FLOR</b></p>	<p>(XT)</p>	
<p>.....  <u>Dentro de você há um desejo torto</u> (V8)</p>	<p>(VS) 8</p>	
<p>.....  há um cego querendo pegar um braço, (V16)</p>	<p>(AD) 16</p>	<p><i>usar os clichês: o amor é cego</i></p>
<p>.....  <u>e todos os desejos morrem na sombra</u>, (V26)  <u>frutos maduros se esborrachando</u> (V27)  <u>no chão.</u> (V28)</p>	<p>(VS) 26-28  (AE) 27</p>	<p>33</p>
<p><b>OCEANIA</b></p>	<p>(AT)</p>	<p>!!</p>
<p><b>p.43.CASTIDADE</b>  O <u>perdido caminho</u>, a perdida estrela (V1)</p>	<p>(V/S) 1</p>	
<p><b>DESDOBRAMENTO DE ADALGISA</b></p>	<p>(XT)</p>	

## SENTIMENTO DO MUNDO

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
p.45.SENTIMENTO DO MUNDO	(XT)	
CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO	(XT)	
p.46.CANÇÃO DA MOÇA-FANTASMA DE [BELO HORIZONTE	(XT)	
p.47.POEMA DA NECESSIDADE	(#)	
TRISTEZA DE IMPÉRIO	(Duplo XT)	
OPERÁRIO NO MAR	(#)	
p.48.MENINO CHORANDO NA NOITE	(#)	
p.49.MORRO DA BABILÔNIA	(#)	
CONGRESSO INTERNACIONAL DO [MÊDO		
<u>Provisoriamente não cantaremos o amor.</u> (V1)	(VS) (ST) 1 (PD) (AE) 1	<i>p.219 Não cantar X cantar o medo, tema do tempo presente</i>
OS MORTOS DE SOBRECASACA	(#)	
p.50.BRINDE NO JUÍZO FINAL	(XT)	
..... Os <u>sobreviventes</u> aqui estão, poetas honrados, (V7)	(V/S) 7	
PRIVILÉGIO DO MAR	(#)	
INOCENTES DO LEBLON	(#)	
p.51.CANÇÃO DE BERÇO	(#)	
INDECISÃO DO MÉIER	(#)	
p.52.BOLERO DE RAVEL	(#)	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>LA POSSESSION DU MONDE</p> <p>ODE NO CINQUENTENÁRIO DO POETA [BRASILEIRO]</p>	<p>(#)</p>	
<p>.....</p> <p><u>e nêles percebo as ilhas</u> (V7)</p> <p><u>em que nem tu nem nós habitamos</u> (V8)</p> <p><u>(ou jamais habitaremos)</u> (V9)</p>	<p>(VS) 7-9</p> <p>(AD) 7-9</p>	<p><i>ilhas</i></p>
<p>.....</p> <p><u>—mas haverá lugar para a poesia?</u> (V61)</p>	<p>(VS) 61</p>	
<p>p.55.OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO</p>		
<p>.....</p> <p><u>E nada esperas de teus amigos.</u> (V12)</p>	<p>(VS) 12</p>	
<p><b>MÃOS DADAS</b></p>		
<p>Não serei o poeta de um mundo caduco. (V1)</p>	<p>(AD) 1</p>	<p><i>V. Nudez p.219</i></p>
<p>.....</p> <p>Entre êles, <u>considero a enorme realidade.</u> (V5)</p>	<p>(V/S) 5</p>	
<p>.....</p> <p>O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os [homens presentes, (V12)]</p>	<p>(ST) 12</p>	<p><i>minha matéria é o nada p.219</i></p>
<p>p.56.DENTADURAS DUPLAS</p>	<p>(#)</p>	
<p>REVELAÇÃO DO SUBÚRBIO</p>	<p>(#)</p>	
<p>p.57.A NOITE DISSOLVE OS HOMENS</p>	<p>(ST)</p>	
<p>.....</p> <p><u>Aurora</u>, (V25)</p> <p>entretanto eu te diviso, ainda tímida, (V26)</p> <p>inexperiente das luzes que vais acender (V27)</p> <p>e do bens que repartirás com todos os homens. (V28)</p> <p>Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações, [(V29)]</p>	<p>(AD)</p>	<p><i>poesia solar →crença no futuro, o escuro terminará (Cf. Dissolução onde há a pergunta: Vai durar mil anos ou extinguir-se?</i></p>
<p>adivinho-te que sobes, <u>vapor róseo</u>, expulsando a</p>	<p>(AD) (VS) 25 (...) 25-31</p> <p>(V/S) 30</p>	<p><i>noite X aurora escuridão sangue fascismo libertação Aurora / utopia</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: right;">[treva noturna. (V30)]  <u>O triste mundo fascista se decompõe ao contato de</u>  <span style="float: right;">[teus dedos. (V31)]</span></p>	(VS) 31	
<p>.....  Minha fadiga encontrará em ti o seu termo, (V34)  minha carne estremece na certeza de tua vinda. (V35)</p>	(...) 34-35	
<p>.....  Havemos de amanhecer. O mundo (V39)  se tinge com as tintas da antemanhã (V40)  e o sangue que escorre é doce, de tão necessário  <span style="float: right;">[(V41)]</span>  para colorir tuas pálidas faces, aurora. (V42)</p>	 (...) 39-42  (AE)	  <i>desejo: "utopia" (certeza)</i>
<p>p.58. <b>MADRIGAL LÚGUBRE</b></p>	(duplo XT)	
<p>.....  <u>quisera eu morar.</u> (V4)</p>	(VS) 4	
<p>.....  Dai-me vossa cama, princesa, (V14)  vosso calor, vosso corpo e suas repartições, (V15)  <u>oh dai-me! que é tempo de guerra.</u> (V16)  <u>tempo de extrema precisão.</u> (V17)</p>	 (AE) 14,15 (AE) (VS) 16,17	 <i>desejo  "pedido"</i>
<p>p.59. <b>LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO</b></p>	(Duplo XT)	
<p style="text-align: center;"><b>ELEGIA 1938</b></p>		
<p>.....  Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encer-  <span style="float: right;">[ra (V9)]</span>  e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam  <span style="float: right;">[de morrer. (V10)]</span>  Mas o terrível despertar prova a existência da  <span style="float: right;">[Grande Máquina (V11)]</span>  e te repõe, pequenino, em face de <u>indecifráveis</u>  <span style="float: right;">[palmeiras. (V12)]</span></p>	 (AD) 9-11   (V/S) 12	 <i>noite X dia  aniquilamento X terrível  despertar</i>
<p>.....  <u>A literatura estragou tuas melhores horas de amor.</u>  <span style="float: right;">[(V15)]</span></p>	(VS) 15	
<p>p.60. <b>MUNDO GRANDE</b></p>		
<p>.....  por <u>isso frequento os jornais, me exponho cruamente</u>  <span style="float: right;">[nas livrarias: (V7)]</span></p>	(V/S) 7	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<u>Meu coração não sabe.</u> (V29) ..... <u>como é triste ignorar certas coisas.</u> (V32)	(VS) 29,32,33	
..... <u>(na solidão de indivíduo</u> (V33)		
..... <u>Outrora</u> escutei os anjos, (V36)	(V/S) 36,40	
..... <u>Outrora</u> viajei (V40)	(AE) 40	<i>ilhas</i>
..... <u>Entretanto,</u> alguns se salvaram e (V45)	(V/S) 45	
..... <u>—ó vida futura!</u> nos te criaremos. (V53)	(VS) 53	
<p style="text-align: center;"><b>p.62. NOTURNO À JANELA DO [APARTAMENTO</b></p>		
..... <u>a integração na noite.</u> (V4)	(AD) 4	<i>noite</i>
..... <u>Sômente a contemplação</u> (V7)	(VS) 4,7,8	
<u>de um mundo enorme e parado.</u> (V8)	(AD) 7-8	
..... na <u>escuridão</u> absoluta, (V11)	(V/S) 11	

OSÉ

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.63.A BRUXA</p> <p>.....</p> <p>Estarei mesmo <u>sòzinho?</u> (V5)</p> <p>.....</p> <p><u>Mas se tento comunicar-me</u> (V43)  <u>o que há é apenas a noite</u> (V44)  <u>e uma espantosa solidão.</u> (V45)</p> <p><u>Companheiros, escutai-me!</u> (V46)</p> <p><b>O BOI</b>  Ó <u>solidão</u> do boi no campo,</p> <p>p.64.PALAVRAS NO MAR</p> <p>.....</p> <p>a palavra <u>Encanto</u> (V2)</p> <p>.....</p> <p>Verdes <u>solidões,</u> (V13)</p> <p>.....</p> <p>A palavra Encanto (V31)  recolhe-se ao livro, (V32)  entre mil palavras (V33)  inerte à espera. (V34)</p> <p><b>EDIFÍCIO ESPLENDOR</b></p> <p>I</p> <p>p.65. II</p> <p>III</p> <p><u>Oh que saudades não tenho</u> (V1)  <u>de minha casa paterna.</u> (V2)  Era lenta, calma, branca, (V3)  tinha vastos corredores (V4)  e nas suas trinta portas (V5)  trinta crioulas sorrindo, (V6)  talvez nuas, <u>não me lembro.</u> (V7)</p> <p>E tinha também fantasmas, (V8)  mortos sem extrema-unção, (V9)</p> <p>IV</p>	<p>(AS)</p> <p>(PD) 5</p> <p>(AD) 43 (VS) 43-46</p> <p>(PD) 1</p> <p>(VS) 2</p> <p>(PD) 13</p> <p>(...)31-34</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(VS) 1,2 (...) 1-9</p> <p>(V/S) 7</p> <p>(#)</p>	<p><i>noite</i></p> <p><i>(poema)</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
p.66.RUA DO OLHAR	( # )	
p.67.O LUTADOR	( AT )	<i>a lógica contraditória do poema</i>
..... é a luta <u>mais vã</u> . (V2)	( V/S ) 2	
..... mal rompe a <u>manhã</u> . (V4)	( AD ) ( PD ) 4	<i>"real"</i>
..... Se o fôsse, teria (V9) <u>poder de encantá-las</u> . (V10)	( ... ) ( AE ) 9-10 ( AD ) 9,10 ( VS ) 10 ( AE ) 11-15	<i>desejo tornar a luta útil, discurso ideológico</i>
Mas lúcido e frio, (V11) apareço e tento (V12) apanhar algumas (V13) para meu <u>sustento</u> (V14) num dia de vida. (V15)	( V/S ) 14	<i>palavra / coleta / alimento</i>
Deixam-se enlaçar, (V16) tontas à carícia (V17)	( ... ) ( AD ) 16,17	<i>ilusão</i>
..... ao <u>centro da praça</u> . (V22)	( V/S ) 22	
..... e viram-me <u>o rosto</u> . (V33)	( PD ) 33	
..... <u>Não têm carne e sangue...</u> (V36)	( VS ) ( ST ) 36	
..... <u>Quisera possuir-te</u> (V42) neste descampado, (V43) <u>sem</u> roteiro de unha (V44) ou marca de dente (V45) nessa pele clara. (V46) Preferes o amor (V47) de uma posse impura (V48) e que venha o gôzo (V49) da maior tortura. (V50)	( VS ) ( AE ) 42 ( ... ) 42-50 ( PD ) 44	<i>desejo</i>
Luto <u>corpo a corpo</u> . (V51)	( V/S ) 51	
..... <u>Não encontro vestes</u> . (V55) <u>não seguro formas</u> . (V56) <u>é fluido inimigo</u> (V57) <u>que me dobra os músculos</u> (V58)	( VS ) 55-58 ( AD ) 55-58	<i>palavra / luta / inimigo</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
..... <u>Iludo-me às vêzes.</u> (V61)	(VS) 61	
..... seu velho <u>calor.</u> (V67)	(PD) 67,68	<i>ilusão</i>
outra sua <u>glória.</u> (V68)	(AD) 67-71	
feita de mistério, (V69)		
outra seu <u>desdém.</u> (V70)	(PD) 70,71	
outra seu <u>ciúme.</u> (V71)		
..... de entreabrir os olhos: (V78)	(AD) 78	<i>consciência</i>
entre <u>beijo</u> e <u>bôca.</u> (V79)	(PD) 79	
..... O teu <u>rosto</u> belo, (V85)	(PD) 85	
..... Tamanha <u>paixão</u> (V89)	(PD) 89	
..... <u>Cerradas as portas.</u> (V91)	(VS) 91-93	<i>inconsciente</i>
a <u>luta prossegue</u> (V92)	(AD) 92	
nas <u>ruas do sono.</u> (V93)		
p.68. <b>TRISTEZA NO CÉU</b>		
No céu também há uma hora melancólica. (V1)	(...) 1-12	
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas. (V2)		
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta (V3)		
e se responde : Não sei. (V4)		
Os anjos olham-no com reprovação, (V5)		
e plumas caem. (V6)		
Tôdas as hipóteses : a graça, a eternidade, o amor		
caem, são plumas. (V8)	[(V7)	
Outra pluma, o céu se desfaz. (V9)		
Tão manso, nenhum fragor denuncia (V10)		
o momento entre tudo e nada, (V11)		
ou seja, a tristeza de Deus. (V12)		
<b>OS ROSTOS IMÓVEIS</b>		
..... Sua <u>mão pálida</u> diz adeus à Rússia. (V22)	(PD) 22	
..... Estavam todos mortos, o corregedor-geral verificava	(...) 38-40	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>[etiquetas nos cadáveres. (V38)  O próprio corregedor morrera há anos, mas sua mão  [continuava implacável. (V39)  O mau cheiro zumbia em tudo. (V40)  .....</p>		
<p><u>não posso ficar sozinho</u>, (V46)  a todos beijarei na testa, (V47)  flôres úmidas esparzirei, (V48)  depois... não há depois nem antes. (V49)  Frio há por todos os lados, (V50)  e um frio central, mais branco ainda. (V51)</p>	<p>(VS) 46  (AE) 47-63</p>	<p>?</p>
<p>Mais frio ainda... (V52)  Uma brancura que paga bem nossas antigas cóleras  [e amargos... (V53)  Sentir-me tão claro entre vós, beijar-vos e nenhuma  [poeira em bôca ou rosto. (V54)  Paz de finas árvores, (V55)  de montes fráglimos lá embaixo, de ribeiras tímidas,  [de gestos que já não podem mais irritar, (V56)  doce paz sem olhos, no escuro, no ar. (V57)</p>	<p>(AE) 52-54</p>	<p>?</p>
<p>Doce paz em mim, (V58)  em minha família que veio de brumas sem corte de  [sol (V59)  e por estradas subterrâneas regressa às suas ilhas,  [(V60)</p>	<p>(AE) 57-59</p>	<p>?</p>
<p>na minha rua, no meu tempo-afinal-conciliado, (V61)  na minha cidade natal, no meu quarto alugado, (V62)  <u>na minha vida, na vida de todos, na suave e profunda</u>  [morte de mim e de todos. (V63)</p>	<p>(AS) 60  (AE) 60-63</p>	<p><i>vida = morte</i>  ?</p>
<p>na minha rua, no meu tempo-afinal-conciliado, (V61)  na minha cidade natal, no meu quarto alugado, (V62)  <u>na minha vida, na vida de todos, na suave e profunda</u>  [morte de mim e de todos. (V63)</p>	<p>(VS) 63</p>	
<p>p.70. <b>JOSÉ</b></p>		
<p>.....  <u>você que faz versos</u>, (V10)</p>	<p>(VS) 10</p>	
<p>.....  <u>está sem discurso</u>, (V14)</p>	<p>(VS) 14</p>	
<p>.....  <u>sua doce palavra</u>, (V29)</p>	<p>(VS) 29</p>	
<p>.....  <u>você marcha, José!</u> (V61)</p>	<p>(VS) 61</p>	
<p><b>NOTURNO OPRIMIDO</b></p>	<p>(Duplo XT)</p>	
<p>A água cai na caixa com uma força, (V1)</p>	<p>(...) 1-16</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>com uma dor! A casa não dorme, estupefata. (V2)  Os móveis continuam prisioneiros (V3)  de sua matéria pobre, mas a água parte-se, (V4)</p> <p>a água protesta. Ela molha tôda a noite (V5)  com sua queixa feroz, seu alarido. (V6)  E sôbre nossos corpos se avoluma (V7)  o lago negro de não sei que infusão. (V8)</p> <p>Mas não é o mêdo da morte do afogado, (V9)  o horror da água batendo nos espelhos, (V10)  indo até os cofres, os livros, as gargantas. (V11)  É o sentimento de uma coisa selvagem, (V12)</p> <p>sinistra, irreparável, lamentosa. (V13)  Oh vamos nos precipitar no rio espêso (V14)  que derrubou a última parede (V15)  entre os sapatos, as cruces e os peixes cegos do  [ tempo. (V16)</p>		
<p>p.71. <b>A MÃO SUJA</b></p>	(XT)	
<p><u>Minha mão</u> está suja. (V1)</p>	(PD) 1	
<p>.....  Com o tempo, <u>a esperança</u> (V60)</p>	(PD) 60	
<p>.....  <u>outra mão virá</u> (V62)</p>	(PD) 62	
<p>p.62. <b>VIAGEM NA FAMÍLIA</b></p>		
<p>.....  movia <u>sua mão pálida</u> (V42)</p>	(PD) 42	
<p>.....  <u>A mão</u> que eu não quis beijar, (V57)</p>	(PD) 57 \	

## A ROSA DO POVO

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<b>p.75. CONSIDERAÇÃO DO POEMA</b>	(Duplo XT)	
..... <u>Êstes poetas são meus.</u> De todo o orgulho, (V11)	(V/S) 11	
..... é tôda a minha vida que joguei. (V19)	(AD) 19	<i>aceitar a solidariedade da citação (falsa ou verdadeira)</i>
<u>Êstes poemas são meus. É minha terra.</u> (V20)	(VS) 20	
e é ainda mais do que ela. <u>É qualquer homem</u> (V21)	(V/S) 21,22	
ao meio-dia em qualquer praça. <u>É a lanterna</u> (V22)		
..... <u>É tudo meu.</u> Ser explosivo, sem fronteiras, (V25)	(V/S) 25	
..... últimos! <u>esperança do mar negro.</u> (V40)	(V/S) 40	
Essa viagem é mortal, e começá-la. (V41)	(...) 41-44	
Saber que há tudo. E mover-se em meio (V42)		
a milhões e milhões de formas raras, (V43)		
secretas, duras. <u>Eis aí meu canto.</u> (V44)	(V/S) 44	
..... eu sei que passarão, <u>mas tu resistes.</u> (V54)	(V/S) 54	
..... <u>o povo, meu poema, te atravessa.</u> (V63)	(VS) 63	
<b>p.76. PROCURA DA POESIA</b>		
..... <u>A poesia (não tires poesia das coisas)</u> (V19)	(VS) 19,20	
<u>elide sujeito e objeto.</u> (V20)		
..... Penetra surdamente no reino das palavras. (V33)	(AE) (ST) 33	<i>intromissão</i>
..... Estão paralisados, <u>mas não há desespêro.</u> (V35)	(V/S) 35	
..... Ei-lo <u>sós</u> e mudos, em estado de dicionário. (V37)	(V/S) 37,38	<i>ciclo da feitura do poema</i>
<u>Convive</u> com teus poemas, antes de escrevê-los. (V38)	(ST) e (AD) 38	
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.		
[(V39)		
Espera que cada um se realize e consume (V40)	(ST) 40	<i>maturação (paciência) inscrição consumar</i>
..... Não forces o poema a desprender-se do <u>limbo.</u> (V43)	(PD) 43	
.....		

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>Repara: (V54)  êrmas de melodia e conceito (V55)  elas se refugiaram na noite, as palavras. (V56)  Ainda úmidas e impregnadas de sono, (V57)  rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.  [(V58)</p> <p>p.78. <b>A FLOR E A NÁUSEA</b>  Prêso à minha classe e a algumas roupas, (V1)  vou de branco pela rua cinzenta. (V2)  Melancolias, mercadorias espreitam-me. (V3)  Devo seguir até o enjôo? (V4)  <u>Posso, sem armas, revoltar-me?</u> (V5)</p> <p>Olhos sujos no relógio da torre: (V6)  Não, o tempo não chegou de completa justiça. (V7)  O tempo é ainda de fezes, <u>maus poemas</u>, alucinações  [e espera (V8)</p> <p><u>O tempo pobre, o poeta pobre</u> (V9)  <u>fundem-se no mesmo impasse.</u> (V10)</p> <p>Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  (V11)  Sob a pele das palavras há cifras e códigos. (V12)  .....  <u>As coisas</u>. Que tristes são as coisas, consideradas  [sem ênfase. (V14)  .....  Crimes da terra, como perdoá-los? (V22)  Tomei parte em muitos, outros escondi. (V23)  <u>Alguns achei belos, foram publicados.</u> (V24)  .....  Sento-me no chão da capital do país às cinco horas  [da tarde (V44)  e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  (V45)  Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-  [-se (V46)  Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas  [em pânico. (V47)  <u>É feia. Mas é uma flor.</u> Furou o asfalto, o tédio,  [o nojo, e o ódio. (V48)</p>	<p>(AE) 54-58</p> <p>(V/S) 58  (AR)</p> <p>(XT)  (...) 1-5</p> <p>(VS) (AE) 5  (AS) 5</p> <p>(...) 6-12</p> <p>(V/S) 8</p> <p>(VS) 9,10</p> <p>(V/S) 14  (AE)</p> <p>(...) 22-24</p> <p>(VS) 24</p> <p>(...) 44-48</p> <p>(V/S) 48</p>	<p><i>volta ao estado de dicionário</i></p> <p><i>Cf. Escritório  MA p.85</i></p> <p><i>armas do poeta 86  desconfiança em rel. à arma-  palavra.</i></p> <p><i>as coisas p.82</i></p>



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
.....		
<p><u>Mas eu não sou as coisas e me revolto</u> (V20)</p> <p><u>Tenho palavras</u> em mim buscando canal, (V21)  são roucas e duras, (V22)  irritadas, enérgicas, (V23)  comprimidas há tanto tempo, (V24)  perderam o sentido, apenas querem explodir. (V25)</p>	<p>(VS) e (PD) 20  (AD) 20  (AR)</p> <p>(V/S) 21,25  (...) 21-25  (AD) 21-25  (AE) 21-25</p>	<p><i>as coisas 78</i>  <i>je me révolte donc</i>  <i>nous sommes.</i></p>
<p><b>II</b></p> <p><u>Êste é tempo de divisas</u>, (V1)  <u>tempo de gente cortada</u>. (V2)</p> <p>.....</p> <p><u>obcenos gestos avulsos</u>. (V4)</p> <p>Mudou-se a rua da infância. (V5)  E o vestido vermelho (V6)  vermelho (V7)  cobre a nudez do amor, (V8)  ao relento, no vale. (V9)</p> <p>Símbolos obscuros se multiplicam. (V10)</p> <p>.....</p> <p><u>e dissipa, na praia, as palavras</u>. (V14)</p> <p>A escuridão estende-se mas não elimina (V15)  o sucedâneo da estrêla nas mãos. (V16)  Certas partes de nós como brilham! São unhas. (V17)  anéis, pérolas, cigarros, lanternas, (V18)  são partes mais íntimas, (V19)  a pulsação, o ofêgo, (V20)  e o ar da noite é o estritamente necessário (V21)  para continuar, e continuamos. (V22)</p>	<p>(AD) 1  (VS) 1,2</p> <p>(VS) e (ST) 4</p> <p>(ST) 7</p> <p>(ST) 10</p> <p>(VS) 14</p> <p>(AD) (...) 15-22  (AE) 15-22  (ST) 17  (AE) 18</p>	<p><i>p.99</i>  <i>única possibili// de falar:</i>  <i>explodir</i></p> <p><i>divisa - representação</i>  <i>(bandeira, partido,</i>  <i>exército, etc)</i>  <i>- limite (sectarismo)</i></p> <p>→ <i>isolado</i></p> <p>→ <i>repressão/violência</i></p> <p>→ <i>poesia?</i></p>
<p><b>III</b></p> <p>E continuamos. <u>Ê tempo de muletas</u>. (V1)  <u>Tempo de mortos faladores</u> (V2)</p> <p>.....</p>	<p>(V/S) 1  (VS) 2</p>	<p><i>esper.</i>  <i>claro X escuro</i>  <i>substituto</i>  <u><i>A leste</i></u></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<u>mas ainda é tempo de viver e contar.</u> (V4)	(VS) (PD) 4 (PD) e (AE) 4	<i>contar</i>
..... ao claro jardim central, à <u>água</u> (V11) <u>que goteja e secreta</u> (V12)	(V/S) 11 (VS) 12	
..... <u>Ô conta</u> , velha preta, ó jornalista, <u>poeta</u> , pequeno [historiador urbano, (V18)	(V/S) (PD) 18	
..... môça prêsa na memória, velho aleijado, baratas dos [arquivos, portas rangentes, solidão e asco, (V20)	(AE) 20	<i>gente partida, incompleta</i>
<b>IV</b>		
É <u>tempo de meio silêncio</u> , (V1) de bôca gelada e murmúrio, (V2) palavra indireta, aviso (V3) na esquina. <u>Tempo de cinco sentidos</u> (V4) <u>num só</u> . O espião janta conosco. (V5)	(VS) e (ST) 1 (AD) 1-4  (V/S) 4,5	<i>(partido)</i> <i>Graciliano, Memórias de</i> <i>Cárcere → o outro texto da</i> <i>mesma época e problemática</i>
É <u>tempo de cortinas pardas</u> , (V6) de céu neutro, política (V7) na maçã, no santo, no gôzo, (V8) amor e desamor, cólera (V9) branda, gim com água tônica, (10) olhos pintados, (V11) dentes de vidro, (V12) grotesca lingua torcida. (V13)	(VS) e (ST) 6 (...) 1-13  (ST) 11	<i>neutrali//, mediocri//</i>  <i>disfarce, aparência</i>
..... <u>No beco</u> , (V15)	(PD) 15	
..... <u>No céu</u> da propaganda (V18)	(PD) 18	
..... <u>No quarto</u> , (V21) irrisão e três colarinhos sujos. (V22)	(PD) 21 (ST) 22	[irrisão] <i>escárnio</i>
<b>V</b>		
Escuta a hora formidável do <u>almôço</u> (V1)	(PD) 1	
..... Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, [é <u>tempo de comida</u> , (V7)	(V/S) 7	
<u>mais tarde será o de amor</u> . (V8)	(VS) 8	
Lentamente os escritórios se recuperam, e os <u>negócios</u> ,	(PD) 9	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>[forma indecisa, evoluem. (V9) O esplêndido negócio insinua-se no tráfego. (V10)</p>	(AE) 10	<i>o negócio "a marcha do mundo capitalista"</i>
<p>..... Escuta a pequena hora noturna de <u>compensação</u>, [leituras, apêlo ao cassino, passeio na praia, (V23)</p>	(PD) 23	
<p>..... <u>a falsificação das palavras pingando nos</u> [jornais, (V32)</p>	(VS) 32	
<p><u>o mundo irreal dos</u> cartórios onde a propriedade é [um bôlo com flôres, (V33)</p>	(V/S) 33	
<p>..... <u>a má poesia, o mau romance.</u> (V36)</p>	(VS) 36	
<p>VI VII</p>	(#)	
<p>..... <u>minha repugnância total por vosso lirismo</u> [deteriorado, (V21)</p>	(VS) 21	
<p>VIII <u>O poeta</u> (V1) declina de tôda responsabilidade (V2) na marcha do mundo capitalista (V3)</p>	(AE) (VS) 1 (...) 1-8	<i>poema = arma → destruição do capi- talismo anúncio da utopia (Mas viveremos p.134)</i>
<p>e com suas palavras, intuições, símbolos e <u>outras</u> [<u>armas</u> (V4)</p>	(V/S) (AD) 4	<i>p. 78 poeta sem armas</i>
<p>promete ajudar (V5) e destruí-lo (V6) como uma pedreira, uma floresta, (V7) um verme. (V8)</p>	(AD) 6	<i>solidarie //</i>
<p>p.87.PASSAGEM DO ANO</p>	(AT)	<i>vida</i>
<p>..... (...) 8-40e o tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor, [ (V8) os irreparáveis uivos (V9) do lôbo, na solidão. (V10)</p>		
<p>p.88.PASSAGEM DA NOITE</p>	(AT)	<i>vida</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>Sinto que nós somos noite.</u> (V7)</p> <p style="text-align: center;"><b>UMA HORA E MAIS OUTRA</b></p> <p>.....</p> <p><u>Tu vives: apenas.</u> (V83)</p> <p>.....</p> <p><u>que pegar quisera</u> (V93)  <u>na mão e dizer-te:</u> (V94)  <u>Amigo, não sabes</u> (V95)  <u>que existe amanhã?</u> (V96)</p> <p>.....</p> <p><u>Teu passo: outros passos</u> (V110)</p> <p>.....</p> <p><u>pois a hora mais bela</u> (V126)  <u>surge da mais triste.</u> (V127)</p> <p><b>p.90.NOS ÁUREOS TEMPOS</b></p> <p>.....</p> <p><u>Aqui amontoados,</u> (V45)</p> <p><u>e de mão em mão</u> (V46)  <u>um papel circula</u> (V47)  <u>em branco e sigilo,</u> (V48)  <u>talvez o prospecto</u> (V49)  <u>dos áureos tempos.</u> (V50)</p> <p>Nos áureos tempos (V51)  que dormem no chão, (V52)  <u>prestes a acordar,</u> (V53)  tento descobrir (V54)  caminhos de longe, (V55)  os rios primeiros (V56)  <u>e certa confiança</u> (V57)  <u>e extrema poesia.</u> (V58)  Não me sinto forte (V59)  o quanto se pede (V60)  para interpretá-los.(V61)  O jeito é esperar.(V62)</p> <p>.....</p>	<p>(VS) 7</p> <p>(AT)</p> <p>(VS) 83</p> <p>(VS) 93-96</p> <p>(VS) 110</p> <p>(VS) 126, 127</p> <p>(AT)</p> <p>(PD) 45(...) 45-50</p> <p>(VS) 47-50</p> <p>(...) 51-62</p> <p>(VS) 53</p> <p>(VS) 57, 58</p>	<p><i>compromisso/companheirismo/vida</i></p> <p><i>passado } áureos tempos:  futuro } esboçados no poema</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>Deixará passar (V92) a matéria fôscas, (V93) mesmo assim prendendo-a (V94) nos áureos tempos. (V95)</p> <p>p.91. <b>ROLA MUNDO</b></p> <p>..... <u>e vendo.</u> (V14) <u>eu pobre de mim não via.</u> (V15)</p> <p>..... <u>Como pois interpretar</u> (V68)</p> <p>..... <u>Fazer muros fazer versos.</u> (V73)</p> <p>..... <u>Joguei tudo no bueiro.</u> (V88)</p> <p>..... <u>se o melhor é deitar fora</u> (V97) <u>a um tempo os olhos e os óculos.</u> (V98)</p> <p>..... <u>Irredutível ao canto.</u> (V104) <u>superior à poesia.</u> (V105)</p> <p>p.92. <b>ÁPORO</b></p> <p><b>ONTEM</b></p> <p>..... <u>não reteve forma.</u> (V5)</p> <p>..... não no ar, em mim, (V13) que por minha vez (V14) <u>escrevo, dissipo.</u> (V15)</p> <p><b>FRAGILIDADE</b></p> <p><u>Êste verso, apenas um arabêscos</u> (V1) <u>em tórno do elemento essencial-inatingível.</u> (V2)</p> <p>..... <u>Não mais o desejo de explicar,</u> e múltiplas palavras [em feixe (V7)</p> <p>..... que um arabêscos, <u>apenas um arabêscos</u> (V11) <u>abraça as coisas, sem reduzi-las.</u> (V12)</p>	<p>(AD) e (...) 92-95</p> <p>(VS) 14,15</p> <p>(VS) 68</p> <p>(VS) 73</p> <p>(VS) 88 (AS) (VS) 97,98</p> <p>(VS) 104,105</p> <p>(XT) e (AT)</p> <p>(XT)</p> <p>(VS) 5</p> <p>(...) 13-15</p> <p>(VS) e (AE) 15</p> <p>(XT) (VS) (AE) 1,2</p> <p>(V/S) 7</p> <p>(V/S) 11 (VS) 12 (AS)</p>	<p>?</p> <p><i>J.C.M.N. "por fim à realidade, / prima, e tão violenta/que ao tentar apreendê-la/ toda imagem rebenta"</i></p> <p><i>inseto/orquidea</i></p> <p><i>escrever é dissipar o real</i></p> <p><i>marca</i></p> <p><i>arabesco - ornato caprichoso, imitando folhagens, à maneira dos árabes</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.93.O POETA ESCOLHE O SEU TÚMULO</p> <p><b>VIDA MENOR</b></p> <p><u>A fuga do real</u>, (V1)  ainda mais longe <u>a fuga do feérico</u>, (V2)  mais longe de tudo, <u>a fuga de si mesmo</u>, (V3)  a fuga da fuga, <u>o exílio</u> (V4)  <u>sem água e palavra</u>, a perda (V5)</p> <p>.....</p> <p>já <u>não correspondendo ao apêlo</u>, e êste fundindo-se,  [(V8)</p> <p>.....</p> <p><u>a desnecessidade do canto</u>, a limpeza (V12)</p> <p>.....</p> <p><u>confusão entre manhã e tarde</u>, já <u>sem dor</u>, (V24)  porque <u>o tempo não mais se divide</u> em seções;  [o tempo . (V25)</p> <p>.....</p> <p>apenas o vivo, o pequenino, <u>calado</u>, indiferente (V28)</p>	<p>(#)</p> <p>(XT)  (VS) 1  (V/S) 2-5</p> <p>(AE) 5</p> <p>(V/S) 8</p> <p>(V/S) 12</p> <p>(VS) 24  (V/S) 25</p> <p>(V/S) 28</p>	<p><i>s/ palavra perda</i></p>
<p>p.94.CAMPO, CHINÊS E SONO</p> <p><b>EPISÓDIO</b></p> <p>.....</p> <p>entre noite e <u>rosa</u> (V6)</p> <p>.....</p> <p><u>ao País Profundo</u>. (V16)</p>	<p>(#)</p> <p>(V/S) 6</p> <p>(VS) 16</p>	
<p>NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO</p>	<p>(#)</p>	
<p>P.95.ECONOMIA DOS MARES TERRESTRES</p> <p>.....</p> <p><u>Limita-se</u> (V16)</p>	<p>(VS) 16</p>	
<p>p.96. EQUÍVOCO</p> <p>.....</p> <p><u>Um jardim sempre meu</u>, de funcho e de coral. (V7)</p>	<p>(V/S) 7</p>	
<p><b>MOVIMENTO DA ESPADA</b></p> <p>.....</p> <p><u>Mutilado</u>, mas quanto movimento (V16)  <u>em mim</u> procura ordem. (V17)  <u>O que perdi se multiplica</u> (V18)</p>	<p>(AT)</p> <p>(V/S) 16-17</p> <p>(VS) 18</p>	<p><i>depuração</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
p.97. <b>ASSALTO</b> .....	(XT)	
<u>jogo tudo fora.</u> (V36)	(VS) e (AE) 36	<i>depuração</i>
p.98. <b>ANÚNCIO DA ROSA</b> .....	(Duplo XT) (AE)	<i>rosa/poema</i>
Autor da rosa, não me revelo, sou eu, quem sou? (V11)	(...) 11-14	
Deus me ajudará, mas êle é neutro, e mesmo duvido [(V12)		
que em outro mundo alguém se curve, filtre a [paisagem, (V13)		
pense uma rosa na pura ausência, no amplo vazio. [(V14)		
..... Selarei, venda murcha, <u>meu comércio incom-</u> [preendido, (V24)	(V/S) 24,25	
pois jamais virão pedir-me, eu sei, <u>o que de melhor</u> [se compôs na noite, (V25)		
..... <u>Ó fim do parnasiano, comêço da era difícil, a</u> [burguesia apodrece, (V27)	(VS) 27	
p.99. <b>EDIFÍCIO SÃO BORJA</b> .....	(XT)	
<u>Ritmo de poeta mais forte</u> (V9)	(VS) 9	
..... <u>Palavras de muita fôrça</u> (V48)	(VS) 48	
embalsamadas (V49)	(...) 48-54	
explodindo na alva (V50)	(AD) 48-54	<i>explosão p.83</i>
futuras verdades ainda sangrentas (V51)		
cofre a saquear, jardim (V52)		
de chaves fluidas (V53)		
São Borja (V54)		
p.100. <b>O MITO</b> .....	(Tripla XT)	
<u>mostrá-la depois ao povo</u> (V40)	(VS) 40,41	
<u>tal como é ou deve ser:</u> (V41)	(AR)	<i>fidúcia - segurança, confiança pop. ousadia, presunção</i>
.....		

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>Sou eu, o poeta precário</u> (V145)  <u>que fêz de Fulana um mito,</u> (V146)            nutrindo-me de Petrarca, (147)            Ronsard, Camões e Capim; (V148)</p>	<p>(VS) 145,146            (...) 145-166</p>	
<p>que a sei embebida em leite, (V149)            carne, tomate, ginástica, (V150)  <u>e lhe colo metafísicas,</u> (V151)  <u>enigmas, causas primeiras.</u> (V152)</p>	<p>(VS) 151, 152</p>	
<p>Mas, se tentasse construir (V153)            outra Fulana que não (V154)            essa de burguês sorriso (V155)            e de tão burro esplendor? (V156)</p>	<p>(AS) 153-156</p>	<p><i>o desejo de construir <u>outra</u>            Fulana que não essa de            burguês (o código como            inadequado)</i>            (Vilma)</p>
<p>Mudo-lhe o nome; recorto-lhe (V157)            um traje de transparência; (V158)            já perde a carência humana; (V159)            e bato-a; de tirar sangue. (V160)</p>		
<p>E lhe dou tôdas as faces (V161)            de meu sonho que especula; (V162)            e abolimos a cidade (V163)            já sem pêso e nitidez. (V164)</p>		
<p>E vadeamos a ciência, (V165)            mar de hipóteses. A lua (V166)            .....  <u>mas somos a mesma coisa.</u> (V180)</p>	<p>(VS) 180-182</p>	
<p>( <u>Uma coisa tão diversa</u> (V181)  <u>da que pensava que fôssemos.</u>) (V182)</p>		
<p>p.102.<b>RESÍDUO</b>            .....</p>	<p>(Duplo XT)</p>	
<p>Dos gritos gagos. <u>Da rosa</u> (V3)            .....</p>	<p>(V/S) 3</p>	
<p><u>Oh abre os vidros de loção</u> (V67)  <u>e abafa</u> (V68)  <u>O insurportável mau cheiro da memória.</u> (V69)            .....</p>	<p>(VS) 67-69</p>	
<p>e sob as labaredas e sob o sarcasmo (V74)</p>	<p>(...) 74-76</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
e sob a gosma e sob o vômito (V75) e sob o soluço, o cárcere, o esquecido (V76)		
p.103. <b>CASO DO VESTIDO</b>	(Duplo XT)	
p.105. <b>O ELEFANTE</b>  ..... <u>num mundo enfastiado</u> (V27) ..... e nuvens, <u>alusões</u> (V35) <u>a um mundo mais poético</u> (V36) ..... Mas faminto de sêres (V59) e situações patéticas, (V60) de encontros ao luar (V61) ..... <u>em que amo disfarçar-me,</u> (V90) ..... <u>qual mito desmontado.</u> (V99) <u>Amanhã recomeço.</u> (V100)	(Duplo XT) (AT)	<i>poema / cansaço inutili// solidão do poema</i>
p.106. <b>MORTE DO LEITEIRO</b>	(XT)	
..... sai correndo e <u>distribuindo</u> (V9) <u>leite bom para gente ruim.</u> (V10) ..... <u>a que chamamos aurora.</u> (V88)	(V/S) 9 (VS) 10  (...) 59-61  (VS) 90	
p.107. <b>NOITE NA REPARTIÇÃO</b>		
..... <u>Estou exausta, cética, arruinada.</u> (V44) ..... <u>Somos a essência, o logos, o poema.</u> (V102) <u>Brandy anisette kummel nuvens-azuis</u> (V103) <u>casca de palavras...</u> (V104) ..... <u>Não grites, não suspires, não te mates: escreve.</u> [(V138)	(VS) 44  (VS) 102-104	
..... <u>Pensa na doçura das palavras. Pensa na dureza das</u> [ <u>palavras.</u> (V142)	(VS) 138  (VS) 142	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>Pensa no mundo das palavras.</u> Que febre te comu- [nicam. Que riqueza. (V143) <u>Mancha de tinta ou gordura, em todo caso mancha de</u> [vida. (V144)</p>	(V/S) 143,144	
<p>..... <u>Telefone, já és poesia.</u> (V152)</p>	(VS) 152	
<p>p.112.<b>MORTE NO AVIÃO</b></p>	(XT)	
<p>..... <u>caio verticalmente e me transformo em notícia.</u> [(V134)</p>	(VS) (ST) 134	<i>acontecimento transforma-se em notícia</i>
<p>p.116.<b>DESFILE</b></p>	(XT) (AT)	<i>tempo / morte transformação</i>
<p>..... <u>E tento fazer poesia.</u> (V15) <u>queimar casas, me esbaldar.</u> (V16) <u>nada resolve:</u> mas tudo (V7)</p>	(VS) 15,16 (V/S) 7	
<p>..... <u>um certo modo de ver.</u> (V48)</p>	(VS) 48	
<p><b>CONSÓLO NA PRAIA</b></p>	(Duplo XT)	
<p>..... <u>murmuraste um protesto tímido.</u> (V19) <u>Mas virão outros.</u> (V20)</p>	(VS) 19,20	
<p>p.117.<b>RETRATO DE FAMÍLIA</b></p>	(XT) (AT)	<i>= olhos do poeta</i>
<p>..... está um tanto <u>empoeirado.</u> (V2) <u>Já não se vê</u> no rosto do pai (V3)</p>	(PD) 2,3 (ST) 3	<i>retrato não reflete um acontecido real (jardim) → tornou-se fantástico, objeto construído no poema *</i>
<p>..... Nas mãos dos tios <u>não se percebem</u> (V5)</p>	(PD) 5	
<p>..... <u>O jardim tornou-se fantástico.</u> (V13)</p>	(VS) 13	
<p>..... <u>As crianças trocam de lugar.</u> (V19) <u>mas sem barulho: é um retrato.</u> (V20)</p>	(VS) (ST) 19,20	<i>O pai não existe enqto. ser humano, mas enqt. construção do filho, do poeta { ver Retrato de Família e Convívio (190)</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>.....  <u>O retrato não me responde</u>, (V45)  <u>êle me fita e se contempla</u> (V46)  <u>nos meus olhos empoeirados</u> (V47)</p>	<p>(VS) 45-47  (ST) 46  (ST) 47</p>	<p><i>me fitar = se contemplar  retrato empoeirado</i></p>
<p>.....  dos que restaram. <u>Percebo apenas</u> (V51)  <u>a estranha idéia de família</u> (V52)</p>	<p>(V/S) (ST) 51</p>	<p>*</p>
<p><u>viajando através da carne</u>. (V53)</p>	<p>(VS) 53</p>	
<p><b>COMO UM PRESENTE</b>  Teu aniversário, <u>no escuro</u>, (V1)  <u>não se comemora</u>. (V2)</p>	<p>(Duplo XT) (AT)  (PD) 1  (V/S) 2</p>	<p><i>fam.</i></p>
<p>Escusa de levar-te <u>esta gravata</u>. (V3)  Já <u>não</u> tens roupa, nem precisas. (V4)</p>	<p>(PD) 3  (V/S) 4  (AD) 1-6</p>	<p><i>negação / ausência  silêncio do obj.</i></p>
<p>Numa toalha <u>no espaço</u> há o jantar, (V5)  mas teu jantar é <u>silêncio</u>, tua fome <u>não</u> come. (V6)</p>	<p>(PD) 5  (V/S) 6</p>	
<p><u>Não</u> mais te peço a mão enrugada (V7)</p>	<p>(V/S) 7</p>	
<p>.....  <u>Nem</u> procuro nos olhos estriados (V9)</p>	<p>(V/S) 9</p>	
<p>.....  <u>Não</u> envelheces. O último retrato (V12)</p>	<p>(V/S)12</p>	
<p>.....  Tua <u>imobilidade</u> é perfeita. Embora a chuva, (V15)</p>	<p>(V/S) (AS) 15</p>	<p><i>presente = distante  presença = não-presença  (sombra, fantasma / retrato)  a problemática paradoxal  da escritura: o ser = não -ser</i></p>
<p>.....  Como compraste calma? Não a tinhas, (V19)  Como aceitaste a noite? Madrugavas. (V20)  Teu cavalo corta o ar, quando uma espora (V21)  de tua bota, um grito de teus lábios, (V22)  sinto em mim teu corpo cheio, tua faca, (V23)  tua pressa, teu estrondo... encadeados. (V24)</p>	<p>(...) 19-24</p>	
<p><u>Mas teu segrêdo não descubro</u>. (V25)  <u>Não</u> está nos papéis (V26)  do cofre. <u>Nem</u> nas casa que habitaste. (V27)</p>	<p>(PD) (AD) 25  (V/S) 26,27</p>	<p><i>origem</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>mas tu ganhavas o mundo e nêle aprenderias tua  [sucinta gramática, (V54)  <u>a mão do mundo</u> pegaria de tua mão e desenharia tua  [letra firme, (V55)  <u>o livro do mundo</u> te entraria pelos olhos e te  [imprimiria sua completa e clara ciência, (V56)  mas não descubro teu segrêdo. (V57)</p> <p>É talvez um êrro amarmos assim nossos parentes.  [(V58)  A identidade do sangue age como cadeia, (V59)  fôra melhor rompê-la. Procurar meus parentes na  [Ásia, (V60)  onde o pão seja outro e não haja bens de família  [a preservar. (V61)  Por que ficar neste município, neste  sobrenome?(V62)  Taras, doenças, dívidas; mal se respira no sótão.  [(V63)  Quisera abrir um buraco, varar o túnel, largar minha  [terra, (V64)  passando por baixo de seus problemas e lavouras,  [de eterna agência do correio, (V65)  e imaginar novos antepassados em uma nova cidade.  [(V66)  <u>Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te,</u> (V67)  mas curioso: (V68)  <u>Já não estás, e te sinto,</u> (V69)  <u>não me falas, e te converso.</u> (V70)  E tanto nos entendemos, <u>no escuro,</u> (V71)  no pó, no sono. (V72)</p> <p>E pergunto teu segrêdo. (V73)</p> <p><u>Não respondes. Não o tinhas.</u> (V74)  Realmente não o tinhas, me enganavas? (V75)  Então aquele maravilhoso poder de abrir garrafas  [sem saca-rôlha, (V76)  de desatar nós, atravessar rios a cavalo, assistir, sem  [chorar, morte de filho, (V77)  expulsar assombrações apenas com teu passo duro,</p>	<p>(...) 54-57</p> <p>(V/S) (ST) 56</p> <p>(AD) 57  (ST) 57  (...) 58-68</p> <p>(AE) 60-64</p> <p>(VS) 67  (AE) (ST) 68  (VS) (AE) 69,70</p> <p>(PD) 71</p> <p>(AD)(ST) 57 e  73</p> <p>(VS) (AD) 74  (AE) 74-81</p>	<p><i>representação</i></p> <p><i>da "coisa"</i>  * <i>há um segrêdo</i></p> <p><i>desejo de romper c/ o objeto</i>  <i>do poema (pai, parentes, a</i>  <i>terra)</i></p> <p><i>não é preciso o rompimento</i></p> <p><i>afirmação da ausência do</i>  <i>objeto: "te sinto"</i>  <i>"te converso"= te escrevo</i></p> <p><i>a transformação só é possível</i></p> <p><i>c/ a afirmação da ausência</i>  <i>do obj. e conseqüente afirma-</i>  <i>ção do poema</i>  * <i>não há um segredo</i>  ?</p> <p><i>não respondes (estás ausente,</i>  <i>não falas → obj. não tem voz</i>  <i>própria no poema) = não tens</i>  <i>segredo, não há uma "coisa</i>  <i>em si", uma explição última e</i>  <i>transcendental para um</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: right;">[(V78)</p> <p>o gado que sumia e voltava, embora a peste varresse [as fazendas, (V79)</p> <p>o domínio total sôbre irmãos, tios, primos, camara- [das, caixeiros, fiscais do govêrno, beatas, padres, [médicos, mendigos, loucos mansos, loucos [agitados, animais, coisas: (V80)</p> <p>então não era segrêdo? (V81)</p> <p>.....</p>	<p>(ST) 81</p>	<p><i>poder (-&gt;a função pai é cria- pela ótica do filho)</i></p> <p><i>Pergunta : não há uma des- mistificação positiva da fun- ção = pai, mas uma pergunta (Não o tinhas. Então não era segredo.)</i></p>
<p>Já não precisas guardá-lo. (V89)</p> <p><u>No escuro</u> em que fazes anos, (V90)</p> <p>no escuro, (V91)</p> <p>é permitido sorrir. (V92)</p>	<p>(ST) 89 (PD) 90 (AE) 89-91  (...) (AD) 90-92</p>	<p><i>-&gt; falar da separação não é removê-la, é criá-la. a interdição do afeto, da aproximação a solução paradoxal, o cru- zamento Grande Pai/pequena pessoa é um sorriso no escu- ro. "Pai se escreve com P grande com letra de respei- to e de temor"</i></p>
<p><b>p.120.INTERPRETAÇÃO DE DEZEMBRO</b></p> <p>.....</p> <p>Algo irreduzível (V80)</p> <p>o sôpro das lendas (V81)</p> <p>mas incorporado (V82)</p> <p>ao coração do mito. (V83)</p>	<p>(...) 80-83</p>	
<p><b>p.121. RUA DA MADRUGADA</b></p> <p>.....</p> <p><u>Que pode um homem</u> (V40)</p>	<p>(V/S) 40</p>	
<p style="text-align: center;"><b>IDADE MADURA</b></p> <p>.....</p> <p><u>Já não quero palavras</u> (V3)</p> <p><u>nem delas careço.</u>(V4)</p> <p><u>Tenho todos os elementos</u> (V5)</p> <p><u>ao alcance do braço.</u> (V6)</p> <p>.....</p>	<p>(XT) (AT)  (VS) (...) 3-6</p>	<p><i>p.123/p.165</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<u>Sou varado pela noite</u> , atravesso os lagos frios, (V16) .....	(V/S) 16	
Nada pude fazer, (V24) nem tinha vontade. (V25) Tôda a água que possuía (V26) irrigava jardins particulares (V27) de atletas retirados, freiras surdas, funcionários demi- [tidos. (V28) .....	(AE) (...) 24-28	<i>água 212</i>
<u>não obstante mudo</u> , (V43) .....	(VS) 43	
<u>Ninguém me fará calar</u> , gritarei sempre (V55) .....	(V/S) 55	
tudo depende da hora (V63) e de certa inclinação feérica, (V64) viva em mim qual um inseto. (V65) .....	(...) 63-65	
<u>Mas eu sigo</u> , cada vez menos solitário, (V73) .....	(VS) 73	
<u>e ganho</u> . (V77)	(VS) 77	
<b>p.123. VERSOS À BÔCA DA NOITE</b> .....		
<u>Uma aceitação maior de tudo</u> , (V3) .....	(VS) 3	
Escreverei sonetos de madureza? (V5) .....	(AD) 5	<i>madureza p.165</i>
Hoje estou só. <u>Nenhum menino</u> salta (V11) .....	(V/S) 11	
meu grito, minha fome... <u>Vejo tudo</u> (V15) <u>impossível e nítido</u> , no espaço. (V16) .....	(V/S) 15 (VS) 16 (AS)	<i>nítido X confuso impossível dia</i>
<u>Que confusão de coisas ao crepúsculo!</u> (V53) Que riqueza! sem préstimo, é verdade. (V54) <u>Bom seria captá-las e compô-las</u> (V55) <u>num todo sábio, pôsto que sensível</u> : (V56) .....	(VS) 53, 55,56 (AD) 53-54 (ST) 55 (...) 53-56	<i>confusão → escuro desejo da composição</i>
<u>Uma ordem, uma luz, uma alegria</u> (V57)	(VS) (AD) 57	<i>ordem → claro</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.125. <b>NO PAÍS DOS ANDRADES</b>  .....  é forrado pelo cobertor <u>vermelho</u> de meu pai. (V2)  .....  a tudo pergunto e invoco; mas o <u>escuro</u> soprou; e  [ninguém ne secunda. (V15)</p> <p><b>NOTÍCIAS</b>  .....  <u>Vejo-te no escuro, cidade enigmática.</u> (V10)  Chamas com urgência, estou paralisado. (V11)  <u>De ti para mim, apelos.</u> (V12)  <u>de mim para ti, silêncio.</u> (V13)  Mas no escuro nos visitamos. (V14)  .....  <u>Todo homem sozinho</u> devia fazer uma canoa (V22)</p>	<p>(V/S) 2  (V/S) 15  (VS) (AD)10  (...) 10 -14  (VS) 12,13  (V/S) 22</p>	<p><i>cidade utopia</i></p>
<p>p.126. <b>AMÉRICA</b>  .....  <u>A mão escreveu tanto, e não sabe contar!</u> (V10)  .....  <u>As côres foram murchando, ficou apenas o tom</u>  [<u>escuro, no mundo escuro.</u> (V39)  .....  <u>Como fazer uma cidade? Com que elementos tecê-la?</u>  [<u>Quantos fogos terá?</u> (V101)  .....  <u>Portanto, solidão é palavra de amor.</u>(V135)  <u>Não é mais um crime, um vício, o desencanto das</u>  [<u>coisas.</u> (V136)  <u>Ela fixa no tempo a memória</u> (V137)</p>	<p>(VS) 10  (VS) 39  (VS) (AE) 101  (VS) 135-137</p>	<p><i>cidade a construir</i></p>
<p>p.130. <b>CIDADE PREVISTA</b>  .....  <u>O que eu escrevi não conta.</u> (V8)  <u>O que eu desejei é tudo.</u> (V9)</p> <p><b>CARTA A STALINGRADO</b>  .....  Penso no colar de cidades, que se amarão e se defen-  [derão contra tudo. (V52)  Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,</p>	<p>(PD) (AT)  (VS) 8,9  (AE) 52-54</p>	<p><i>cidade, utopia</i>  <i>utopia/ futuro/ esperança</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: right;">[(V53)]  <u>a grande Cidade de amanhã</u> erguerá a sua Ordem.  <span style="float: right;">[(V54)]</span></p> <p>p.132. <b>TELEGRAMA DE MOSCOU</b>  <u>Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.</u> (V1)</p> <p><b>MAS VIVEREMOS</b>  <u>Já não há mãos dadas no mundo.</u> (V1)  .....  Muitas vêzes julgamos ver <u>a aurora</u> (V21)  <u>e sua rosa de fogo à nossa frente.</u> (V22)  .....  No mar estava escrita <u>uma cidade,</u> (V37)  .....  <u>Hoje quedamos sós.</u> Em tôda parte, (V45)  .....  Pouco importa que dedos se desliguem (V61)  e não se escrevam cartas nem se façam (V62)  sinais da praia <u>ao rubro couraçado.</u> (V63)  Êle chegará, êle viaja o mundo. ( V64)  .....  E ganhará enfim todos os portos, (V65)  avião sem bombas entre Natal e China, (V66)  petróleo, flôres, crianças estudando, (V67)  beijo de môça, trigo e sol nascendo. (V68)  .....  Êle caminhará nas avenidas, (V69)  entrará nas casas, abolirá os mortos. (V70)  Êle viaja sempre, <u>êsse navio,</u> (V71)  <u>essa rosa, êsse canto, essa palavra.</u> (V72)</p> <p>p.134. <b>VISÃO 1944</b></p> <p>p.137. <b>COM O RUSSO EM BERLIM</b>  .....  Como <u>lutar, sem armas,</u> penetrando (V11)  com o russo em Berlim? (V12)</p> <p><u>Só palavras a dar,</u> só pensamentos (V13)  ou nem isso: calados num café, (V14)</p>	<p>(V/S) 54  (AE) 54</p> <p>(V/S) (AE) 1</p> <p>(VS) 1  (AS)</p> <p>(...) (V/S) 21,22  (AD)</p> <p>(V/S) (AD) 37</p> <p>(V/S) 45</p> <p>(...) (AE) 61-72  (V/S) 63</p> <p>(V/S) 71  (VS) 72</p> <p>(XT)</p> <p>(V/S) (AD) 11  (...) 11-14</p> <p>(V/S) 13</p>	<p><i>cidade</i>  ↑  ↓  <i>cidade</i></p> <p><i>ontem / hoje</i>  <i>rosa</i></p> <p><i>cidade</i></p> <p><i>rubro couraçado=rosa=canto</i>  <i>palavra=</i></p> <p><i>p.78, 86</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>.....  <u>Uma cidade atroz</u>, ventre metálico, (V61)</p>	(V/S) (AE)	<i>cidade</i>
<p>p.138.<b>INDICAÇÕES</b></p>		
<p>.....  <u>saíram dela, de ti</u>. Da dura substância, (V15)</p>	(V/S) 15 (AS)	<i>o poema sai do poeta</i>
<p>p.140.ONDE HÁ POUCO FALÁVAMOS</p>	(#)	
<p>p.142.<b>OS ÚLTIMOS DIAS</b></p>	(XT) (AT)	<i>morte</i>
<p>.....  meu peito; <u>ficar parado em frente desta estátua</u>: é um  torso (V40)</p>	(V/S) (AD) 40	<i>estátua p.160</i>
<p>.....  não cortaram <u>essa ligação subterrânea entre homens</u>  [e coisas: (V46)</p>	(V/S) 46	
<p>.....  <u>que somos todos irmãos, insisto</u>. (V49)</p>	(VS) 49	
<p>.....  não da dissolução, mas do fato de alguém resistir-lhe,  [(V56)</p>	(AE) 56 (AS)	<i>dissolução/morte p.164 A morte como "tema" e não como condição de poesia</i>
<p>.....  O tempo de desperdir-me e contar (V60)  que não espero outra luz além da que nos envolveu  [(V61)  dia após dia, noite em seguida a noite, fraco pavio,  [(V62)  pequena ampola fulgurante, facho, lanterna, faísca,  [(V63)  estrêlas reunidas, fogo na mata, sol no mar, (V64)  mas que essa luz basta, a vida é bastante, que  [ o tempo (V65)  é boa medida, irmãos, vivamos o tempo. (V66)</p>	(...) (AE) 60-66	<i>luz</i>
<p>.....  <u>sou tôdas as comunicações, como posso ser</u>  [triste? (V71)</p>	(VS) 71	
<p>.....  <u>Êste tempo, e não o outro, sature a sala, banhe os</u>  [livros, (V77)  nos bolsos, nos pratos se insinue: com sórdido ou</p>	(VS) (PD) 77 (...) (AE) 77-78	<i>que o tempo reflita nos livros (o tempo é a minha matéria)</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>[ potente <u>clarão</u>. (V78)</p> <p>.....</p> <p>E a matéria se veja acabar: adeus, composição (V96) que um dia se chamou Carlos Drumond de Andrade. [ (V97)</p> <p><u>Adeus, minha presença</u>, meu olhar e minhas veias [grossas, (V98)</p> <p>meus sulcos no travesseiro, minha sombra no muro, [(V99)</p> <p>sinal meu no rosto, olhos míopes, objetos de uso [pessoal, idéia de justiça, revolta e sono, adeus, [(V100)</p> <p>vida aos outros legada. (V101)</p> <p>p.145. MÁRIO DE ANDRADE DESCE AOS [ INFERNOS</p> <p>I II</p> <p>.....</p>	<p>(V/S) 78</p> <p>(...) (AE) 96-101</p> <p>(V/S) 98</p> <p>(AE) 96-101</p> <p>(#)</p>	<p><i>a dissolução aqui é a <u>futura</u> morte do ser, morte que não se realiza, no poema-o poema pelo contrário fala da vida, do desejo de viver, proclama a fraterni//. O fim do poeta é futuro e identificado à morte física do autor.</i></p> <p><i>Não se coloca a questão que a presença do poeta já se despede no poema. [Curiosa, porém o poema termina com um adeus: afinal de contas, o poema está se despedindo do poeta, e, como em todo <u>adeus</u>, o enunciado acaba por si presentificar - o presente do texto portanto.]</i></p> <p><i>Ao falar da sua morte (futura), o sujeito do poema não se dá por morto, não considera a morte que o texto lhe impõe. [mas o adeus final, presentificando a morte, parece insinuar que " o morto : é o próprio canto"] A morte é ainda um "tema, pq. o poeta só a pode dizer se <u>íntegro, vivo</u>, porque só a vida do poeta garante a tematização da própria morte. (i.e. só a sobrevivência do conceito de "sujeito", de autor íntegro).</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>Rastejando</u>, entre cacos, me aproximo. (V6)  <u>Não quero, mas preciso tocar pele de homem</u>, (V7)</p>	<p>(V/S) (AE) 6  (V/S) (AE) 7  (AD) 7</p>	<p>X  X  p.160</p>
<p>III</p>		
<p>IV  A rosa do povo despetala-se, (V1)  ou ainda conserva o pudor da alva? (V2)  <u>É um anúncio, um chamado, uma esperança embora</u>  [<u>frágil</u>, pranto infantil no berço? (V3)  Talvez apenas um ai de seresta, quem sabe. (V4)  Mas há um ouvido mais fino que escuta, um peito  [de artista que incha, (V5)  <u>e uma rosa se abre, um segrêdo comunica-se, o</u>  [<u>poeta anunciou</u>, (V6)  <u>o poeta, nas trevas, anunciou</u>. (V7)</p>	<p>(...) 1- 7  (AE) 1-7  (V/S) 3   (VS) 6,7</p>	<p><i>rosa = anúncio do poeta</i></p>
<p>.....  desliza na água salobra, e <u>ficam tua palavras</u> (V55)  (<u>superamos a morte</u>, e a palma triunfa) (V56)</p>	<p>(V/S) (AD) 55  (V/S) 56</p>	<p>X</p>
<p>p.147. <b>CANTO AO HOMEM DO POVO</b>  [ <b>CHARLIE CHAPLIN</b></p>		
<p>I  .....  Bem sei que <u>o discurso</u>, <u>acalanto burguês</u>,  [<u>não te envaidece</u>, (V21)</p>	<p>(V/S) 21</p>	
<p>.....  e entre tantas <u>palavras que como carros percorrem</u>  [as ruas, (V23)  <u>só as mais humildes</u>, de xingamento ou beijo, te  [<u>penetram</u>. (V24)</p>	<p>(V/S) 23,24</p>	
<p>.....  êles não existem, <u>mas a de homens comuns</u>, numa  [<u>cidade comum</u>, (V26)  nem faço muita questão da matéria de <u>meu canto</u>  [<u>ora em tórno de ti</u> (V27)  <u>como um ramo de flôres absurdas mandado por</u>  [<u>via postal ao inventor dos jardins</u>. (V28)</p>	<p>(V/S) 26,27</p>	
<p>p.149. II</p>	<p>(#)</p>	
<p>p.150. III</p>	<p>(#)</p>	
<p>IV</p>	<p>(#)</p>	
<p>p.151. V</p>	<p>(#)</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.152. VI  .....  e dêle surgem <u>artes não burguesas.</u> (V11)  .....  <u>Ó palavras desmoralizadas, entretanto salvas,ditas</u>  <span style="display: block; text-align: right;">[de nôvo. (V36).</span>  <u>Poder da voz humana inventando novos vocábulos</u>  <span style="display: block; text-align: right;">[e dando sôpro aos exaustos. (V37)</span>  .....  ó Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu  bigo-  [de caminham numa estrada de <u>pó e esperança.</u> [(V40)</p>	<p>(V/S) 11   (VS) 36,37      (V/S) 40</p>	



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<u>E de pensar realizamos.</u> (V131)	(VS) 131	
..... <u>disfarces de realidade mais intensa</u> (V138)	(VS) 138	
..... <u>E de sentir compreendemos.</u> (V145) <u>Já não adianta procurar</u> (V146) <u>minha querida filha Luísa</u> (V147)	(VS) 145-147 (AE) 146	<i>Já não adianta</i>
p.158. <b>NOTÍCIAS DE ESPANHA</b>	(AT)	<i>(passado) depois → Sucessão temporal ≠ marca - sinal ainda presente e visível</i>
..... <u>marcados</u> de negra viagem, (V2)	(V/S) 2	
..... ou <u>de corpo mutilado</u> , (V5)	(V/S) 5	
..... às <u>pranchas</u> sempre varridas (V10)	(V/S) 10	
..... <u>ao sal e ao rumor das conchas</u> , (V15)	(VS) 15	
..... <u>entre</u> as substâncias mais duras. (V21) <u>Hirto</u> silêncio de muro, (V22)	(V/S)21, 22	
..... de pedra esmagando <u>ramos</u> , (V24)	(V/S) 24	
..... <u>e que vale um canto?</u> O poeta, (V33) imóvel dentro do verso, (V34)	(V/S) (AD) 33	<i>e um canto é nada (versão anterior)</i>
..... cansado de vã pergunta, (V35) farto de contemplação, (V36) quisera fazer do <u>poema</u> (V37) não uma flor: uma bomba (V38) e com essa bomba romper (V39)	(...) (AD) 33-40	→ <i>desejo explicitado</i>
..... o muro que envolve Espanha. (V40)	(V/S) 37 (ST) (AD) 38	<i>a função- rosa do poema (arma)</i>
<b>A FEDERICO GARCIA LORCA</b>		
..... <u>(Amanhecerá.)</u> (V17)	(VS) 17	
..... Esse claro dia espanhol, (V18)	(AD) 18 (AR)	<i>o poema anuncia a manhã claro/escuro</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.159.<b>PEQUENO MISTÉRIO POLICIAL</b> [ ou <b>A MORTE PELA GRAMÁTICA</b></p> <p>..... entre mil serôdios programas, (V2)</p> <p>..... (para o que viesse a acontecer) (V10) onde cartas, botas, o anuário (V11) das <u>puras modas de dizer</u> (V12)</p> <p>e uma faca pernambucana (V13) se compensavam sem saber, (V14) eis que megalha no nirvana:(V15)</p>	<p>(XT)</p> <p>(ST) 2</p> <p>(...) 10-15</p> <p>(V/S) 12</p>	<p><i>tardios</i></p>
<p><b>JARDIM</b></p> <p><b>CANTO ESPONJOSO</b></p> <p>..... esta manhã <u>sem carência de mito,</u> (V2)</p> <p>..... <u>sem, na sombra, fantasmas.</u> (V7)</p>	<p>(XT)</p> <p>(XT) (AT)</p> <p>(V/S) 2</p> <p>(VS) 7</p>	<p><i> fusão * dissolução</i></p>
<p>p.160.<b>ALIANÇA</b></p> <p><u>Deitado no chão.</u> Estátua, (V1) mesmo enrodilhada, viaja (V2) ou dorme, enquanto <u>componho</u> (V3) <u>o que já de si repele</u> (V4) <u>arte de composição.</u> (V5) O pé avança, encontrando (V6)</p> <p>..... <u>tecendo fios de nada,</u> (V12) <u>moldando potes de pura</u> (V13) <u>água, loucas estruturas</u> (V14) do maior vago, vago. (V15)</p> <p>..... <u>ofício de se exprimir!</u> (V17) Já desisto de lavrar (V18) êste país inconcluso, (V19) de rios informulos (V20)</p>	<p>(Duplo XT) (AT)</p> <p>(PD) (AC) 1 (AE) 2 (PD) 3 (VS) 4,5</p> <p>(AE) 6</p> <p>(VS) 12-14</p> <p>(AE) 15</p> <p>(VS) 17 (...) 18-21</p>	<p><i>-separação suj. / obra -luta do suj. -suj. constrói a obra - suj. se mantém integro estátua p.143</i></p> <p>X</p> <p>X</p> <p><i>o lutador</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>e geografia perplexa. (V21)  .....  e já irado <u>me levanto</u>. (V23)  <u>êle comigo</u>. De um salto, (V24)  .....  eis que me segue. <u>Percorro</u> (V26)  .....  <u>onde, afinal: encontrar!</u> (V38)  .....  de um <u>achado</u> não perdido, (V40)  .....  <u>achei, achamos. Já volto</u>. (V43)  e de uma bôlsa invisível (V44)  vou tirando uma cidade, (V45)  uma flôr, uma experiência, (V46)  um colóquio de guerreiros, (V47)  uma relação humana, (V48)  uma negação da morte, (V49)  <u>vou arrumando êsses bens</u> (V50)  <u>em prêto na face branca</u>. (V51)  <u>De nôvo aos meus pés. Estátua</u>. (V52)  .....  <u>separando-nos os dois</u>. (V63)</p>	<p>(PD) 23  (V/S) 24    (PD) 26    (VS) 38    (V/S) 40    (PD) 43  (...) 43-51    (VS) 50-51    (PD) 52    (PD) (AD) 63  (AR)</p>	<p><i>homem e estátua (?)  deitado componho  desisto levanto  percorro  achei volto</i></p>
<p>p.161. <b>COMPOSIÇÃO</b>  .....</p>	<p>(XT)</p>	
<p><u>O mais é barro, sem esperança de escultura</u>. (V14)</p>	<p>(VS) 14</p>	
<p><b>ESTÂNCIAS</b></p>	<p>(XT)</p>	
<p>Amor? Amar? <u>Vozes</u> que ouvi, já não me lembra (V1)  .....</p>	<p>(V/S) (ST) 1</p>	<p><i>recuperar a fala do amor</i></p>
<p><u>De nôvo essas vozes, peço-te. Escande-as em tom</u>  [<u>sóbrio</u>, (V11)  <u>ou senão, grita-as à face dos homens</u>; desata os  [petrificados; aturde (V12)  os caules no ato de crescer; <u>repete</u>: amor, amar.  (V13)</p>	<p>(VS) 11  (...) 11-13  (V/S) 12,13</p>	
<p>p.162. <b>O ARCO</b></p>	<p>(XT)</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><b>O ENIGMA</b> As pedras caminhavam pela estrada. Eis que <u>uma</u> [<u>forma obscura</u> lhes barra o caminho.</p> <p>.....</p> <p>Aquê, todavia, <u>em nada se assemelha às imagens</u> [trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito [ou domadas pelo instinto imemorial das pedras.</p> <p>.....</p> <p>E na contenção dêsse instante, fixam-se as pedras— [para sempre—no chão, compondo montanhas [colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos [desgarrados.</p> <p>.....</p> <p>Mas a <u>coisa sombria- desmesurada</u>, por sua vez- [aí está, à maneira dos <u>enigmas que zombam da</u> <u>ten-</u> [tativa de interpretação. É mal de enigmas não se [decifrarem a si próprios. <u>Carecem de argúcia</u> [alheia, que os liberte de sua confusão amaldiçoada. [E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição [dos enigmas.</p> <p>.....</p> <p>Êsse travou o avanço das pedras, rebanho despre- [venido (...)</p> <p>.....</p> <p><u>O enigma tende a paralisar o mundo.</u></p> <p>.....</p> <p><u>Ai! de que serve a inteligência-</u>lastimam-se as pe- dras. Nós éramos inteligentes, e contudo, <u>pensar</u> <u>a ameaça não é removê-la: é criá-la.</u> <u>Ai! de que serve a sensibilidade-</u>choram as pedras.</p>	<p>(XT) (F/S) (AD)</p> <p>(F/S) (AD)</p> <p>(AD)</p> <p>(F/S)</p> <p>(AD)</p> <p>(AD)</p> <p>(F/S)</p> <p>(F/S)</p>	<p><i>pedra / acontecimento</i> ↓ <i>pedra / enigma</i></p> <p><i>forma escura X experiência</i> <i>poesia</i>      <i>V. Poesia (16)</i> <i>em que é o</i></p> <p><i>poe-</i> <i>ausen-</i> <i>ma que se</i> <i>ta p/ dar lugar a</i> <i>experiência.</i></p> <p>→</p> <p>→</p> <p>→ <i>a paralisação do mundo</i> <i>pela metáfora</i></p>

## CLARO ENIGMA

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<b>CLARO ENIGMA</b>	(AT)	<i>Canto Esponjoso-159</i>
p.164.I-ENTRE LÔBO E CÃO		
<b>DISSOLUÇÃO</b>	(XT)	
..... E com ela <u>aceito que brote</u> (V5)	(V/S) 5	
..... Imaginação, falsa demente, (V25) já te desprezo. E tu, palavra. (V26)	(AD) 25 (AD) 26	<i>palavra transitiva palavra não desprezada: p.153 p.147</i>
..... E sem alma, corpo, és suave. (V29)	(ST) 29	<i>alma → "poesia" ou palavra corpo → poema ou silêncio</i>
<b>REMISSÃO</b>		
Tua <u>memória</u> , pasto de <u>poesia</u> . (V1)	(PD) (AD)1	<i>Versos à boca da noite p.123 idade madura p.121</i>
..... <u>a que tu chamas: vida, e seus pesares</u> . (V4)	(VS) 4	
..... se êsse travo de angústia nos cantares, (V6) se o que dorme na base da elegia (V7) vai correndo e secando pelos ares, (V8)	(...) 6-11 (AD) 7	<i>→ "a vida e seus pesares" vão secando, desaparecendo no poema e nada resta dos "sentimentos" ou "acontecimentos" que motivaram (forçaram) o ato de escrever</i>
<u>e nada resta, mesmo, do que escreves</u> (V9) e te forçou ao exílio das palavras, (V10) senão contentamento de escrever, (V11)	(VS) 9	
enquanto o tempo, em suas forma breves (V12)	(AD) 12	<i>→o tempo (forma, interpretação) desaparece →desaparecem as formas nítidas do tempo as manifestações do tempo no poema tema do desaparecimento em-balsamento do tempo (SIC)</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.165. A INGAIA CIÊNCIA</p> <p><u>A madureza</u>, essa terrível prenda (V1)  .....  se destroem no <u>sonho da existência</u>. (V14)</p> <p><b>LEGADO</b>  .....  na vida, <u>restará</u>, pois o resto se esfuma, (V13)  <u>uma pedra que havia em meio do caminho</u>. (V14)</p> <p><b>CONFISSÃO</b>  <u>Não amei bastante meu semelhante</u>. (V1)  .....  <u>Só proferi algumas palavras</u>. (V3)  .....  <u>Do que restou</u>, como compor um homem (V9)  e tudo o que êle implica de suave, (V10)  de concordâncias vegetais, murmúrios (V11)  de riso, entrega, amor e piedade? (V12)  .....  <u>Salvo aquele pássaro- vinha azul e doido-</u> (V15)</p>	<p>(XT) (AT)</p> <p>(V/S) (AD) 1</p> <p>(V/S) 14</p> <p>(XT)</p> <p>(V/S) 13 (VS) 14</p> <p>(XT) (VS) 1</p> <p>(VS) 3</p> <p>(V/S) 9 (...) (AE) 9-12</p> <p>(V/S) 15</p>	<p><i>Le Gaie Science (Nietzsche)</i>  <i>ciência X encantos</i>  <i>madureza sonho da exis-</i>  <i>agudo olhar tência</i>  <i>agudo olfato</i>  <i>Rosa p.146</i>  <i>dissolução p.144 (morte)</i>  <i>madureza p.123 p.121 p.202</i></p> <p>X</p>
<p>p.166. PERGUNTAS EM FORMA DE CAVALO  [MARINHO</p> <p>OS ANIMAIS DO PRESÉPIO</p>	<p>(#)</p> <p>(#)</p>	
<p>p.167. SONETILHO DO FALSO FERNANDO  [PESSOA</p> <p><b>UM BOI VÊ OS HOMENS</b>  .....  como também <u>parecem não enxergar o que é visível</u>  [(V8)</p> <p>.....  (que sabemos nós?), <u>sons que se despedaçam e</u>  <u>[e tombam no campo</u>. (V22)</p>	<p>(#)</p> <p>(Duplo XT)</p> <p>(V/S) 8</p> <p>(V/S) 22,23</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>como pedras aflitas e queimam a erva e a água, (V23)</u></p> <p>p.168. <b>MEMÓRIA</b></p> <p><b>A TELA CONTEMPLADA</b>  <u>Pintor da soledade nos vestibulos (V1)</u>  .....  se deploram silentes, <u>sem que as pombas (V3)</u>  .....  <u>ô criador de mitos que sufocam, (V9)</u>  .....  <u>é a vida um suspiro sem paixão. (V14)</u></p> <p><b>SER</b></p> <p>.....  <u>Objeto de ar: (V10)</u>  .....  <u>(além, além do amor) (V18)</u>  .....  <u>O filho que não fiz (V21)</u>  <u>faz-se por si mesmo. (V22)</u></p>	<p>(AS)</p> <p>(V/S)1</p> <p>(V/S) (AD) 3</p> <p>(V/S) 9</p> <p>(VS) (AD)14</p> <p>(AT)</p> <p>(VS) 10</p> <p>(VS) (AD) 18</p> <p>(VS) (AD) 21 (VS) (AR) 22</p>	<p><i>problema do ser/não-ser: qual o estatuto do ser? O ser no poema é um não-ser (a escritura não é uma ontologia), o ser perde-se no poema, mas ao mesmo tempo é no poema que se constrói o ser → dúvida drummondiana: o ser se perde no poema (nele morre) ou nele se contrói (nele vive)?</i></p> <p><i>s/vida</i>  ↑  ↓  <i>s/vida</i></p> <p><i>/não-ser:  O filho é e não é: v. oficina irritada 170: que o poema saiba <u>ser, não-ser</u></i></p> <p><i>X</i></p> <p><i>-(o poema)  filho/pai → poeta-pai → o poema faz-se por si mesmo (é filho s/ pai)</i></p>
<p>p.169. <b>CONTEMPLAÇÃO NO BANCO</b></p>	<p>(XT) (AT)</p>	<p><i>→ poema-filho  Flor = poema = escultura de ar, abstrata  filho = poema = objeto de ar</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>I</p> <p><u>O coração pulverizado</u> range (V1)</p> <p>.....</p> <p><u>quem sabe a flor que aí se elabora, calcária</u> [<u>sanguínea?</u> (V9)</p> <p>.....</p> <p>não é longo <u>mentar uma flor</u>, e permitido (V11)</p> <p>.....</p> <p><u>construir de bruma nosso arco-íris</u>. (V13)</p> <p>.....</p> <p><u>Passarei a vida entoando uma flor</u>, pois não sei cantar [(V17)</p> <p>.....</p> <p><u>Escultura de ar, minhas mãos</u> (V20) <u>te modelam nua e abstrata</u> (V21) <u>para o homem que não serei</u>. (V22)</p> <p>II</p> <p><u>Nalgum lugar faz-se êsse homem ...</u> (V1)</p> <p>.....</p> <p>Não lhe convém o débil nome de filho, (V5)</p> <p>.....</p> <p><u>e êsse nega, sorrindo, a escura fonte</u>. (V7)</p> <p>.....</p> <p><u>e mineralmente te pressinto, e sinto</u> (V16) <u>quanto estás longe de nosso vão desenho</u> (V17) <u>e de nossas roucas onomatopéias...</u> (V18)</p> <p>p.170. III</p> <p>.....</p> <p><u>Dissolvendo a cortina das palavras</u>, (V13)</p>	<p>(AD)</p> <p>(V/S) 1</p> <p>(VS) 9</p> <p>(V/S) 11</p> <p>(VS) 13</p> <p>(V/S) 17</p> <p>(VS) (AD) 20 (VS) 21,22</p> <p>(PD) 1</p> <p>(ST) 5</p> <p>(VS) 7</p> <p>(VS) 16-18 (...) (AE) 17-18</p> <p>(AS)</p> <p>(VS) 13</p>	<p><i>escultura de ar → paradoxo da escritura: <u>escultura</u> pressupõe escultor <u>ar</u> dissolve a escultura e o escultor</i></p> <p><i>objeto de ar</i></p> <p><i>→ "o filho que não fiz / faz-se por si mesmo". (o poema)</i></p> <p><i>longe das palavras</i></p> <p><i>"homem que não serei": dissolve a cortina de palavras Caberia apenas num verso maior que os literários, num verso além das palavras (desorbitado)</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>tua forma abrange a terra e se desata (V14) à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas. [(V15)</p> <p><u>Triste é não ter um verso maior que os literários.</u> [(V16)</p> <p>é não compor um verso nôvo, desorbitado, (V17) para envolver tua efígie lunar, ó quimera (V18) que sobes do chão batido e da relva pobre. (V19)</p> <p style="text-align: center;"><b>OFICINA IRRITADA</b></p> <p>Eu quero compor um soneto duro (V1) como poeta algum ousara escrever. (V2) Eu quero pintar um soneto escuro, (V3) sêco, abafado, difícil de ler. (V4)</p> <p>Quero que meu soneto, no futuro, (V5) não desperte em ninguém nenhum prazer. (V6) E que, no seu maligno ar imaturo, (V7) ao mesmo tempo saiba <u>ser, não ser.</u> (V8)</p> <p>Êsse meu verbo antipático e impuro (V9) há de pungir, há de fazer sofrer, (V10) tendão de Vênus sob o pedicuro. (V11)</p> <p>Ninguém o lembrará: tiro no muro, (V12) cão mijando no caos, <u>enquanto Arcturo,</u> (V13) <u>claro enigma, se deixa surpreender.</u> (V14)</p>	<p>(...) (AE) 13-19</p> <p>(VS) 16</p> <p>(Duplo XT) (...) 1-14</p> <p>(V/S) 8</p> <p>(AS)</p> <p>(V/S) 13 (VS) 14</p>	<p><i>forma que se liga ao mundo natural (e não ao mundo das palavras)</i> <i>o poeta lamenta que o seu verso seja uma cortina de palavras, seja literário, orbitado, e que não possa transcender o vão desenho e as roucas onomatopéias p/ ligar-se a um "real" sem palavras mas reconhece que o homem que dissolvesse as palavras é uma quimera.</i></p> <p><i>perversi//do poema</i></p>
<p>p.171.     <b>OPACO</b></p> <p>.....</p> <p>Quis interpretá-lo. (V5)</p> <p>.....</p> <p><u>Nada escrito no céu,</u> (V8) <u>sei.</u> (V9) <u>Mas queria vê-lo.</u> (V10)</p> <p>.....</p>	<p>(AE) 5</p> <p>(VS) 8-10</p>	<p><i>antiga problemática do "hermetismo" → opaci//do obj.X interpretação</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
Zumbido (V13)	(AD) 13	265
..... Não , não me barra (V19) a vista. A vista se barra (V20) a si mesma. (V21)	(...) (AD) 19-21	<i>opaci//do obj.</i> <i>não se prende ao obj.</i>
<b>ASPIRAÇÃO</b>		
..... <u>Aspiro antes à fiel indiferença</u> (V13)	(VS) 13	
p.172. <b>SONHO DE UM SONHO</b>	(AT)	<i>treva X sonho</i> <i>(reali//) (poema, desejo)</i> <i>não-real</i>
..... <u>de uma infundável cadeia</u> (V6) <u>de mitos organizados</u> (V7) <u>em derredor de um pobre eu.</u> (V8)	(VS) 6-8	
..... retinha <u>uma zona lúcida</u> (V11)	(V/S) 11	
..... pois <u>o centro era eu de tudo.</u> (V32)	(V/S) 32	
..... que não sonhara... <u>Mas via</u> (V75) <u>na treva em frente a meu sonho.</u> (V76)	(V/S) 75 (VS) 76	
..... <u>que o sonho era sonho, e falso.</u> (V85)	(VS) 85	
p.173. <b>CANTIGA DE ENGANAR</b>	(AT)	<i>mundo X palavras-92</i>
..... a vida baixa... <u>e se sobe</u> (V19) <u>algum som dêste declive.</u> (V20)	(V/S) 19 (VS) (AE) 20 (ST) 20	<i>nada disso transparece no</i> <i>poema</i> <i>[som] lgem.</i>
..... <u>O mundo não tem sentido.</u> (V54) <u>O mundo e suas canções</u> (V55) <u>de timbre mais comovido</u> (V56) <u>estão calados, e a fala</u> (V57)	(VS) (AD) 54-56  (V/S) 57	<i>mundo: silêncio, não sentido</i>
..... <u>Silêncio: que quer dizer?</u> (V63) <u>Que diz a boca do mundo?</u> (V64) <u>Meu bem, o mundo é fechado.</u> (V65) <u>se não fôr antes vazio.</u> (V66)	(VS) 63-66	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>.....  mas a pena não existe. (V70)  <u>Meu bem, façamos de conta.</u> (70)  .....  Façamos, meu bem, de conta, (V77)  .....  <u>Meu bem, usemos palavras.</u> (V81)  <u>Façamos mundos : idéias.</u> (V82)  <u>Deixemos o mundo aos outros,</u>(V83)  .....  -mas a força não existe-(V86)  e na mais pura <u>mentira</u> (V87)  .....  mais <u>ilusória</u> que tudo, (V90)  .....  que <u>imaginar-se</u> alguém vivo, (V92)  .....  <u>Mas o sonho não existe.</u> (V95)  Meu bem, assim acordados, (V96)  assim lúcidos, severos, (V97)  ou assim abandonados (V98)</p>	<p>(AD) 70  (VS) (AD) 71   (AD) 77   (VS) 81-83   (AD)86   (V/S) 90   (V/S) 92   (VS) 95  (AD) 96-98</p>	<p><i>paradoxo</i>  <i>fazer de conta=usar palavras</i>   <i>paradoxo</i>         <i>paradoxo</i>         <i>as duas atitudes → lucidez e</i>  <i>abandono</i></p>
<p>p.174.II-NOTÍCIAS AMOROSAS</p> <p style="text-align: center;"><b>AMAR</b></p> <p>.....  um vaso sem flor, um chão <u>vazio</u>, (V16)</p>	<p>(PD) (AD) 16   (AR)</p>	<p>→ <i>mudado p/ de ferro</i>   <i>a falta que ama</i>  <i>Amar a falta</i>  <i>Amar é falta</i>  <i>Amar a ausência → vaso sem</i>  <i>flor, chão</i>  <i>vazio</i></p>
<p>p.175. ENTRE O SER E AS COISAS</p> <p style="text-align: center;"><b>TARDE DE MAIO</b></p> <p><u>Como</u> êsses primitivos que carregam por tôda parte  [<u>o maxilar inferior de seus mortos,</u> (V1)  assim te levo comigo, tarde de maio, (V2)  quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a  [terra, (V3)</p>	<p>(#)   (Duplo XT)  (V/S) 1  (...) 1-35</p>	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>outra chama, não perceptível, e tão mais devastadora,  [(V4)  surdamente lavrava sobre meus traços cômicos, (V5)  e uma a uma, <i>dissecta membra</i>, deixava ainda  [palpitantes (V6)  e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma  [(V7)  nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza  [(V8)  sem fruto. (V9)</p> <p>Mas os primitivos imploram à relíquia saúde e chuva,  [(V10)  colheita, fim do inimigo, não sei que portentos. (V11)  <u>Eu</u> nada te peço a ti, tarde de maio, (V12)  senão que continues, no tempo e fora dele,  [irreversível, (V13)  sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de  [(V14)  converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém  [(V15)  que, precisamente, volve o rosto, e passa... (V16)  Outono é a estação em que ocorrem tais crises, (V17)  e em maio, tantas vêzes, morremos. (V18)</p> <p><u>Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera</u>, (V19)  já então espectrais sob o aveludado da casca, (V20)  trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres  [(V21)  com que nos unguiram, e nas vestes a poeira do carro  [(V22)  fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos, (V23)  sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.  [(V24)</p> <p>E os que o vissem não saberiam dizer: se era um  [préstito (V25)  lutuoso, arrastado, poeirento, ou um desfile carna-  [valesco. (V26)  Nem houve testemunha. (V27)</p> <p>Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos,  [muitos. (V28)  Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem</p>	<p>(VS) 19</p> <p>(PD) (AE) 25</p>	<p><i>morte do pronome eu =  imagens de morte</i></p>



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a [ verme. (V2) Deus — ou foi talvez o Diabo — deu-me êste amor [maduro, (V3) e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.(V4)</p>		
<p>Pois que tenho um amor, <u>volto aos mitos pretéritos</u> [(V5)</p>	(V/S) (AE) 5	<i>amor, mito</i>
<p>..... <u>Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso</u> [(V7)</p>	(VS) (AE) 7 (...) 7-13	<i>eu, mito</i>
<p>e talhado em penumbra <u>sou e não sou, mas sou.</u> (V8)</p>	(V/S) (AE) 8	<i>sou / não-sou</i>
<p><u>Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia</u> (V9) <u>e cansado de mim julgava que era o mundo</u> (V10) <u>um vácuo atormentado, um sistema de erros.</u> (V11)</p>	(VS) 9-11  (PD) (AE) 11	<i>Como em <u>A Máquina do Mun-</u></i>
<p><u>do, refere-se a uma atitude</u> <u>passada de negação</u></p>		
<p>Amanhecem de nôvo as antigas manhãs (V12) que não vivi jamais, pois <u>jamais me sorriram.</u> (V13)</p>	(V/S) 13	
<p><u>Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra</u> (V14)</p>	(V/S) (AD) 14	<i>tu: letra</i>
<p>..... <u>e só hoje presente.</u> (V16)</p>	(VS) 16	
<p>..... o sumo se espremeu para fazer um vinho (V19) ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo. (V20)</p>	(AE) 19,20	<i>vinho / sangue prazer / dor</i>
<p>..... E o tempo que levou uma <u>rosa indecisa</u> (V21)</p>	(V/S) 21	
<p>..... <u>Onde não há jardim, as flôres nascem de um</u> (V24) <u>secreto investimento em formas improváveis.</u> (V25)</p>	(VS) (AE) 24,25	<i>as flôres- o poema- não pre- cisa de um jardim</i>
<p>..... para arrecadar as alfaias de muitos (V27)</p>	(AE) (ST) 27	<i>[alfaias] jóia, adorno</i>
<p>..... o sagrado terror converto em <u>jubilação.</u> (V30)</p>	(V/S) 30	
<p>Seu grão de <u>angústia</u> amor já me oferece (V31)</p>	(V/S) 31	
<p>..... <u>Há que amar e calar</u> (V40)</p> <p>p.179.III-O MENINO E OS HOMENS</p>	(VS) 40	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>A UM VARÃO QUE ACABA DE [NASCER</p>	<p>(#)</p>	
<p>p.180. O CHAMADO</p> <p>QUINTANA'S BAR</p>	<p>(#)</p>	
<p>..... <u>As amadas do poeta</u>, lá em baixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma, gôtas ácidas, <u>desaparecem, no poema.</u></p>	<p>(F/S)</p>	
<p>p.181. ANIVERSÁRIO</p> <p>IV-SÊLO DE MINAS</p>	<p>(#)</p>	
<p>EVOCÇÃO MARIANA A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. [(V1)</p>	<p>(AE) 1</p>	<p><i>a pobreza da igreja / fiéis e a delícia do canto</i></p>
<p>..... <u>(quais as imagens e quais os fiéis?)</u> (V4)</p> <p>ficávamos. (V5)</p>	<p>(VS) (AD) 4 (...) 5-10</p>	<p><i>amulação da diferença (espírito franciscano)</i></p>
<p>Do padre cansado o murmúrio de reza (V6) <u>subia</u> às tábuas do fôrro, (V7) <u>batia</u> no púlpito sêco, (V8) <u>entranhava-se</u> na onda, minúscula e forte, de incenso, [(V9)</p>	<p>(V/S) 7-9</p>	
<p><u>perdia-se.</u> (V10)</p>	<p>(VS) 10</p>	
<p>Não, não se perdia... (V11) Desatava-se do côro a música deliciosa (V12) (que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da [morte, nas campinas do ar) (V13) e dessa música surgiram meninas- a alvura mesma- [(V14) cantando. (V15)</p>	<p>(...) (AE) 11-17</p>	<p><i>flutuávamos</i></p>
<p>De seu pêso terrestre a nave libertada, (V16) como do tempo atroz imunes nossas almas, (V17)</p>	<p>(AR)</p>	<p><i>ficávamos X flutuávamos a reza se perdia X...? não se perdia</i></p>



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
ai, pareciam eternas!(V12)	(V/S) 12	
..... <u>O chão começa a chamar</u> (V29) <u>as formas estruturadas</u> (V30)	(VS) 29,30	
..... <u>Sôbre a cidade concentro</u> (V64) <u>o olhar experimentado,</u> (V65)	(VS) 64,65	
..... <u>(Quantos perdi me ensinaram.)</u> (V68)	(VS) 68	
..... <u>me conta por que mistério</u> (V83) <u>o amor se banha na morte.</u> (V84)	(VS) 83,84	
p.185. <b>CANTO NEGRO</b>		
..... <u>Decerto perdi os olhos</u> (V3) <u>que tinha quando criança.</u> (V4)	(V/S) 3 (VS) 4	
..... <u>Já não sei onde te escondes</u> (V21)	(V/S) 21	
..... <u>êsse estar e não-estar,</u> (V87)	(VS) 87	
..... <u>À beira do negro poço</u> (V101) <u>debruço-me; e nêle vejo,</u> (V102) <u>agora que não sou môço,</u> (V103) <u>um passarinho e um desejo.</u> (V104)	(...) 101-104	
p.186. <b>OS BENS E O SANGUE</b>	(Duplo XT)	
I	(#)	
p.187.      II	(#)	
p.188.      III	(#)	
IV	(#)	
V	(#)	
p.189.      VI	(#)	
VII		

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é</u> [dos prêtos. (V5)]</p>	(VS) 5	
<p>p.190. <b>VIII</b> ..... <u>ó poeta de uma poesia que se furta e se expande</u> [(V11)] <u>à maneira de um lago de pez e resíduos letais...</u> (V12)</p>	(VS) (AE) 11,12	<i>poesia: paradoxo</i>
<p><b>V-OS LÁBIOS CERRADOS</b></p>		
<p><b>CONVÍVIO</b> Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de [que <u>êles não vivem senão em nós</u> (V1)] e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão [débil. (V2)]</p>	(XT) (V/S) 1  (AE) 2	<i>em nós: nos livros, no ciclo dos livros elo</i>
<p>..... <u>Pouco e mal que êles vivam, dentro de nós, é vida</u> <u>não</u></p>	(VS) (AE) 5	<i>paradoxo:</i>
<p>[<u>não obstante.</u> (V5)] E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la [conosco. (V6)]</p>	(AE) 6	<i>morte</i>
<p>Mas, como estão longe, <u>ao mesmo tempo</u> que nossos [atuais habitantes (V7)]</p>	(V/S) 7	
<p>..... O próximo existe. <u>O pássaro existe.</u> (V10)</p>	(V/S) (AE) 10	<i>a metáfora pássaro</i>
<p>..... <u>Há que renunciar a tôda procura.</u> (V12) Não os encontrariamos, ao encontrá-los. (V13) Ter e não ter em nós um vaso sagrado, (V14) um depósito, uma presença contínua, (V15) esta é nossa condição, enquanto (V16) sem condição transitamos (V17) e julgamos amar (V18) e calamo-nos. (V19)</p>	(VS) (AD) 12 (...) (AE) 12-19	<i>o poema não recupera X</i>
<p><u>Ou talvez existamos sòmente nêles,</u> que são omissos, [e nossa existência, (V20)]</p>	(V/S) (AE) 20	<i>"a poesia elide sujeito e objeto" - 191</i>
<p>p.191. <b>PERMANÊNCIA</b></p>	(XT)	
<p>p.192. <b>PERGUNTAS</b></p>	(#)	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>P.193. CARTA</p> <p style="text-align: center;"><b>ENCONTRO</b></p> <p>.....</p> <p><u>Oh meu pai arquiteto e fazendeiro!</u> (V9)  <u>Faz casas de silêncio, e sua roças</u> (V10)</p>	<p>(#)</p> <p>(VS) 9 (V/S) 10</p>	
<p>p.194. A MESA</p> <p>.....</p> <p>Esta calou-se. Não quis (V160)  manter com palavras novas (V161)  o colóquio subterrâneo (V162)  que num sussurro percorre (V163)</p> <p>.....</p> <p><u>meu verso melhor ou único,</u> (V275)</p>	<p>(AD) 160-163</p> <p>(VS) 275</p>	<p>?</p>
<p>p.197.VI-A MÁQUINA DO MUNDO</p> <p style="text-align: center;"><b>A MÁQUINA DO MUNDO</b></p> <p>E como eu palmilhasse vagamente (V1)  uma estrada de Minas, pedregosa, (V2)  e no fecho da tarde um sino rouco (V3)</p> <p>se misturasse ao som de meus sapatos (V4)  que era passado e sêco; e aves pairassem (V5)  no céu de <u>chumbo</u>, e <u>suas formas pretas</u> (V6)</p> <p><u>lentamente se fôssem diluindo</u> (V7)  <u>na escuridão maior</u>, vinda dos montes (V8)</p> <p>.....</p> <p><u>pelas pupilas gastas na inspeção</u> (V16)  <u>contínua e dolorosa do deserto</u>, (V17)  <u>e pela mente exausta de mentar</u> (V18)</p> <p><u>tôda uma realidade que transcende</u> (V19)  <u>a própria imagem sua debuxada</u> (V20)</p> <p>.....</p> <p><u>convidando-os a todos, em coorte,</u> (V28)  <u>a se aplicarem sôbre o pasto inédito</u> (V29)  <u>da natureza mítica das coisas,</u> (V30)</p> <p>.....</p> <p><u>"O que procuraste em ti ou fora de</u> (V36)</p>	<p>(AD) 1-6</p> <p>(V/S) 6</p> <p>(VS) 7</p> <p>(V/S) 16 (VS) 17-20</p> <p>(ST) 20</p> <p>(VS) 28-30 (AE)</p> <p>(VS) 36,37</p>	<p><i>fecho da tarde</i>  <i>chumbo</i>  <i>formas pretas</i>  <u><i>escuridão maior</i></u>  <i>treva espessa</i></p> <p>[debuxada] <i>representada</i>  <i>delineada</i></p> <p><i>atitude de decifrar uma ver-</i>  <i>dade ou uma origem (metafi-</i>  <i>ca)</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>teu ser restrito e nunca se mostrou</u>, (V37)</p> <p>.....</p> <p><u>essa total explicação da vida</u>, (V43)</p> <p><u>êsse nexo primeiro e singular</u>, (V44)</p> <p><u>que nem concebes mais, pois tão esquivo</u> (V45)</p> <p><u>se revelou ante a pesquisa ardente</u> (V46)</p> <p><u>em que te consumiste... vê, contempla</u>, (V47)</p> <p>.....</p> <p><u>tudo se apresentou nesse relance</u> (V67)</p> <p>.....</p> <p><u>pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio</u>, (V72)</p> <p><u>a esperança mais mínima-êsse anelo</u> (V73)</p> <p><u>de ver desvanecida a treva espessa</u> (V74)</p> <p><u>que entre os raios do sol inda se filtra</u>, (V75)</p> <p>como <u>defuntas crenças</u> convocadas (V76)</p> <p>a de nôvo <u>tingir a neutra face</u> (V77)</p> <p>.....</p> <p><u>que vou pelos caminhos demonstrando</u>, (V78)</p> <p><u>e como se outro ser, não mais aquê</u> (V79)</p> <p><u>habitante de mim há tantos anos</u>, (V80)</p> <p>.....</p> <p>semelhante a <u>essas flôres reticentes</u> (V83)</p> <p><u>em si mesmas abertas e fechadas</u>, (V84)</p>	<p>(...) (VS) 43-47 (AE)43-47</p> <p>(V/S) 47 (AS)</p> <p>(PD) 67</p> <p>(V/S) 72 (AD) 72</p> <p>(V/S) 76</p> <p>(PD) (V/S) 77</p> <p>(AE) 78-80</p> <p>(V/S) 83</p> <p>(VS) (AE) 84</p>	<p><i>"defuntas crenças"</i> <i>luta anterior do poeta</i></p> <p>↓</p> <p><i>pesquisa curiosidade vontade</i></p> <p><i>re-presentação da própria re-presentação</i></p> <p><i>o poeta perde o desejo de ter acesso ao Real, de ver a "escuridão" (condição do poema → v. Dissolução) tornar-se "clareza" (falsa condição do poema). A clari//s "defuntas crenças". O poeta aceita uma "ordem outra", agora ele mesmo "neutra face" no/do poema. Face neutra no poema: o suj. não é colorido no poema c/ sua individuali//, mas nele se neutraliza. Face neutra do poema: o suj. não é aqui o porta-voz inflamado de desejo de transtornar a intransitivi// do poema, mas, sem desejo (?), aceita a palavra poética na sua paradoxal verdade.</i></p> <p><i>luta anterior</i></p> <p><i>paradoxo</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>.....  apetecível, antes despiciendo, (V86)</p> <p><u>baixei os olhos, incurioso, lasso</u>, (V87)  <u>desdenhando colhêr a coisa oferta</u> (V88)  <u>que se abria gratuita a meu engenho</u>. (V89)</p> <p>.....</p>	<p>(ST) 86</p> <p>(VS) 87-89</p>	<p><i>digno de desdém</i></p>
<p>se foi miúdamente recompondo, (V93)</p>	<p>(AS) 93</p>	<p><i>abandonar a metafísica (a busca metafísica da verdade e da origem, de um além-das-palavras)</i></p>
<p>p.200.      <b>RELÓGIO DO ROSÁRIO</b></p>	<p>(AR)</p>	<p><i>renúncia a toda procura enterro da busca metafísica  Superação do desejo de encontrar a total explicação da vida. O poeta não mais deseja ver desvanecida a escuridão</i></p>

## FAZENDEIRO DO AR

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.202. <b>HABILITAÇÃO PARA A NOITE</b></p> <p style="text-align: center;"><b>NO EXEMPLAR DE UM VELHO LIVRO</b></p> <p><u>Neste brejo das almas</u> (V1)</p> <p>p.203. <b>BRINDE NO BANQUETE DAS MUSAS</b>  Poesia, marulho e náusea, (V1)  poesia, canção suicida, (V2)  poesia, que recomeças (V3)  de outro mundo, noutra vida. (V4)</p> <p>Deixaste-nos mais famintos, (V5)  poesia, comida estranha. (V6)  se nenhum pão te equivale: (V7)  a môsca deglute a aranha. (V8)</p> <p>Poesia, sôbre os princípios (V9)  e os vagos dons do universo: (V10)  em teu regaço incestuoso, (V11)  o belo câncer do verso. (V12)</p> <p>Azul, em chama, o telúrio (V13)  reintegra a essência do poeta, (V14)  e o que é perdido se salva... (V15)  <u>Poesia, morte secreta.</u> (V16)</p> <p style="text-align: center;"><b>DOMICÍLIO</b></p> <p style="text-align: center;"><b>O QUARTO EM DESORDEM</b></p> <p>.....  na quinta-essência da palavra, e <u>mudo</u> (V6)  <u>de natural silêncio</u> já não cabe (V7)  .....</p> <p>a nuvem que de ambígua se dilui (V9)  nesse objeto mais vago do que nuvem (V10)  e mais defeso, <u>corpo! corpo, corpo,</u> (V11)</p>	<p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(VS) 1 (AR)</p> <p style="text-align: center;">(XT) (...) 1-16</p> <p style="text-align: center;">(AD) 8</p> <p style="text-align: center;">(AS) 13</p> <p style="text-align: center;">(VS) 16</p> <p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(Duplo XT)</p> <p style="text-align: center;">(V/S) 6,7</p> <p style="text-align: center;">(AD) 9-10 (V/S) 11</p>	<p style="text-align: center;"><i>madureza p.165</i></p> <p style="text-align: center;"><i>uma aranha invisível tece o amor p.221</i></p> <p style="text-align: center;"><i>telúrio (quim) corpo simples, sólido, de cor metálica, brilhante</i></p> <p style="text-align: center;"><i>nuvem →</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.204. <b>RETÔRNO</b>  .....  lendo a efígie do <u>corvo</u> na da aurora? (V6)  .....  meu existir, de <u>morte imorredoura</u>? (V8)</p> <p><b>CONCLUSÃO</b>  <u>Os impactos de amor não são poesia</u> (V1)  (tentaram ser: aspiração noturna). (V2)  A memória infantil e o outono pobre (V3)  <u>vazam</u> no verso de nossa urna diurna. (V4)</p> <p>Que é poesia, o belo? Não é poesia, (V5)  e o que não é poesia não tem fala. (V6)  Nem o mistério em si nem velhos nomes (V7)  poesia são: coxa, fúria, cabala. (V8)</p> <p>Então, desanimamos. Adeus, tudo! (V9)  A mala pronta, o corpo desprendido, (V10)  <u>resta a alegria de estar só, e mudo.</u> (V11)</p> <p>De que se formam nossos poemas? Onde? (V12)  Que sonho envenenado lhes responde, (V13)  se o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens?  [(V14)]</p> <p><b>A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO</b>  <u>Um minuto, um minuto de esperança.</u> (V1)  .....  <u>um minuto me baste, e as minhas obras.</u> (V14)</p>	<p>(V/S) (AD) 6</p> <p>(V/S) 8</p> <p>(XT)  (VS) (AD) 1  (...) 1-14</p> <p>(AD) 7,8</p> <p>(VS) (AE) 11</p> <p>(AE) 13  (AD) 14</p> <p>(VS) 1</p> <p>(VS) 14</p>	<p><i>paradoxo</i></p> <p><i>no verso o real se escoo</i></p> <p><i>cabala : interpretação alegórica e mística, ciência oculta, conluio, tramóia</i></p> <p><i>alegria→mudez</i></p> <p><i>← nuvens pergunta</i></p>
<p>p.205. <b>VIAGEM DE AMÉRICO FACÓ</b></p> <p><b>CIRCULAÇÃO DO POETA</b>  .....  uma negrinha em flor, <u>um verso hermético.</u> (V14)</p> <p>p.206. <b>CONHECIMENTO DE JORGE DE LIMA</b></p> <p><b>O ENTERRADO VIVO</b>  .....  <u>E sempre no meu sempre a mesma ausência.</u> (V15)</p>	<p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(VS) (AD) 15</p>	<p></p> <p></p> <p></p> <p><i>ausência do ser</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><b>CEMITÉRIOS</b></p> <p>I-GABRIEL SOARES (#)</p> <p>II-CAMPO MAIOR (#)</p> <p>III-DOMÉSTICO (#)</p> <p><b>IV-DE BÔLSO</b>  <u>Do lado esquerdo carrego meus mortos.</u> (V1)  <u>Por isso caminho um pouco de banda.</u> (V2)</p> <p><b>V-ERRANTE</b>  .....  <u>urna eu mesmo de minhas cinzas particulares.</u> (V13)</p> <p>p.208.MORTE DE NECO ANDRADE (#)</p> <p>p.209.<b>ESTRAMBOTE MELANCÓLICO</b>  Tenho saudade de mim mesmo, sau- (V1)  dade sob aparência de remorso, (V2)  de tanto que não fui, a sós, a êsmo, (V3)  e <u>de minha alta ausência em meu redor.</u> (V4)  Tenho horror, tenho pena de mim mesmo (V5)  e tenho muitos outros sentimentos (V6)  violentos. Mas se esquivam no inventário, (V7)  e meu amor é triste como é vário, (V8)  e sendo vário é um só. Tenho carinho (V9)  <u>por tôda perda minha</u> na corrente (V10)  que de mortos a vivos me carrega (V11)  e a mortos restitui o que era dêles (V12)  mas em mim se guardava. A estrêla-d'alva (V13)  penetra longamente seu espinho (V14)</p> <p>(e cinco espinhos são) na minha mão. (V15)</p> <p><b>ETERNO</b>  .....  <u>A cada instante se criam novas categorias do eterno.</u>  [(V13)</p> <p>.....  e lhe comuniquem o sentimento <u>do efêmero</u> (V18)  .....</p>	<p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(VS) 1,2</p> <p>(VS) 13</p> <p>(#)</p> <p>(...) 1-15</p> <p>(V/S) (AD) 4</p> <p>(V/S) 10</p> <p>(V/S) 13</p> <p>(V/S) 18</p>	<p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p><i>ausência do ser</i></p> <p></p> <p></p> <p></p> <p></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
eterno é tudo aquilo que vive <u>uma fração de segundo</u> [(V21)	(V/S) 21	
..... <u>é tudo que passou</u> , porque passou (V26)	(V/S) 26	
p.210. <b>ESCADA</b> Na curva <u>desta</u> escada nos amamos, (V1) <u>nesta</u> curva <u>barrôca</u> nos perdemos. (V2)	(V/S) (AD) 1,2	<i>o amor e a perda no poema (escada, curva barroca, caprichoso esquema)</i>
..... E mortos, e <u>proscritos</u> , (V11) <u>de tôda comunhão no século (esta espira (V12)</u> <u>é testemunha, e conta)</u> , que restava (V13) <u>das línguas infinitas</u> (V14)	(V/S) 11,12 (ST) 12 (VS) 13,14 (AD) 13	[espira] <i>cada uma das voltas da espiral ; separação</i>
..... Que restava de nós, (V17) <u>neste jardim</u> ou <u>nos arquivos</u> , que restava (V18) de nós, mas que restava, que restava? (V19) Ai, nada mais restara, (V20) que tudo mais, na alva, (V21) <u>se perdia</u> , e contagiando o canto aos passarinhos, [(V22)	(...) 17-26 (V/S)18 (AD) 17-26	<i>o que resta? resp. p:248 como compor um homem do que restou? p.166</i>
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando (V23) que amor fizera um nôvo testamento, (V24) e suas prendas jaziam sem herdeiros (V25) num pátio branco e áureo de laranjas. (V26)	(V/S) 22	
<u>Aqui</u> se esgota o orvalho, (V27)	(PD) 27	
..... <u>insitíamos em ser</u> , mas nosso espectro, (V29)	(V/S) 29	
..... <u>rosa grimpante</u> e fina (V36)	(V/S) 36	
..... E se este <u>lugar de exílio</u> hoje passeia (V42) <u>faminta imaginação</u> atada aos corvos (V43) de sua própria ceva, (V44) escada, ó assunção, (V45) ao céu alças <u>em vão</u> o alvo pescoço, (V46) que outros peitos em ti se beijariam (V47) sem sombra, e fugitivos, (V48) mas nosso beijo e barba se incorporam (V49) de há muito ao teu ciumento, <u>num lamento</u> . (V50)	(V/S) 42,43 (...) 42-50 (ST) 44  (V/S) 46  (V/S) 50	[ceva] <i>alimento de animais / aquilo que nutre as paixões</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.212.ELEGIA</p> <p>.....</p> <p>na <u>fuga</u> dêste dia que era mil (V6)</p> <p>.....</p> <p>e <u>lá se foi</u> secreto, ao sêrro frio. (V10)</p> <p>Perdi minha alma à flor do dia ou já perdera (V11) bem antes sua vaga pedraria? (V12) Mas quando me perdi, se estou perdido (V13) antes de haver nascido (V14) e me nasci votado à perda (V15) de frutos que não tenho nem colhia? (V16)</p> <p>.....</p> <p>De tantas perdas uma <u>clara</u> via (V18) por certo se abriria (V19)</p> <p>.....</p> <p>As árvores lá fora se meditam. (V21)</p> <p>.....</p> <p>Ah, <u>chega de lamento e versos ditos</u> (V25) ao ouvido de alguém sem rosto e sem justiça, (V26) ao ouvido do muro, (V27) ao liso ouvido gotejante (V28) de uma piscina que não sabe o tempo, e fia (V29)</p> <p>.....</p> <p><u>os olhos policiais</u> do amor-vigia. (V34) Não me procurem que <u>me perdi eu mesmo</u> (V35) espelho de projeto não vivido, (V39)</p>	<p>(AT) (AS)</p> <p>(PD) (AD) 6</p> <p>(PD) 10</p> <p>(...) (AD) 11-16 (AE) 11-12 (AE) 13</p> <p>(V/S) 18 (AE) 19</p> <p>(AD) 21</p> <p>(V/S) 25 (...) 25-27 (AD) 27 (AE) 28 (AE) 29</p> <p>(V/S) 34,35</p> <p>(...) (AD) 39,40</p>	<p><i>na época barroca a poesia é concebida como um exercício de engenho. O poeta procura brilhar pelos ditos "agudos", pelos paradoxos, por analogias e contrastes inesperados, construídos em parte sobre o artifício que consiste em confundir o sentido duplo de certas palavras ( o próprio e o figurado) . A esta arte de conceitos agudos se chamou "conceptismo".</i> A. J. Saraiva</p> <p>→<i>dia/mil (vai durar mil anos extinguir-se na cor do galo?)</i></p> <p><i>subj.se indaga sobre sua perda jóia Gôngora perda do suj.</i></p> <p><i>decepção do suj.</i></p> <p>→<i>independem do suj. que as medite</i></p> <p><i>muro - nosso tempo p.84 água - 122 água que goteja- Nosso tempo 83-</i></p> <p><i>decepção do suj.</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
e contudo viver era tão flamas (V40) .....		
em meio aos <u>oratórios já vazios</u> (V42) em que <u>alma barrôca</u> tenta confortar-se (V43) .....	(V/S) (AE) 42,43	<i>ornatos vazios vazio céu, p.164</i>
Meu Deus, essência estranha (V45) .....	(AS) 45	<i>perder Deus / ganhar-se enqto. potenciali// perder a segurança, a integri//</i>
pois que, eu essência, <u>não habito</u> (V47) <u>vossa arquitetura imerecida:</u> (V48) .....	(V/S) (AD) 47 (VS) 48	<i>habito alguma? p.164</i>
as garras inefáveis: <u>eis que assisto</u> (V51) <u>a meu desmonte</u> palmo a palmo e não me aflijo (V52) de me tornar planície em que já pisam (V53) servos e bois e militares em serviço (V54) da sombra, e <u>uma criança</u> (V55) <u>que o tempo nôvo me anuncia e nega.</u> (V56) .....	(V/S) 51,52 (...) (AE) 51-56  (V/S) 55,56	<i>sub. se desmonta, vira planície, página (cf. Aliança p.160 :Sub. dispõe objetos na página, não é por eles pisados, e mantém-se íntegro)</i>
<u>Terra</u> a que me inclino sob o frio (V57) .....	(V/S) (AD) 57	<i>origem</i>
de <u>espaços luminosos, intocáveis:</u> (V64) em mim o que resiste são teus poros (V65) .....	(V/S) 64 (AD) 65	<i>poros</i>
E sou meu próprio frio que <u>me fecho</u> (V67) <u>longe do amor desabitado</u> e líquido, (V68) .....	(V/S) 67,68 (AD) 68 (AE) 68	<i>desabitado → vazio de quanto amávamos p.164</i>
<u>amor, fonte de eterno frio,</u> (V72) <u>minha pena deserta,</u> ao fim de março, (V73) .....	(VS) 72 (V/S) (AE) 73	<i>→ perda da poesia</i>
E já não sei se é jôgo, ou se poesia. (V75)	(AD) 75	<i>→ porque a poesia é negada a nível semântico → porque assume-se o jogo como possibili// de dizer sem falar de , criando-se um espaço próprio de significação - o paradoxo seria a desistência do falar sobre - sub. se debate no paradoxo (e já não sei).</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.213.CANTO ÓRFICO</p> <p>.....</p> <p><u>Orfeu, dividido, anda à procura</u> (V4) <u>dessa unidade áurea, que perdemos.</u> (V5)</p> <p>.....</p> <p>Mundo desintegrado, tua essência (V6) paira talvez na luz,mas neutra aos olhos (V7) desaprendidos de ver; e sob a <u>pele</u>, (V8) que turva imporosidade nos limita? (V9) De ti a ti, abismo; e nêle, os ecos (V10) de uma <u>prístina</u> ciência, agora exangue. (V11)</p> <p>.....</p> <p><u>que uma perda se forma dêsses ganhos.</u> (V18)</p> <p>Tua medida, <u>o silêncio</u> a cinge e quase a insculpe, [(V19)</p> <p>braços do <u>não-saber</u>. Ó fabuloso (V20) <u>mudo paralítico surdo nato incógnito</u> (V21)</p> <p>.....</p> <p>Amplio (V30) <u>vazio</u> (V31) um espaço estelar espreita <u>os signos</u> (V32) <u>que se farão</u> doçura, convivência (V33) espanto de existir, e mão <u>completa</u> (V34) caminhando surpresa noutro corpo. (V35)</p> <p>.....</p> <p>uma agonia moderna. <u>O canto é branco</u>, (V38) <u>foge a si mesmo, vôos!</u> palmas lentas (V39)</p> <p>.....</p> <p>Orfeu, reúne-te! chama teus dispersos (V42) e comovidos membros naturais, (V43) e límpido reinaugura (V44)</p>	<p>(AT)</p> <p>(VS) 4 (V/S) 5 (AE) 4,5</p> <p>(AE) 6-11  (V/S) 8</p> <p>(AD) 8 (ST) 11</p> <p>(VS) 18</p> <p>(V/S) 19,20</p> <p>(AS) (VS) 21</p> <p>(AD) 30-31 (PD) 31 (V/S) 32-34 (...) (AE) 30-35 (PD) (AD) 34</p> <p>(AD) 38 (V/S) 39</p> <p>(AE) 42-45</p>	<p><i>No barroco: o jogo é poesia</i></p> <p>v. <i>Silviano 2, p.11</i></p> <p><i>X uni // canto / áureos tempos</i> <i>-p.90</i></p> <p><i>a distância do ser em rel. à</i> <i>essência do mundo (integra-</i> <i>ção) pelas limitações do ser</i> <i>(olhos desaprendidos de ver,</i> <i>imporosidade que limita)</i> <i>Os olhos já souberam ver</i> <i>mas desaprenderam a ciência</i> <i>do mundo já foi conhecida</i> <i>(mas exauriu-se); já houve a</i> <i>uni//áurea (mas perdemos)</i> <i>p.164</i> <i>[prístina] antiga</i></p> <p><i>o conheci // do mundo está ve-</i> <i>dado ao ser, há apenas o</i> <i>mistério do mundo.</i></p> <p><i>mundo: vazio</i></p> <p><i>!</i> <i>signo : plenos</i></p> <p><i>agonia moderna=esta tortura</i></p> <p><i>desejo de reunião, reinaugu-</i> <i>ração do ritmo suficiente</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>o ritmo suficiente, que, nostálgico</u> (V45)  .....  uma espera de fustes, assombrada. (V48)  .....  que vão do vão granito à linfa irônica. (V51)  .....  atmosfera do <u>verso antes do canto</u>, (V53)  .....  <u>do universo, latejante</u> (V54)  <u>no primeiro silêncio</u>,(V55)  .....  <u>vazio musical a ser povoado</u> (V59)  .....  a rosa trismegista, <u>aberta ao mundo</u>. (V64)</p> <p>p.215.A LUÍS MAURÍCIO, INFANTE</p>	<p>(VS) 45</p> <p>(AD) 48</p> <p>(AD) 51</p> <p>(V/S) (AD)53</p> <p>(VS) (AE) 54,55</p> <p>(VS) 59</p> <p>(V/S) (AS) 64</p> <p>(#)</p>	<p><i>caule, tronco</i></p> <p><i>água, líquido</i></p> <p><i>já em L.C. <u>a essência é o nome</u> (247)</i></p> <p><i>desejo de integração por um verso anterior à poesia/verso /universo/silêncio→desejo de que o verso não fosse separação, mas integração</i></p> <p><i>trismegisto: três vezes máximo (título dado pelos gregos ao Mercurio egípcio)</i></p>

## A VIDA PASSADA A LIMPO

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.219.<b>POEMA-ORELHA</b>            .....            são <u>notícias humanas</u>. (V32)            .....  <u>que nem distingo eu mesmo</u> (V38)  <u>o vivido e o inventado</u>. (V39)</p> <p style="text-align: center;"><b>NUDEZ</b></p> <p><u>Não cantarei amôres que não tenho</u>. (V1)            e, quando tive, nunca celebrei. (V2)            Não cantarei o riso que não rira (V3)            e que, se risse, ofertaria a pobres. (V4)  <u>Minha matéria é o nada</u> (V5)</p> <p><u>Jamais ousei cantar algo de vida</u>. (V6)            se o canto sai da bôca ensimesmada, (V7)            é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa, (V8)  <u>nem sabe a planta o vento que a visita</u>. (V9)  <u>Ou sabe?</u> Algo de nós acaso se transmite, (V10)</p> <p>mas tão disperso, e vago, <u>tão estranho</u>, (V11)</p> <p>.....  <u>o ouro suposto é nele cobre e estanho</u>. (V13)            .....            nem era amor aquilo que se amava. (V16)            .....  <u>(Não cantarei o mar: que êle se vingue</u> (V20)  <u>de meu silêncio, nesta concha.)</u> (V21)            Que sentimento vive, e já prospera (V22)            .....            de quem <u>vive sua morte?</u> (V25)</p>	<p>(V/S) 32</p> <p>(VS) 38,39</p> <p>(XT) (AT)</p> <p>(VS) 1 (...) (AE)1-4</p> <p>(VS) (AD) 5</p> <p>(AE) 5 (VS) 6 (...) 6-10 (AD) 8 (V/S)9,10 (AD) 9 (AD) 10</p> <p>(V/S) (AD) 11</p> <p>(V/S) (AE) 13 (AD) 13</p> <p>(AE) 16</p> <p>(V/S) 20 (...) 20-21 (AE) 22</p> <p>(V/S) (AE) 25 (AD) 25</p>	<p><i>não cantarei amores</i>      <i>não cantaremos p.49 o amor</i></p> <p><i>paródia</i></p> <p><i>o tempo é a minha matéria p.55</i>  <i>o nada (a morte) como experiência/condição da poesia→ V.E.P.C p.111</i>  <i>acaso .</i>  <i>negação→</i>  <i>dívida qto à transmissão do suj. no poema</i>  <i>estranheza frente à redução (ou dispersão) do ser na representação: o suj. não se reconhece no texto</i></p> <p>[ouro] "ser"            [cobre e estanho ] <i>transformação</i>  <i>não se reconhece o vivido no texto- o vivido vira letra</i></p> <p><i>o que resta?</i></p> <p><i>morte do suj.</i>  <i>Poesia, morte secreta-203</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
..... <u>acaso</u> reunida (V32)	(V/S) 32	
..... Amador de serpentes, minha vida (V34)	(AE) 34	<i>sílaba - serpente</i> <i>poeta - amador de</i> <i>decepção</i>
..... ou se contrai e atrai, <u>além</u> da pobre (V37) área de <u>luz</u> de nossa geometria. (V38)	(V/S) (AE) 37 (V/S) 38	<i>poesia: além de nós</i>
..... e já não brinco a <u>luz</u> . E dou notícia (V50)	(V/S) 50)	
..... desidratados, sublimes <u>ossuários</u> (V55) <u>sem ossos</u> ; (V56)	(V/S)55 (VS) 56,57	
..... <u>a morte sem os mortos; a perfeita</u> (V57) <u>anulação do tempo</u> em tempos vários, (V58)	(AD) 58	<i>anulação do tempo (V. p.164,</i> <i>221.</i> <i>V.p. 144 (presença do tempo)</i>
..... da alma, que é apenas alma, e <u>se dissolve</u> . (V61)		
p.221.AR Nesta bôca da noite, (V1) cheira o tempo a alecrim. (V2) Muito mais trescalava (V3) o incorpóreo jardim. (V4)	(XT) (AE) 1,2  (AE) 3,4	<i>pres.</i>  <i>pas.</i>
Nesta cova da noite, (V5) sabe o gesto a alfazema. (V6) <u>O que antes inebriava</u> (V7) <u>era a rosa do poema</u> . (V8)	(AE) 5,6  (VS) (AE) 7,8	<i>pres.</i>  <i>pas.</i>
Neste abismo da noite, (V9) erra a sorte em lavanda. (V10) Um perfume se amava, (V11) colante, na varanda. (V12)	(AD) 9,10  (AD) 11,12	<i>pres.</i>  <i>pas.</i>
<u>A narina presente</u> (V13) <u>colhe o aroma passado</u> .(V14) Continuamente <u>vibra</u> (V15) <u>o tempo, embalsamado</u> . (V16)	(VS) 13,14 (...) 13-16 (V/S) 15 (VS) 16	
INSTANTE	(#)	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: center;"><b>OS PODÊRES INFERNAIS</b></p> <p>.....  <u>uma aranha invisível é que o tece.</u> (V7)</p> <p>.....  O meu amor é tudo que, morrendo, (V13)  não morre todo, e fica no ar, parado. (V14)</p> <p>p.222. LEÃO MARINHO</p> <p style="text-align: center;">A UM MORTO NA ÍNDIA</p> <p>P.223. A VIDA PASSADA A LIMPO</p> <p>.....  <u>essa alvura de morte lembra amor.</u> (V14)</p> <p style="text-align: center;"><b>SONETOS DO PÁSSARO</b></p> <p style="text-align: center;">I</p> <p>.....  É amor meação? pecúlio? esmola? (V5)</p> <p>.....  <u>é canto (não é ave) sua essência.</u> (V14)</p> <p>p.224. II</p> <p style="text-align: center;"><b>TRÍPTICO DE SÔNIA MARIA DO</b>  [RECIFE</p> <p style="text-align: center;">I</p> <p>p.225. II</p> <p>.....  <u>preciso de outro verso bem diferente</u> (V2)</p> <p>.....  <u>para significar a môça</u> (V6)</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">PROCURA</p>	<p>(XT)</p> <p>(VS) (AD) 7</p> <p>(...) 13-14</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(VS) 14</p> <p>(Duplo XT)</p> <p>(AR) 5</p> <p>(VS) (AS) 14</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(VS) 2</p> <p>(VS) 6</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p>	<p><i>a mosca deglute a aranha</i>  <i>p.203</i></p> <p><i>mear / metade</i></p> <p><i>amor → canto - ausência - ave</i>  <i>→ não-ave - presença -</i>  <i>sexo</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.226.OS MATERIAIS DA VIDA</p> <p style="text-align: center;"><b>CIÊNCIA</b></p> <p>.....  Começo a ver o visto (V4)  <u>e me incluo</u> (V5)  no muro. (V6)</p> <p style="text-align: center;"><b>ESPECULAÇÕES EM TÔRNO DA [PALAVRA HOMEM</b></p> <p>.....  Quando dorme, morre? (V43)  Quando morre, morre? (V44)  A morte do homem (V45)</p> <p>conselha a goma (V46)  que êle masca, ponche (V47)  que êle sorve, sono (V48)</p> <p>p.229.A GOELDI</p> <p>p.230.PRECE DE MINEIRO NO RIO</p> <p>.....  lança <u>teu claro raio ordenador.</u> (V4)</p> <p>.....  Essa mesma, não muito. <u>Balançando</u> (V12)</p> <p>.....  <u>Por vêzes, emudeces.</u> Não te sinto (V17)</p> <p>.....  <u>Minas além do som,</u> Minas Gerais. (V41)</p> <p>p.231.PRANTO GERAL DOS ÍNDIOS</p> <p>p.233.CICLO</p> <p>.....  De repente, sentimos um arco ligando ao céu  [nossa medula, (V14)</p> <p>.....  É agora, o altar está brunido (V16)  e as alfaias cada uma tem seu brilho (V17)</p> <p>.....  As crianças crescem tanto, e continuam (V22)  tão jardim, mas tão jardim na tarde rubra. (V23)</p>	<p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(...) 4-6 (VS) 5</p> <p style="text-align: center;">(...) 43-48</p> <p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(V/S) 4 (V/S) 12 (V/S) 17 (V/S) 41</p> <p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(Triplo XT)</p> <p style="text-align: center;">(AD) 14</p> <p style="text-align: center;">(ST) 16 (ST) 17</p> <p style="text-align: center;">(...) 22-28</p>	<p style="text-align: center;"><i>união</i></p> <p>[brunido] <i>polido</i>  [alfaia] <i>jóia, enfeite</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
São eternas as crianças decepadas, (V24) e lá embaixo da cama seus destroços (V25) nem nos ferem a vista nem repugnam (V26) a êsse outro ser blindado que desponta (V27) de sua própria e ingênua imolação. (V28)		
..... a solércia dos grandes, (V32)	(ST) 32	[solércia] <i>esperteza,</i> <i>velhacaria</i> <i>(cunningness)</i>
..... <u>uma formiga escreve</u> , contra o vento, (V74)	(V/S) 74	
p.235.PACTO	#	
p.236.VÉSPERA		
..... Nem tu sabes, amor, que te aproximas (V5) a passo de veludo. És tão secreto, (V6) reticente e ardiloso, que semelhas (V7) uma casa fugindo do arquiteto. (V8)	(...) 5-8	
p.237.A UM BRUXO, COM AMOR	#	
p.239.INQUÉRITO	#	
p.240.A UM HOTEL EM DEMOLIÇÃO		
..... (Pois eras bem longo, Hotel, e no teu bôjo (V25) o que era nojo se sorria, em pó, contigo. ) (V26)	(...) 25-27	
<u>O tardo e rubro alexandrino decomposto.</u> (V27)	(VS) 27	
..... <u>Eras o Tempo e presidias</u> (V81)	(V/S) 81	
..... <u>Estavas no centro do Brasil.</u> (V89)	(VS) 89	
..... <u>Que fazer do relógio</u> (V130)	(VS) 130	
..... <u>êste verso tatuado</u> (V162)	(VS) 162	
..... <u>ó relógio hoteleiro</u> (V170) <u>deus do cauto mineiro,</u> (V171) <u>silêncio,</u> (V172)	(VS) 170-173	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><u>prudência</u>. (V173) ,  .....  que das próprias estilhas (V180)  .....  Já te lembrei bastante sem que amasse (V258)  uma pedra sequer de tuas pedras (V259)  <u>mas teu nome-</u> AVENIDA- caminhava (V260)  <u>à frente de meu verso e era mais amplo</u> (V261)</p>	<p>(ST) 180  (...) 258-261  (V/S) 260,261</p>	<p>[estilhas] <i>lascas</i></p>

## LIÇÃO DE COISAS

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<b>ORIGEM</b>		
<b>A PALAVRA E A TERRA</b>	(Duplo XT)	
<b>I</b>		
..... <u>lá onde eu existo</u> (V12)	(VS) 12	
<b>II</b>		
..... <u>O que se libertou da história,</u> (V5) <u>ei-lo se estira ao sol, feliz.</u> (V6) <u>Já não lhe pesam os heróis</u> (V7) <u>e, cavalhada morta, as ações.</u> (V8)	(VS) 5 (...) 5-8 (VS) 7,8	
<u>Agora divisou a traça</u> (V9) <u>preliminar a todo gesto.</u> (10) <u>Abre a primeiríssima porta,</u> (V11) <u>era tudo um problema certo.</u> (V12)	(...) 9-12	
<b>III</b>		
<u>Bem te conheço, voz dispersa</u> (V1) <u>nas quebradas,</u> (V2) <u>manténs vivas as coisas</u> (V3) <u>nomeadas.</u> (V4)	(VS) 1-4 (AR)	<i>a "voz dispersa" que mantém viva as "coisas nomeadas e a terra = palavra num poema (IV) composto de nomes de árvores e plantas (metonimica // realização do projeto poético = flor)</i>  <i style="text-align: right;">Vilma</i>
..... <u>se a essência</u> (V8) <u>é o nome, segrêdo egípcio que recolho</u> (V9) <u>para gerir o mundo no meu verso?</u> (V10) <u>para viver eu mesmo de palavra?</u> (V11) <u>para vos ressuscitar a todos, mortos</u> (V12) <u>esvaídos no espaço, nos compêndios?</u> (V13)	(VS) 8 (...) 9-13  (VS) (AD) 11	<i>Cf. Convívio p.190</i>
p.247. <b>IV</b>	(#)	
<b>V</b>		
<u>Tudo é teu, que enuncias.</u> Tôda forma (V1)	(V/S) 1	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<u>E a palavra, um ser</u> (V5) <u>esquecido de quem o criou, flutua,</u> (V6) reparte-se em <u>signos</u> -Pedro, Minas Gerais, bene- [ditino- (V7) <u>para incluir-se no semblante do mundo.</u> (V8)	(VS) (AS) 5,6 (V/S) 7 (VS) (AD) 8	<i>palavra independente do suj.</i>  <i>anulação da oposição  mundo X palavras</i>
..... <u>E a terra, palavra espacial, tatuada de sonhos,</u> (V11)	(V/S) (AE) 11	<i>fundação do espaço da pala-  vra</i>
<p style="text-align: center;"><b>VI</b></p> Onde é Brasil? (V1)	(AT) (AB) 1	<i>VI-perguntas  "nenhum Brasil existe" - 37</i>
..... <u>Que importa êste lugar</u> (V5) se todo lugar (V6) é ponto de ver e não de ser ? (V7) <u>E esta hora,</u> se tôda hora (V8) já se completa longe de si mesma (V9) e te deixa mais longe da procura? (V10)	(VS) 5 (AD) 7 (V/S) 8	<i>ver , não ser</i>
<u>E apenas resta</u> (V11) <u>um sistema de sons</u> que vai guiando (V12) o gosto de dizer e de sentir (V13) <u>a existência verbal</u> (V14) a eletrônica (V15) <u>e musical figuração das coisas?</u> (V16)	(PD) (AD) 11 (V/S) 12 (AE) 5-16 (VS) 14 (VS) 16	<i>o que resta: a palavra</i>  <i>Brasil- negação de 1 espaço  real e afirmação da "existên-  cia verbal"</i>
p.248. <b>MEMÓRIA</b>		
<p style="text-align: center;"><b>TERRAS</b></p>		
..... <u>pronunciar os nomes</u> (V5) <u>era tocá-las</u> (V6)		
FAZENDA	(#)	
O MULADEIRO	(#)	
p.249. O SÁTIRO	(#)	
<p style="text-align: center;"><b>A SANTA</b></p>		
..... Por que Deus é horrendo em seu amor ? (V6)	(AD) 6	<i>pergunta final  -Por que Deus se diverte cas-</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: center;">VERMELHO</p> <p>p.250.ATO</p> <p style="text-align: center;"><b>O PADRE, A MÔÇA</b></p> <p>.....</p> <p><u>diabo em forma de gente, sagrado.</u> (V13)</p> <p>.....</p> <p><u>Perdoai-nos, padre, porque vos perseguimos.</u> (V49)</p> <p>.....</p> <p><u>levando o Cristo e o Crime no alforje</u> (V51)</p> <p>.....</p> <p><u>porque Deus tomou o partido do padre.</u> (V59)</p> <p>Em cem léguas de sertão (V60)  é tudo estalar de joelhos (V61)  no chão, (V62)  é tudo implorar ao padre (V63)  que não leve outras meninas (V64)  para seu negro destino (V65)  ou que as leve tão de leve (V66)  que ninguém lhes sinta a falta (V67)  amortalhadas, dispersas (V68)  na escuridão da batina. (V69)  Quem tem sua filha môça (V70)  padece muito vexame; (V71)  contempla-se numa poça (V72)  de fel em cêrca de arame. (V73)</p> <p><u>Mas se foi Deus quem mandou?</u> (V74)  Anhos imolados (V75)</p> <p>.....</p> <p>ou fui eu que te dei o que era dável? (V111)</p> <p>.....</p> <p>e queres libertar-te? <u>Padre, fala!</u> (V120)  <u>Ou antes, cala. Padre, não me digas</u> (V121)</p> <p>.....</p> <p>Que repórteres são êsses (V124)  entrevistando um silêncio? (V125)  O <i>Correio, Globo, Estado</i>, (V126)  <i>Manchete, France-Presse, telef</i> (V127)</p>	<p style="text-align: center;">(#)</p> <p>(VS) 13</p> <p>(VS) 49</p> <p>(VS) 51</p> <p>(VS) (AE) 59</p> <p>(...) 59-74</p> <p>(VS) 74</p> <p>(ST) 75</p> <p>(AE) 111</p> <p>(V/S) 120</p> <p>(VS) (AE) 121</p> <p>(...) 124-144</p>	<p><i>tigando? 254</i></p> <p><i>resposta vira pergunta</i></p> <p>[anhos] <i>agnus</i></p> <p><i>perguntas</i></p> <p><i>resposta é calada</i></p>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>otografando o invisível ? (V128)            Quem alça (V129)            a cabeça pensa (V130)            e nas pupilas rastreia (V131)            uma luz de danação (V132)            mas a luz fosforescente (V133)            responde não? (V134)            Quem roga ao padre que pose (V135)            e o padre posa e não sente (V136)            que está posando (V137)            entre sêcas oliveiras (V138)            de um jardim onde não chega (V139)            o retintim dêste mundo? (V140)            E que vale uma entrevista (141)            se o que não alcança a vista (142)            nem a razão apreende (V143)            é a verdadeira notícia? (V144)</p>	(AE) 133-144	<i>perg.</i>
<p>.....            Urro (V204)            de fera (V205)            fúria (V206)            de burrinha (V207)            grito (V208)            de remorso (V209)            choro de criança ? (V210)</p>	(...)(AE) 204-212	<i>perguntas → 149</i>
<p>Por que Deus se diverte castigando? (V211)            Por que degrada o amor sem destruí-lo? (V212)</p>		
<p>.....            Que coros Tão ardente se desatam (V290)            em feixes de inefável claridade? (V291)</p>	(AE) 290-291	<i>feixe de perguntas</i>
<p>p.256.       <b>MASSACRE</b></p>	(#)	
<p>p.257.       <b>OS DOIS VIGÁRIOS</b></p>		
<p>.....            Seria por Padre Júlio? (V64)            Valorizava-se o inferno? (V65)</p>	(AD) 64-65	<i>perg. : a dúvida</i>
<p>.....            que <u>não se sabe até hoje</u> (V97)</p>	(AE) 97	<i>variação da pergunta: <u>não se sabe</u></i>
<p>p.258.       <b>REMATE</b></p>	(#)	

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p><b>LAVRA</b></p>		
<p><b>DESTRUIÇÃO</b></p>	(XT)	
<p>..... Dois amantes que são? Dois inimigos. (V4)</p>	(AE) 4	<i>pergunta c/ resposta</i>
<p>p.259. <b>MINERAÇÃO DO OUTRO</b></p>		
<p>..... <u>Como saber</u>, como gerir um corpo (V2) alheio? (V3)</p>	(V/S) 2 (AD) 2,3	<i>perg. s/ resp.</i>
<p>..... Viver-não, viver-sem, como viver (V12) sem conviver, na praça de convites? (V13)</p>	(AD) 12,13	<i>perg. s/ resposta</i>
<p>..... -pergunta o amante curvo <u>à noite cega</u>. (V25) <u>e nada lhe responde</u>, ante a magia : (V26)</p>	(PD) (AD) 25 (V/S) 26	<i>pergunta s/ resp. (explic.)</i>
<p><b>AMAR-AMARO</b></p>		
<p>Por que amou por que almou (V1)</p>	(AD) 1	<i>poema-pergunta</i>
<p>..... irm (ã, o) retrato espéculo por que amou? (V13)</p>	(AE) 13	<i>pergunta s/ resposta</i>
<p>p.260. <b>COMPANHIA</b></p>		
<p><b>ATAÍDE</b></p>	(#)	
<p>p.261. <b>MÁRIO LONGÍNQUO</b></p>		
<p>..... Mário assombração, Mário problema? (V12)</p>	(AD) 12	<i>pergunta s/ resp.</i>
<p>p.262. <b>A CARLITO</b></p>		
<p>..... <u>e desligado de ti e da rêde internacional de cinemas</u>. [(V23) <u>o mito cresce</u> (V24)</p>	(VS) 23,24 (AE) 24	<i>o mito desligado do pai</i>
<p>..... feridos do pesadelo cotidiano. (V26) O mundo vai acabar pela mão dos homens? (V27) A vida renega a vida? (V28) Não restará ninguém para pregar (V29) o último rabo de papel na túnica do rei? (V30) Ninguém para recordar (V31) que houve pelas estradas um errante poeta desen-</p>	(...) 28-35 (AD) 26-33	<i>pergunta s/</i>

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p style="text-align: right;">[gonçado, (V32) a todos resumindo em seu despojamento ? (V33)</p> <p>p.263.     <b>A MÃO</b></p> <p>p.264. <b>CIDADE</b></p> <p style="text-align: center;"><b>POMBO CORREIO</b></p> <p>..... Seria o Exército em manobras (V8) ou simplesmente (V9) trazia os recados de ai! amor (V10) à namorada do tenente em Aldeia Campista? (V11) ..... Como o correio (as vezes) esquece cartas, (V36) teria o pombo esquecido (V37) a razão de seu vôo? (V38) Ou sua razão seria apenas voar (V39) baixinho sem mensagem como a gente (V40) vai todos os dias à cidade (V41) e sòmente algum minuto em cada vida (V42) se sente repleto de eternidade, ansioso (V43) por transmitir a outros sua fortuna? (V44) ..... <u>e há perguntas na Rua Noel Rosa (V47)</u> <u>e em tôda parte sem resposta. (V48)</u></p> <p>p.265.     <b>CAÇA NOTURNA</b></p> <p><u>No escuro (V1)</u> <u>o zumbido gigante do besouro (V2)</u> ..... Que <u>avião</u> é êsse, levando para Teerã (V4) ..... <u>Vai o ouvido apurando (V9)</u> ..... da <u>noite em branco. (V16)</u> ..... São as eletrobombas em serviço. (V17)</p>	<p style="text-align: center;">(#)</p> <p style="text-align: center;">(AE) (...) 8-11</p> <p style="text-align: center;">(...) (AD) 36-44</p> <p style="text-align: center;">(VS) (AD) 47,48</p> <p style="text-align: center;">(XT) (AT)</p> <p style="text-align: center;">(PD) 1 (VS) 2</p> <p style="text-align: center;">(V/S) (AD) 4</p> <p style="text-align: center;">(VS) 9 (AS)</p> <p style="text-align: center;">(V/S) 16</p> <p style="text-align: center;">(AE)</p>	<p style="text-align: center;"><i>perg. s/</i></p> <p style="text-align: center;"><i>perguntas s/</i></p> <p style="text-align: center;"><i>→ processo explicitado</i></p> <p style="text-align: center;"><i>som gigante/ insonia - inseto -avião</i></p> <p style="text-align: center;"><i>pergunta</i></p> <p style="text-align: center;"><i>sons gigantes - pergunta- -resposta : a vida gemido - pergunta -resposta : o poema</i></p> <p style="text-align: center;"><i>resposta</i></p>



POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
O BÔLO	(#)	
OS MORTOS	(#)	
<p><b>ANIVERSÁRIO</b>  <u>Um verso</u>, para te salvar (V1)  de esquecimento sôbre a terra? (V2)  .....  <u>o verso lembraria apenas</u> (V4)  <u>esta força de esquecimento</u>, (V5)</p>	<p>(XT)  (V/S) 1  (AD) 2    (VS) 4,5</p>	<p><i>perg.</i></p>
p.270. CARTA	(#)	
<p><b>PARA SEMPRE</b>  por que Deus permite (V1)  que as mães vão-se embora? (V2)</p>		
MUNDO		
<p><b>VI NASCER UM DEUS</b>  .....  ...na manjedoura? (V39)  no presépio? (V40)</p>	(AE) 39,40	<p><i>perg.</i></p>
p.273. A BOMBA	(#)	
p.277. PALAVRA	(AT)	<p><i>"relações privilegiadas em detrimento de seus termos"</i></p>
ISSO É AQUILO	(#)	<p><i>(Vilma)</i></p>

#### 4 POEMAS

POEMAS	CONVENÇÕES	ANOTAÇÕES
<p>p.279.A MÚSICA BARATA</p> <p>CERÂMICA</p> <p>DESCOBERTA</p> <p>INTIMAÇÃO</p> <p>.....</p> <p>Em nome de que lei? (V2)</p> <p>Acaso lei sem nome? (V3)</p>	<p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(#)</p> <p>(AD) 2,3</p>	<p><i>perg.</i></p>

# MÃOS DADAS

- a matéria do poema: tempo presente
- o poema diz do seu tempo, fala do mundo, do real
- Função comunicativa, transitiva: o real VNE no texto a lgem. como expressão de uma problemática social
- o poeta como homem social (ligado aos companheiros)
- poema fala de uma opção ideológica, dentro deste pressuposto

NÃO CANTAR

x

CANTAR



passado  
futuro  
evasão



presente →  
compromisso  
denúncia

Temas

capitalismo
guerra
fascismo
mecanização
desumanização
exploração de classe
utopia →
anunciar



função do poema,  
arma/instrumento de  
luta

- poema

*NOSSO TEMPO*, p. 86

*A noite dissolve os homens*, p. 57

*A Flor e a Náusea*, p. 79

*Congresso Internacional do Medo*, p. 49

## FRAGILIDADE

- marca a cisão
- o verso não atinge, não recupera as coisas.
- o real é inatingível, é um impossível
- a escritura é perda
- escrever é dissipar o real (ler Ontem)
- imagens em que o real foge  
se imobiliza
- é

## A PALAVRA E A TERRA

- afirmação de um espaço de "existência verbal" X o desespero do "nada-nesta no poema".
- se há o "sacrifício da existência à palavra", de que falam os textos da perda, há tbém "consagração da existência pela palavra"



A voz (o poema) mantém viva as coisas nomeadas  
o poeta vive de palavra  
os mortos (vivos e mortos) ressuscitam no poema

## CONCLUSÃO

NÃO-POESIA \_\_\_\_\_ POESIA



*O poema sabe o que não é poesia  
não sabe o que o poema diz, instalando o modo  
interrogativo fundamental*

*deseja o silêncio, a não-palavra = alegria*

*ou*

*" um verso maior que os literários "*

*( p.171)*

*" obsessão por aquilo que está para lá das palavras,  
e que as palavras designam sem atingirem "*

*Nudez p. 219*

# BIBLIOGRAFIA

## 1. de Carlos Drummond de Andrade

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião : 10 livros de Poesia. 1ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1969.
- \_\_\_\_\_. Nova Reunião: 19 livros de Poesia. 2v. Rio de Janeiro, Olympio Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. Carlos Drummond de Andrade Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

## 2. de Ana Cristina Cesar

- CESAR, Ana Cristina. Inéditos e Dispersos. Org. e Introd. Armando Freitas Filho, 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_. A teus pés. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. Escritos da Inglaterra. Trad. Maria Luíza Cesar, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. Literatura não é documento. Rio de Janeiro, Funarte, 1980.
- \_\_\_\_\_. Escritos no Rio. Org. e Pref. Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, São Paulo, Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Tédio Machadiano". Leia Livros, São Paulo, 15/05 a 14/06 de 1981.
- \_\_\_\_\_. "Contatos Imediatos do 3º Grau". Leia Livros, São Paulo, Julho de 1981, p. 5-6.
- \_\_\_\_\_. "O narrador fracassa e pede perdão". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24/10/1976.
- \_\_\_\_\_. "Romance e História". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12/12/1976.

- \_\_\_\_\_. "Mestre Amigo". Veja, São Paulo, Abril, 15/04/1981, p.97.
- \_\_\_\_\_. "Só para homens". Veja., São Paulo, Abril, 01/07/1981.
- \_\_\_\_\_. "Um rito de passagem". Opinião, Rio de Janeiro, 19/11/1975.
- \_\_\_\_\_. "Anarquia Feliz". Veja, São Paulo, Abril, 10/06/1981, p.101.

### 3.Geral

- ANTELO, Raúl. Na Ilha de Marapatá. São Paulo, Hucitec, 1986.
- BARBOSA, Rita de Cássia. Carlos Drummond de Andrade. Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico. São Paulo, Abril Educação, 1980.(Literatura Comentada)
- BARBOSA, João Alexandre. A Metáfora Crítica. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BARTHES, Roland. O grão da voz. Tradução de Teresa Meneses e Alexandre Melo. Lisboa, Edições 70, 1982.
- \_\_\_\_\_. O Rumor da Língua. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. O Prazer do Texto. Tradução de Maria Margarida Barahona. 2ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.
- BENNET, Jean Claude. "Le Fantasma de l'écrivain". Poétique nº 63, Paris, Seuil, 1985.
- BLOOM, Harold. A Angústia da Influência : uma teoria da poesia . Tradução de Arthur Nestrowski. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- BORGES, Jorge Luís. "Pierre Menart, autor del Quijote". in Ficciones. Barcelona, Editorial Planeta - De Agostini S.A., 1985.
- \_\_\_\_\_. "La Biblioteca de Babel" in Ficciones. Barcelona, Editorial Planeta - De Agostini S.A., 1985.
- \_\_\_\_\_. O Aleph. Tradução de Flávio José Cardozo. 7ª ed. São Paulo, Editora Globo, 1989.
- BOSI, Alfredo. Céu, Inferno. Ensaio de Crítica Literária e Ideológica. São Paulo, Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. O ser e o tempo da poesia. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1977.
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Atrás dos Olhos Pardos : Uma Leitura da Poesia de Ana Cristina Cesar. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, (Tese de Doutorado), 1990.

- \_\_\_\_\_. "E elas leram ...", in Travessia nº 21. Florianópolis, Editora da UFSC, 2º semestre 1990, p.160-171.
- CAMPOS, Haroldo. Metalinguagem & Outras Metas. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antonio. "Inquietudes na Poesia de Drummond". in Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.95-122.
- CONTRERAS, Félix. "Luiz M. Antezana : la lectura, patio de las letras " in Casa de las Américas nº 152, Septiembre/Octubre, 1985, p.145-147.
- COSTE, Didier. "Trois conceptions du lecteur et leur contribution a une théorie du texte littéraire". Poétique nº 43. Paris, Seuil, 1980. p. 354-371.
- CULLER, Jonathan. De la deconstrucción : teoria y crítica después del estructuralismo. Madrid, Catedra, 1984.
- DANTAS, Vinicius. "A Nova Poesia Brasileira". Novos Estudos CEBRAP, nº 11. São Paulo, CEBRAP, Dezembro 1986, p.40-53.
- DUMONCEL, Jean Claude. "Je est un autre". Poétique nº 56. Paris, Seuil, Novembre, p.483-484.
- ELIOT, T. S. Ensaio. Tradução, Introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo, Art Editora, 1989.
- FERREIRA, Edda Arzúa. O texto literário : a prática de interpretação. Florianópolis, Editora da UFSC/ Lunardelli, 1983.
- FORTINI, Franco. O Movimento Surrealista. Tradução de Antonio Ramos Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- FOUCAULT, Michel. O Homem e o Discurso. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971.
- \_\_\_\_\_. "La escritura de si". in Los Senderos de Foucault. Abraham, Tomás (org.), Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1989, p.175-189.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias del yo. Barcelona, Editora Paidós Ibérica S/A, 1990.
- \_\_\_\_\_. El orden del discurso. Tradução de Alberto González Troyano. Barcelona, Tusquets Editores S/A, 1970.
- \_\_\_\_\_. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. brasileira, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. As palavras e as coisas. Tradução de Salma T. Michail. 4ª ed. brasileira, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler : em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1989.
- GALVES, Charlotte. O texto : Escrita e Leitura. São Paulo, Pontos, 1988.

- GANDOLFO, Elvio E. "¿ Menores ? . Un dictamen desde el estrado", in Lecturas Críticas- Revista de Investigación y teoría literárias nº 2 , Argentina, Julio de 1984, p.52-54.
- GULLAR, Ferreira. Antologia Poética. 3ª ed. São Paulo, Summus, 1979.
- KLEIMAN, Ângela. Aspectos Cognitivos da Leitura. São Paulo, Pontes Editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. Leitura, ensino e pesquisa. São Paulo, Pontes, 1989.
- KRISTEVA, Júlia. Introdução à Semanálise . Tradução de Lúcia França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 1974.
- HOUAISS, Antonio. Drummond mais Seis Poetas e um Problema. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. Impressões de Viagem. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. & PEREIRA, Carlos Alberto M.. Patrulhas ideológicas. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- LAPACHERIE, Jean Gérard . "Ecriture et lecture du calligramme". Poétique 50. Paris : Seuil, 1982, abril, p. 194-202.
- LEITE, Sebastião Uchoa. Participação da Palavra Poética . Rio de Janeiro, Vozes, 1966.
- LIMA, Luis Costa. Lira e antilira : Mario, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- LIMA, Regina Helena C. S. O desejo na poesia de Ana Cristina Cesar. Escritura de t(e)s . São Paulo, Anna Blume, 1993.
- LUDMER, Josefina. "Un genero es siempre un debate social", Lecturas Críticas, Revista de investigacion y teoria literárias, Argentina , nº 2, Júlio de 1984, p. 46-51.
- MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas : 1940 - 1965. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- MERQUIOR, José Guilherme. Verso Universo em Drummond, 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- MONEGAL, Emir R. Borges. A poética de leitura. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980.
- MORAES, Emanuel de. Drummond - Rima Itabira Mundo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. São Paulo : Campinas, Cortez, UNICAMP, 1988.

- PAZ, Otávio. O arco e a lira. Tradução de Olga Savary. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. Os filhos do barro : do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. Retrato de época : poesia marginal anos 70. Rio de Janeiro, Funarte, 1981.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Roland Barthes. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. Texto , crítica, escritura. São Paulo, Ática, 1978 .
- PICARD, Michel. "La lecture comme jeu". Poétique, nº 58, Paris, Seuil, 1984, p.253-263.
- PIGNATARI, Décio. Informação, linguagem e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1986.
- \_\_\_\_\_. O que é comunicação poética? São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
- PROUST, Marcel. Sobre a leitura. Tradução de Carlos Vogt, 2ª ed. , Campinas, Pontes, 1991.
- ROCCO-CUZZI, Renata & TAMBORENEA, Monica. "La carta contra el genero ", in Lecturas Críticas, revista de investigación y teoria literárias, nº 2, Argentina, Julho de 1984, p.16-21.
- ROUSSET, Jean. "Le journal intime, texte sans destinataire ? " Poétique, nº 56, Paris, Seuil, 1983, p.435-443.
- RUBIONE, Alfredo V. E. "Sobre una Trayectoria Marginal : los generos menores". Lecturas Críticas - Revista de investigacion y teoria literária. nº 2, Argentina, julho de 1984, p. 35-45.
- SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética : Uma introdução. São Paulo, Educ, 1992.
- SANT ' ANNA, Affonso Romano de. Carlos Drummond de Andrade : Análise da Obra. 3ª ed.. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1972.
- SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. Carlos Drummond de Andrade, poetas modernos do Brasil. 14. Orientação e Coordenação de Affonso Ávila, Petrópolis, Vozes, 1976.
- \_\_\_\_\_. "Singular e anônimo " in Nas malhas da letra. São Paulo , CIA das Letras, 1989.
- SARTRE, Jean Paul. As Palavras. tradução de F. Guinsburg., 4ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

- \_\_\_\_\_. Que é a literatura? Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Ática, 1989.
- SIMON, Iumna Maria. Drummond : uma poética de risco. São Paulo, Ática, 1978.
- \_\_\_\_\_. & DANTAS, Vinicius. "Poesia ruim-sociedade pior". Novos Estudos CEBRAP, nº 12, São Paulo, junho de 1985, p. 48-61.
- SÜSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- TELES, Gilberto Mendonça. Drummond - A estilística da repetição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.